REVISTA TRIMENSAL
DE
HISTORIA E GEOGRAPHIA.
OU
JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO,

N.° 23. OUTUBRO DE 1844.

COLLECÇÃO

DAS MEMORIAS ARCHIVADAS PELA CAMARA DA VILLA DO SABARA',

Compillada por Manuel Josè da Silva Pontes socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brasil,

---

Resumo da Memoria apresentada pelo 2.° Vereador da Camara da Villa do Sabará no anno de 1785, em observancia da Ordem Regia de 20 de Julho de 1782, acompanhado de observações do Compilador.

« Arrogando Manoel de Borba Gato o titulo de governador de Minas pelo privilegio de ter sido descobridor d'ellas, unido com Valentim Pedroso de Barros, e outros, que haviam subido da capitania de S. Paulo, procedeu n'aquelle despotico governo commum desvio total d'aquellas prudentes maximas, que devem ser inseparaveis da conducta, e da pessoa de quem tem a seu cargo semelhante regencia. Por isso fatigados os povos de soffrer involuntarios os pesados effeitos de um comportamento irregular, desde o anno de 1698 até o de 1708, elegeram á pluralidade de votos para seu chefe, com o titulo de capitão regente, a Manoel Nunes Vianna, homem branco e europeu. E aceitando elle a nomeação e o cargo, arbitrariamente conferido por aquelles povos, emprehendeu logo a expulsão dos paulistas do continente de Minas, e conseguindo indisputavelmente o dito empenho por força do grande auxilio de armas, com que foi soccorrido de todos os habitantes do paiz, que forçadamente supportava o intruso governo de Borba, continuou

na regencia, até que por ordem da côrte chegou a estas Minas o Illm. e Exm. Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, a quem prompta e submissamente entregou o governo, prestando-lhe todos os obsequios devidos a um verdadeiro delegado do Soberano. Eu não individúo muitos factos acontecidos com os paulistas e europeus, durante a regencia de Vianna, porque serviriam de escandalo á posteridade; sendo demonstrativos da irreligião, com que viviam os homens, occupados unicamente da ambição do ouro.... »

O governador, lançando a vista sobre o pequeno ambito da povoação, que tinha a capitania, e reconhecendo que o territorio, que hoje fórma o corpo d'esta villa, havia de ser uma parte bem florente da capitania, o erigiu em villa no anno de 1711, derivando o nome de Sabará de um pequeno rio assim chamado, que, tendo o seu nascimento em uma serra, á qual os paulistas deram o nome de Sabaraboçú, vem fazer barra no Rio das Velhas.... Para crear as novas justiças expediu uma provisão em data de 20 de Julho do mesmo anno, na qual nomeou juizes ordinarios a José Quaresma Franco, e a Clemente Pereira de Azeredo Coutinho, auctorisando-os para elegerem os vereadores e procurador da camara. Deu depois conta a El-Rei, o qual approvou a medida pela carta régia de 31 de Outubro de 1712. »

Julgando tambem necessaria a presença de um magistrado n'este lugar, expediu portaria com a data de 8 de Outubro de 1711, para que o desembargador Gonçalo de Freitas Baracho, que viéra da côrte provido no lugar de ouvidor do Rio das Mortes, passasse a servir tambem de ouvidor e corregedor da comarca do Rio das Velhas, substituindo assim a falta do Dr. João de Moraes, que, sendo nomeado para exercer o dito cargo, falleceu antes de tomar posse.

N'este mesmo anno da erecção da villa do Sabará, foi invadida a cidade do Rio de Janeiro por uma armada franceza; e como esta capitania abundava de vassallos valorosos, e que antepunham a defesa do Estado aos proprios bens, e estes sentimentos eram notorios ao governador e capitão general, elle se dispôz á ir soccorrer a dita praça,

levando com sigo os juizes ordinarios, e muitos vassallos que não só dedicaram suas pessôas, mas tambem seus escravos, depois de encarregar a governança aos officiaes da camara, e ao coronel José Corrêa de Miranda, que era superintendente n'esse tempo.

Este excesso de fidelidade fez tanta impressão no animo do rei, que dirigiu uma carta régia á camara, agradecendo aos povos o grande amor e distincta fidelidade, com que se tinham portado na voluntaria diligencia de soccorrer a praça do Rio, sem repararem nos prejuizos domesticos; e promettendo aos mesmos povos eterna lembrança de tão relevantes serviços, para serem sempre attendidos, tanto no augmento commum, como no particular de cada um.

Conseguida a evacuação dos francezes, Albuquerque continuou no exercicio de seu emprego, e os habitantes d'esta villa na extracção do ouro; e como os productos d'esta industria compensavam bem o trabalho, entrou a florescer a população, e o commercio com a tranquillidade publica, que deveu-se em grande parte á administração do 2.º ouvidor Luiz Botelho Fogaça.

Findo o tempo d'este ministro, foi despachado para succeder-lhe o Dr. Bernardo Pereira de Gusmão, que tomou posse aos 2 de Outubro de 1717, quando já governava a capitania D. Braz Balthazar da Silveira.

N'este tempo estava ainda a cargo da camara a arrecadação do quinto; e não deixando a negligencia dos antigos monumentos, d'onde conste o tempo, em que este imposto foi estabelecido, ha com tudo tradição de que importava 30 arrobas de ouro por anno, derramadas sobre os habitantes mais influentes, e cobradas por cabeça de negro mineiro, o que o fez distinguir este imposto pelo nome de quinto por batêa.

Entendendo porém D. Braz da Silveira que esta somma não correspondia ao quinto do ouro extrahido, convocou as camaras, e em junta celebrada em Villa Rica assentou-se augmentarem-se mais 10 arrobas; mas, como esse augmento pesava muito sobre os que possuiam negros, tambem resolveu-se que fosse lançado sobre os negros e fazendas, que do Rio, e de S. Paulo entravam n'estas Minas.

Estabelecido assim o meio de se impôr, e arrecadar o accrescimo do quinto, continuou até que o governador conde

de Assumar reduzisse a contracto a renda das 10 arrobas, impondo a cada carga de molhados meia oitava—a cada arroba de fazenda secca tres quartos—a cada boi uma oitava —a cada cavallo duas oitavas—a cada negro quatro oitavas.

Como n'este tempo as Minas já se achavam muito povoadas, em razão da facilidade, com que se extrahia ouro em abundancia, el-rei D. João 5.º quiz dar fórma mais regular á cobrança do quinto, e tal que difficultasse o extravio do ouro; mandou por isso estabelecer casa de moeda e fundição.

Houveram porém vassallos tão temerarios, que se oppuzeram, reunindo-se alguns amotinados, ao que se deu o nome de levante de Paschoal da Silva. A medida, que o governador adoptou contra esses sediciosos, posto que efficaz, foi tão violenta e sanguinaria, que o governo de S. Magestade mandou logo rendel-o por D. Lourenço de Almeida. Este governador porém estabeleceu, sem opposição dos moradores, a casa da moeda e fundição na capital, em o anno de 1724 para 1725, tempo em que era ouvidor d'esta comarca o Dr. Mathias Pereira de Sousa, que havia succedido ao Dr. José de Sousa Valdez.

Crescendo notavelmente a população e o commercio n'esta villa e seu termo, mandou S. Magestade crear o lugar de Juiz de Orphãos triennal; e executada esta ordem pelo provedor Diogo Cotrim de Sousa, que havia succedido ao Dr. Mathias Pereira, sahiu eleito juiz de orphãos o Dr. Timotheo Cardim, o qual tomou posse no 1.º de Janeiro de 1732.

Erigindo-se por alguns poderosos associados uma casa de moeda no districto da Paraopeba, e denunciando-se este attentado ao Dr. Ouvidor Cotrim; foi este pessoalmente cercar e prender seus auctores e operarios. O resultado foi a prisão de Ignacio de Sousa e outros interessados; e o confisco de muitas barras e grande quantidade de ouro em pó.

O governo inteirado d'estes acontecimentos mandou suspender os trabalhos da casa da moeda e fundição, adoptando para arrecadação do quinto o imposto da capitação. Para erigir o novo estabelecimento despachou logo a Martinho de Mendonça de Pina e Proença, com subordinação ao novo governador, conde de Galvêas, no anno de 1733, quando já era ouvidor d'esta comarca o Dr. Balthazar de Moraes Sarmento.

Tendo, Martinho de Mendonça girado pelas comarcas da capitania, para obter os dados precisos; logo que voltou á capital convocou-se uma junta dos procuradores das camaras e propondo-se o novo methodo de arrecadação, os procuradores não puderam dar seu consentimento. Por isso, e porque o governador mostrou-se inclinado a approvar o voto d'estes representantes, resolveu-se representar-se tudo a S. Magestade, e estabelecerem-se interinamente 4 casas de fundição nas 4 comarcas, presididas pelos mesmos ministros, que havião sido encarregados da intendencia da capitação, com a clausula de se obrigarem as camaras em nome dos povos, que administravam, a segurarem 100 arrobas de quinto por anno, e de correr o ouro a 1$320 por oitava, para evitar-se o extravio.

Estabelecido este methodo de arrecadação provisoria, Martinho de Mendonça conheceu logo que nao era sufficiente, porque descobriu casas de fundição clandestinas, sendo a principal d'ellas a de João Ferreira dos Santos, no Rio das Mortes. E como a conta, que se deu em junta, foi talvez recebida ao mesmo tempo que outra, dada por Martinho de Mendonça sobre as casas falsas de fundição, el-rei resolveu que se estabelecesse a capitação.

Principiou, portanto, este imposto no 1.º de Julho de 1735, sendo governador d'esta capitania Gomes Freire de Andrade, dividindo-se a sua arrecadação d'ahi por diante em dois semestres. Aquelles que possuiam escravos, eram obrigados a pagar por cada um no fim do semestre duas oitavas um quarto e quatro vintens: não pagando logo pagariam mais um quarto da oitava de multa.

Estabelecida assim a capitação, o governador e Martinho de Mendonça resolveram tornar extensiva a sua cobrança ao sertão da capitania, para o que logo se expediram editaes, que deviam ser afixados nos districtos do Papagaio e S. Romão, cujos habitantes, era fama, duvidavam aceitar este imposto.

Afixados os editaes, os moradores os rasgaram; mas o governador fingindo ignorar este attentado, lançou mão das armas da brandura com tão bom successo, que aquelles mesmos que mais se oppunham á capitação, foram os primeiros que contribuiram com os seus pagamentos.

Entretanto, o povo não tardou a conhecer quanto este methodo era ruinoso; mas, como os productos das lavras ainda eram grandes, e além d'isto, tiveram lugar alguns descobrimentos, como os do morro do Gama e Papa Farinha, pelos annos de 1735 até 1738, tempo em que era ouvidor d'esta comarca o Dr. José Telles da Silva, e de taes descobertos resultaram vantagens aos moradores d'esta villa e suas immediações; os perniciosos effeitos d'este imposto foram diminuidos, principalmente depois do descoberto do Piracatú, do qual bem raros foram os habitantes da capitania, que directa ou indirectamente não participassem.

Acontecendo, porêm, que a conducta dos superintendentes commissionados para fazerem a repartição descontentassem aos mineiros, o Dr. Simão Caldeira da Costa e Mendanha, ouvidor geral e superintendente da comarca, marchou para o dito descoberto; e annullando a primeira repartição por suas illegalidades, procedeu á nova na fórma do regimento. Cessando depois a superabundancia do ouro, a mineração tornou-se mais frouxa nos annos seguintes: e os habitantes lavrando de novo as minas aproveitadas com pouca limpeza e economia, ainda são compensados,

Logo que el-rei D. José subiu ao throno, e conheceu a miseria a que fôra reduzido o povo de Minas, aboliu a capitação, estabelecendo o methodo da fundição, o qual começou no 1.º de Julho de 1751, sendo ouvidor d'esta comarca o Dr. João de Sousa de Menezes Lobo, successor do Dr. João Alves Simões.

Veiu depois o Dr. João Tavares de Abreu, o qual tomando posse em Setembro de 1752, serviu até que fôsse rendido pelo Dr. Antonio Manoel das Povoas, o qual tendo exercicio desde 13 de Maio de 1759 até 1.º de Agosto de 1768, houve por successor o Dr. José Francisco Xavier Lobo Pessanha, que foi rendido pelo Dr. José de Góes da Ribeira Lara de Moraes.

Na magistratura do Dr. Pessanha teve lugar o descoberto da Monica; e ainda que a primeira mancha de ouro excitasse a maior parte dos habitantes da comarca a pedirem repartição; comtudo, os exames feitos por ordem d'este ministro, em cumprimento de despachos do governador conde de Valladares, e finalmente a vista da opposição de Antonio

de Macedo Velho, fundada na carta de data da terra em que se descobrira o ouro, fizeram esvaecer-se a esperança do povo principalmente depois da sentença definitiva, proferida pelo Dr. Góes a favor do dito Macedo e sua mulher Monica Maria.

Este ouvidor Góes, antes de findar o seu tempo, foi preso por ordem régia, vindo para este effeito a esta villa o governador D. Antonio de Noronha com o dezembargador João Caetano Soares Barreto, provedor da real fazenda, e o Dr. José João Teixeira, intendeate da casa de fundição de Villa Rica. O primeiro d'estes ministros foi o que intimou a suspensão do dito ouvidor, e depois lhe deu a voz de preso, em Dezembro de 1775.

Em quanto não chegou da côrte a esta villa o Dr. José Antonio Barbosa do Lago, que tomou posse em 21 de Agosto de 1776, serviu o cargo de ouvidor o juiz ordinario mais velho, João da Motta Campos; continuando tambem em exercicio a camara de 1775, em razão dos embargos de suborno á eleição das justiças, feita para o anno de 1776. Mas logo que chegou o novo ministro, os embargantes e embargados desistiram da lide, assentindo estes á sentença, que declarou nulla a dita eleição; e por isso se procedeu a outra.

O Dr. Luiz Beltrão de Gouvêa e Almeida succedeu a José Antonio Barbosa. Na sua magistratura descobriu-se grande mancha de ouro nas lavras do capitão Felix Pereira da Silva, orçando alguns o seu producto em oitenta mil cruzados. A concurrencia de pretendentes de datas n'este lugar foi extraordinaria, mas como este foco não podia ser caracterisado descoberto, e portanto repartir-se como tal aos concurrentes em quanto pendia demanda entre o dito Felix Pereira e João Pinto Alves, sobre a identidade de seus titulos, muitos aventureiros entraram á força na mesma cata, onde se fortificaram, e progrediram no trabalho tumultuoso. Achando, porém, em falha o veeiro, e sendo ao mesmo tempo atacados por uma escolta expedida pelo governo, a lavra foi evacuada.

Entretanto o governador, instado pelas supplicas de muitos pretendentes, mandou que se repartissem as terras adjacentes; o que teve lugar a favor das influencias do paiz. Comtudo, as explorações dos novos acquirentes foram tão pouco

lisongeiras que umas apóz outras foram suspensas; e Felix Pereira, livre de obstaculos, até pela composição que fez com o seu contendor, não foi mais feliz.

Ao Dr. Beltrão succedeu o Dr. José Caetano Cesar Manite. Elle promoveu muitas obras publicas, como o bello pelourinho de Pedra, o melhoramento da praça da cadeia; a reparação e factura das calçadas.

As edificações da villa ainda não abrangem o ambito da sesmaria, concedida á camara no anno de 1717 pelo governador D. Braz Balthazar da Silveira. A população é de 2.254 habitantes livres, e 1.808 escravos, sem comprehender menores. Ha n'esta comarca quatro regimentos de cavallaria auxiliar, e dois terços de homens pretos e pardos n'esta villa. O corpo das ordenanças, posto que tenha officiaes, não possue soldados, contando apenas alguns invalidos e inuteis.

A villa tem uma só freguezia, e dentro d'ella se acham capazes da celebração dos officios divinos as capellas seguintes: de Nossa Senhora do O., de Nossa Senhora do Carmo, de Nossa Senhora das Mercês, de S. Francisco das Chagas no hospicio da Terra Santa, de Nossa Senhora do Rosario, de Santa Maria dos Anjos, e de Santa Rita.

Observações.

Sendo o Sabará e seu termo a região, em que tiveram lugar os successos mais notaveis da descoberta, conquista, descortino, exploração e estabelecimento na capitania de Minas Geraes, á qualquer mediocre capacidade litteraria, que quizesse ser imparcial na feitura da chronica d'essa villa, abriase um vasto campo de tradições no interesse da historia do paiz em particular, e da do Brasil em geral.

Mais de 100 annos eram passados, depois que Fernão Dias Paes, em marcha para o reconhecimento das minas das esmeraldas, conquistou todo este tracto de terra; fundou os estabelecimentos de Paraopeba, Rossa Grande e Sumidor; explorou as minas de ouro e pédras preciosas do Sabaraboçu; e aplanou as vias para seus vindouros.

Havia decorrido um seculo, desde que aconteceram n'estas

paragens o assassinato do superintendente D. Rodrigo, a dispersão da gente de sua comitiva para as campinas do Rio de S. Francisco, e a retirada de Manoel de Borba Gato para o sertão do Rio Doce.

Oitenta e sete annos se tinham inteirado, depois que este sertanista, acompanhando ao governador Arthur de Sá e Menezes no reconhecimento das minas descobertas, manifestou as do Sabará, obteve o perdão da morte, que se lhe imputára, e foi ainda remunerado com o posto de tenente general.

Estava completo o lapso de oitenta e cinco annos, desde que este governador, ao retirar-se das Minas, delegou ao mestre de campo Domingos da Silva Bueno, além das attribuições que exercia de conceder e demarcar datas mineraes, a jurisdicção civil e criminal, para que regesse os povos, que concorriam.

Igual antiguidade contavam as povoações dos Raposos e Sabará com os seus lugares, Arraial Velho, e Pompeu, immediatamente elevadas a parochias.

Pouco menos annos tinham de existencia e categoria de parochias os arraiaes de Congonhas, Rio das Pedras, Santo Antonio de Rio-acima, e Santo Antonio do Bom Retiro da Rossa Grande, com as povoações de Santa Rita, Santa Luzia, e Quinta do Sumidor.

Eram tambem d'esta época a emigração dos criadores do gado grosso para o sertão do Rio de S. Francisco; as conquistas de S. Romão, Salgado e Papagaio; os descobrimentos de Pitanguy, e Morro de Matheos Leme, e a povoação do Betim nas margens do Paraopeba.

Pertenciam tambem á 2.ª decada do Sabará a povoação do Curral d'el-Rei, e as da Piedade do Paraopeba, do Bromado, Italiaiassú, &c.

Cabiam na 3.ª decada o tumultuoso descoberto do Morro de S. Vicente, e sua immediata povoação; as minas do Arraial da Lapa; a fundação do Recolhimento de Macaubas, &c.

E com quanto estas tradições se achassem conservadas, não só em muitos escriptos contemporaneos, mas tambem na memoria de alguns descendentes dos primeiros povoadores, não mereceram, comtudo, (quem o creria !) serem consignadas nos annaes da camara do Sabará !

O redactor d'esta memoria, alienado pelas doutrinas anti-sociaes de alguns filhos da metropoli, abusou da confiança do vereador, que a subsignára. Em lugar de estabelecer tantas épocas quantas estes grandes acontecimentos indicavam deduzindo as suas consequencias immediatas, passou ex-insperato aos encomios do seu conterraneo, chefe dos forasteiros.

Para que este pudesse sobresahir no quadro que ia esboçar, forçoso lhe foi inventar um antagonista, a quem obscurecesse; e podendo apresentar na scena o paulista Domingos da Silva Bueno, que fôra o delegado do governador, ou a Domingos da Silva Monteiro, que havia sido o maioral dos paulistas, com escandaloso anachronismo lançou mão de Manoel de Borba Gato, emprestou-lhe as vestes de governador; denegriu a sua supposta administração desde o anno de 1698 até o de 1708; figurou os habitantes das Minas em gestos de descontentes; annunciou a queda d'este governo; proclamou a eleição do seu heróe como resolução da maioria dos habitantes; e para que nem a inscripção faltasse no seu quadro, lançando o nome de Manoel de Borba Gato, sem predicado, qualificou a Manoel Nunes Vianna branco, e europeu!

O que revelou no anno de 1785 esta antithese tão ociosa? Revelou a duração da propaganda, apoiada pelas asserções despeitosas de Moschera, Vaisset, Charlevoix contra os paulistas; revelou que os descendentes de funccionarios e povoadores illustres, que vieram do reino, da Madeira, dos Açores, e dos dominios da Hespanha, nascendo nas colonias, eram mamelucos; revelou que o filho d'aquelle Balthazar de Borba Gato, enviado de S. Paulo á Lisboa para felicitar a El-Rei D, João IV pela sua exaltação ao throno de Portugal; que o genro de Fernão Dias Paes; que o varão recompensado com o posto de tenente general fôra um individuo abjecto! Risum teneatis, Amici?

Onde porém acharia o redactor o governo de Borba Gato? O Dr. Cláudio Manoel da Costa, que possuiu copias dos escriptos do coronel Bento Fernandes Furtado, das ordens regias, cartas dos governadores, attestações de prelados, e outros manuscriptos da era de 1662 em diante, quando no fundamento historico do seu poema —Villa Rica— relatou o assassinato do superintendente, D. Rodrigo, commettido no anno de 1661, a retirada immediata

de Borba Gato para o sertão do Rio Doce, seu apparecimento na presença do governador Arthur de Sá e Menezes, seu manifesto das Minas do Sabará, e seu perdão e premio, concedidos em nome d'el-rei no anno de 1698, não deu noticia d'esse governo.

O padre Casal, que revolveu todos os archivos e noticias, para compôr a Corographia do Brasil, assim como fez menção do governo de Manoel Nunes Vianna, fallaria sobre o de Borba Gato, se d'elle tivesse achado algum indicio.

O exacto monsenhor Pizarro, que teve a mais ampla collecção de documentos das nossas antigualhas, a fl. 8 da 2.ª parte do livro 8.º das Memorias Historicas do Rio de Janeiro, affirmou que o governrdor Arthur de Sá, depois de regular a repartição dos descobertos, e pouco antes de passar as redeas da administração ao seu successor, no anno de 1700, commettêra o governo das Minas ao mestre de campo Domingos da Silva Bueno; e a fl. 12 do mesmo liv. informou que no anno de 1707, divididos os habitantes das Minas em dois partidos que se hostilisavam, o maioral dos paulistas era Domingos da Silva Monteiro.

Como pois poderemos comprehender o governo de Borba Gato desde o anno de 1698 até o de 1708, se desde 1698 até 1700 o governador Arthur de Sà residiu quasi sempre nas Minas; se Domingos da Silva Bueno no fim do anno de 1700 foi encarregado do governo; se no anno de 1707 o maioral dos paulistas foi Domingos da Silva Monteiro; e n'esse mesmo anno (desarmados à falsa fé os paulistas, e preso o seu maioral) Manoel Nunes Vianna foi eleito governador de todas as Minas?

E' portanto singular, e erronea n'esta parte a memoria assignada pelo vereador Carneiro, a qual por desgraça pesou tanto na consideração de Mr. Southey, que na sua excellente Historia do Brasil admittiu o governo de Borba Gato! Mas como o fez elle? Depois de servir-se de algumas phrases da mesma memoria: « Ha casos, em que uma administração prudente e justa sana qualquer defeito ou illegalidade; como o governo de Manoel de Borba Gato era d'esta especie, foi justificado pela utilidade. »

De todo o expendido consta que 3 escriptores se acham

em contradição com a memoria, e um sómente in partibus está em harmonia com ella; e d'aqui póde resultar este argumento: —Ou nunca existiu o governo de Borba Gato, como se deduz do silencio dos escriptores, Dr. Claudio, Casal e Pizarro; ou existiu, mas foi prudente e justo, como opina Mr. Soathey.—Como quer que se resolva este dilemma, a conclusão será que a materia deduzida nos tres primeiros membros do periodo 1.º da memoria é um libello diffamatorio.

Resumo da Memoria do segundo vereador da Camara do Sabara' offerecida no anno de 1807.

A chuva principiou aos 2 de Janeiro, e proseguindo até 20 com algumas interrupções, tornou-se afinal continua e copiosa nos dias 21 e 22.

O Rio das Velhas, que engrossára successivamente em consequencia da invernada, subindo na madrugada d'este ultimo dia 3 palmos acima dos vestigios, deixados pela enchente do anno de 1746 (a qual era a maior de que havia tradição, e trazendo de envolta desde as cabeceiras os fragmentos das casas e pontes construidas nas ribanceiras, e sobre o seu leito, submergiu as pontes da villa do Sabará; inundou os bairros mais baixos; prejudicou muitos edificios, e derramou tal susto na população, em quanto uns salvavam-se a nado, outros pelos telhados, e alguns em gamellas, que só se ouviam gritos de consternação!

A ponte grande não podendo resistir a pressão das aguas agumentada pela peso das madeiras acarretadas, foi igualmente derrocada com fracasso estupendo; e para maior horror dos espectadores, esta especie de preamar durou até as 9 horas da tarde!

Os estragos d'esta enchente não se limitaram sómente aos arraiaes de rio acima, e a villa de Sabará; todas as fazendas, chacaras e pontes ao alcance da inundação até Santa Luzia, e d'ahi para baixo, foram arruinadas.

Reduzidas repentinamente estas duas grandes povoações

a condição de ilha, os moradores encerrados teriam cahido em profundo abatimento, se não vissem o zelo com que o desembargador ouvidor geral da Comarca, Antonio Luiz Pereira da Cunha, e a camara da villa attentavam a salvação publica, reunindo canôas que substituissem as pontes provendo a reparação das casas prejudicadas, e excitando a philantropia dos fazendeiros para abastecerem o mercado.

Occorrendo ainda a noticia, de que a enchente no rio Paraopeba não fôra menos assoladora; sendo a margem occidental d'esse rio, um dos principaes celeiros d'estas povoações; e tendo-se interrompido por 8 dias a entrada ordinaria de carros e tropas, foi tal a carestia dos mantimentos, que se viam nas ruas e praças do Sabará magotes de mulheres velhas, meninos, e invalidos mendigando a farinha para o dia!

Renovando portanto o ministro as medidas tutelares, adoptou-se a sua substituição de canôas, onde faltavam as pontes; e como a porfia começavam a concorrer tropas na margem ulterior do Rio das Velhas, abraçando-se n'esta occasião a philantropia dos fazendeiros com o proprio interesse.

Doceis ás insinuações do magistrado, o capitão Francisco Marques dos Reis, um socio d'este, e alguns fazendeiros do districto de Matheus Leme construiram tambem immediatamente outra ponte sobre o Paraopeba; e dedicando elles a sua obra á publica utilidade, não só abriram sahida aos seus productos estagnados, mas ainda contribuiram grandemente para o restabelecimento da abundancia na villa do Sabará.

Resumo da Memoria do segundo Vereador da Camara do Sabara', offerecida no anno de 1810.

Sendo manifesto que a ponte sobre o Rio das Velhas defronte da villa do Sabará, e a ponte de Santa Luzia sobre o mesmo rio na extremidade d'este arraial, demolidas infelizmente pela innundação do anno de 1807, eram aquellas, que feitas de novo concorreriam mais para o abasticimento d'estas e outras povoações orientaes da comarca, e para a

prosperidade das insdutrias do paiz; o desembargador ouvidor da comarca, Basilio Teixeira Cardoso de Saavedra Freire, considerando que estas obras publicas eram tão urgentes, como superiores ás faculdades do concelho, pediu ao governador da capitania auctorisação para effectual-as por subscripção.

Annuindo o governador ao pedido, o ouvidor, á vista dos planos e orçamento d'estas pontes, promoveu a reunião dos materiaes, fundos e auxilios entre os fazendeiros e os moradores da villa e seu termo; incumbindo-se da inspecção da ponte da villa, e confiando a superintendencia da ponte de Santa Luzia ás influencias d'este districto.

Era uma das disposições do plano para a ponte do Sabará fincarem-se os esteios a secco na rocha do fundamento: para este effeito era necessario:

1.º Desviar-se a corrente do rio para uma margem, por meio de trincheira feita com faxina e terra em fórma, de semi-circulo.

2.º Esgotar-se por meio de bombas de rosario a agua d'esta bacia, e a que se filtrasse durante o trabalho no semidiametro do leito.

3.º Conseguida e fincada a travação dos esteios na primeira parte do leito, desfazer-se a trincheira, formar-se outra na margem opposta, effeituar-se o esgotamento da nova bacia, e fincarem-se os esteios da segunda parte do leito do rio.

Reunidos no lugar os materiaes, os apparelhos, os empregados e obreiros necessarios, começou-se o trabalho aos 3 de Abril de 1810, e continuando elle com toda a possivel exacção e assiduidade, no dia 12 de Dezembro a ponte franqueou passagem aos viandantes, aos carros e ás tropas!

A ponte de Santa Luzia, graças tambem ao patriotismo e opulencia dos fazendeiros dos districtos interessados, ficou igualmente completa dentro do mesmo anno.

Exemplos de longevidade, extrahidos das Memorias offerecidas na camara do Sabará.

1790.—Vivem presentemente n'esta villa alguns centenarios, ainda robustos. Entre outros conhecem-se os seguintes:

1.º O ajudante Antonio Luiz da Silva, natural da cidade de Lisboa, o qual, depois das fadigas da guerra do reinado de el-rei D. Pedro, embarcando para o Brasil, e subindo para estas Minas, dedicou-se ao serviço do fôro. Elle desempenha ainda as funcções de partidor do juizo dos orphãos, e avaliador do conselho.

2.º O alferes João da Cunha Peixoto, o qual sendo solicitador de causas, aindo as promove e gira pelos cartorios.

3.º Domingos Rodrigues Pereira, bem conhecido pela alcunha — o cabello —. Dando-se tambem ao serviço do fôro, é ainda tão sagaz na sua arte, e na arrumação de contas, que rivalisa com o mais esperto contador.

4.º Cirurgião Miguel Gonçalves, o qual conserva tal vigor, que visita diariamente os seus enfermos no bairro da barra, que dista um oitavo de legua da sua morada.

5.º Brites Corrêa, mulher parda, a qual contando 102 annos, vai ouvir missa todos os dias, volta, e cuida das disposições da sua casa, como qualquer outra de 30 annos.

6.º Thomazia Luzia, moradora na fazenda do Páo de Cheiro, tendo mais de 102 annos está tão vigorosa, que pode esperar vida muito dilatada.

1793.—7.º Manoel de Carvalho, natural da Bahia, o qual passando em tempo d'el-rei D. Pedro aos Estados da India, viajou por muitas cidades da Asia. Voltando para o Brasil habitou em varias capitanias. Contando 117 annos, conserva ainda o vigor de qualquer sexagenario.

1795.—8.º João Ferreira Duarte, preto africano, sendo maior de 100 annos relata com exactidão muitos acontecimentos que tiveram lugar na Bahia, e n'estas Minas; e ainda cultiva o seu quintal.

Villa de Santa Barbara, 8 de Março de 1844.

COLLECÇÃO

Das memorias archivadas pela camara da villa de Pitanguy, e resumidas por Manuel José Pires da Silva Pontes, socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Breve resumo da Memoria do segundo vereador da camara da villa de Pitanguy, offerecida aos 29 de Dezembro de 1785, em cumprimento da ordem regia de 20 de Julho de 1782, acompanhado de notas do compilador.

Partindo do Sabará, no anno de 1709, uma bandeira de paulistas, organisada n'este arraial e no de Caeté, com o projecto de reconhecer e aproveitar as minas de ouro, indicadas no sertão do Rio de S. Francisco; e chegando á região denominada —Pitanguy— pernoitou em a quebrada do Carerú, corrego proximo ao arrabalde occidental da villa. Tendo feito conduzir em rêde um ancião, que era o pratico das minas pretendidas, e que vinha gravemente enfermo em consequencia da mordedura de uma cobra, a bandeira soffreu aqui o maior infortunio, a morte do seu guia.

Illudidas assim as esperanças de acertar-se com as minas, indicadas no roteiro como um ponto no espaço, resolveu-se voltar para o povoado. Já se havia começado a marcha em retirada, quando os companheiros, que iam na vanguarda notando o bom aspecto, que apresentava a terra extrahida pelos tatús, a observaram attentamente, e descobriram um grão de ouro! Interrompida a marcha pelo incidente favoravel n'este sitio, que é o morro interposto aos corregos Carerú e Verissimo, examinou-se a superficie do terreno, e reconhecendo que todo elle abundava de ouro, desistiu-se da retirada (1).

(1) Desejando saber quaes foram os paulistas que contribuiram para a organisação, armamento e munição d'esta bandeira; assim como, qual foi o seu chefe: no silencio da memoria, recorri á informação de pessoas fidedignas do lugar, e reportando-se ellas á tradicção, asseveraram, que, posto constasse serem varios os associados, todavia, os nomes conservados na memoria dos moradores eram os do chefe Domingos Rodrigues do Prado, e dos influentes José de Campos Bicudo, e Bernardo de Campos Bicudo.

Era esta região do Pitanguy n'aquelle tempo sertão inculto, e ainda que pela picada da Bandeira apenas distasse 30 leguas do arraial de Sabará, comtudo, pela aspereza da mata a communicação com este ultimo povoado exigia semanas, e um mez de jornada muitas vezes (2).

A denominação de Pitanguy (Rio das Crianças) dada pelos antigos conquistadores a esta região, nasceu de ser ella adjacente ao rio, que distinguiam com esse nome, por terem encontrado na sua margem uma pequena aldêa de indios bravos, na qual predominava o numero das crianças: os povoadores, porém, denominaram depois—Pará — o mesmo rio, (talvez attendendo ao volume de suas aguas). Elles tambem (por ventura tocados da semelhança, que as manchas de ouro, a pequenos intervallos entre si, tinham com as reboleiras de batatas) chamaram—Batatal—o Morro do Descoberto.

Quem fôsse o verdadeiro descobridor d'este veeiro, e que recompensa tivesse pela descoberta, não consta de monumento algum archivado, nem ainda dos livros das repartições de terras e aguas mineraes, que começaram do anno de 1719 em diante (3).

(2) Parecendo tambem interessante conhecer-se. não só o Itinerario da Bandeira, mas tambem o Roteiro, que a dirigia, visto que a Memoria foi igualmente ommissa n'esta parte, solicitei noticias no paiz, e ouvi que a Bandeira partindo da serra do Tombadouro ao pé de Sabará, tomára por pharóes a serra Negra ao noroeste depois o Morro de Matheus Leme a oeste; d'aqui por diante a Serra da Apparição ao noroeste; e finalmente a Serra sobranceira ao Pitanguy a oeste. Ouvi tambem que, não existindo mais a copia d'este Roteiro, a opinião mais geral era que o ponto pretendido pela Bandeira, parecia ser o das mesmas minas do Piracatú, que José Rodrigues Fróes manifestára no anno de 1744.

(3) Enganou-se, portanto, ou foi mal informado o Monsenhor Pizarro, quando no Livro 8º Parte 2.ª das suas Memorias Historicas avançou, que Domingos Rodrigues do Prado descobrira as minas do Pitanguy. Com quanto grande fosse a experiencia d'este sertanista, como a empreza de que se trata foi feita com a reunião de fundos e forças de uma associação, a gloria e vantagem inherentes á descoberta, deviam pertencer ao ente collectivo, associação, e de nenhum modo a um só membro d'ella, posto que fosse o chefe, Qualquer, porém, que seja a informação, em que o Monsenhor Pizarro fundou a sua asserção, contra ella se levanta a tradição, que achei conservada nas principaes familias do Mu-

Dois annos depois do descobrimento de Pitanguy, a fama da grande copia de ouro, e da facilidade com que se extrahia na superficie do monte, attrahiu de S, Paulo, e das novas povoações uma emigração numerosa (4).

Descobrindo-se depois cascalhos auriferos (minas diluvianas e aluviaes) nos ribeiros Bromado, S. João, Onça, Guardas, S. Joannico, &c., os novos povoadores, que occuparam tumultuarimente estes ribeiros, lavravam onde quer que se antecipavam, ou queriam, na falta absoluta de ministros auctorisados para a policia, e para a repartição das datas mineraes (5).

A nova colonia do Pitanguy, privada da proteção do governo, cuja séde era a villa de S. Paulo, a 160 leguas de distancia; destituida de providencias administrativas e judiciarias da camara e justiça de Sabará, proximamente installadas a 30 leguas de distancia por caminhos intractaveis: distrahida da agricultura pela mania da mineração, e por tanto victima da carestia no anno de 1713, esteve á borda da dissolução; quando as questões de propriedade, de caprichos, e rivalidades começaram a ser decididas pelo bacamarte.

Sendo, portanto, provavel o estabelecimento de justiças n'este paiz, logo que houve grande affluencia de povoa-

nicipio, attribuindo-se a descoberta á sagacidade dos dois irmãos Campos Bicudos. Contra ella tambem se levantam estes factos consummados. 1.°, ter sido occupada a melhor parte da collina aurifera pelas lavras dos mesmos Campos Bicudos; 2.°, ser esse terreno confirmado pela Guardamoria; 3.°, fundar-se por Antonio Rodrigues Velho, parente e genro de José de Campos Bicudo, a capella e casa chamada de Taipa nas lavras do Batatal.

(4) A trasladação de mulheres, filhos, e parentes dos possuidores do Batatal, effectuada desde S. Paulo por caminhos mal seguros até Sabará, e pela picada d'alli para as minas de Pitanguy, confirmou a idéa das vantagens que se encareciam.

(5) Sendo a emigração do anno de 1711 um composto de alguns honrados pais de familias, de poucos artifices uteis, e de muitos aventureiros ralados da ambição de dinheiro, ou viciosos; não é maravilha que apparecessem no Pitanguy os mesmos excessos; que acarretaram a guerra civil dos forasteiros, e paulistas; pois que, como já se disse,esta nascente sociedade estava privada de ministros da religião e das leis, e portanto não podia ser comprimida pelos dois freios dos desregramentos,—o remorso, e o temor das penas.

dores; pela irregularidade da escripturação da camara, e pelo consumo do 1.° livro das vereações, apenas fazem prova da existencia da villa no anno de 1715; 1.°, o livro 1.° das notas do tabellião nos cabeçalhos de algumas escripturas, onde se lêem as palavras — N'esta villa de Nossa Senhora da Piedade de Pitanguy; 2.°, as Cartas Regias dirigidas á camara, do dito anno de 1715 em diante. Comtudo, do livro 1.° de registos de leis, cartas e ordens regias, consta que a primeira camara, eleita aqui na fórma da Ordenação, entrou em exercicio no anno de 1718, sendo juizes ordinarios Antonio Rodrigues Velho, e Bento Paes da Silva; vereadores, João Cardoso, Lourenço Franco do Prado, e José Pires Monteiro; procurador, Antonio Ribeiro da Silva (6).

Tambem consta do mesmo livro de registos que, procedendo-se á eleição dos juizes e officiaes da camara, que deviam servir no anno de 1719, sahira eleito juizes ordinarios Manoel de Figueredo Mascarenhas; e que não só a nova justiça, mas tambem a nova camara entraram em exercicio no principio do anno.

Comtudo, apezar da presença dos officiaes do conselho, e do juizo ordinario, auxiliados pela cooperação do Bri-

(6) Emquanto o Monsenhor Pizarro, fundado no Sanctuario Mariano Livro 3.°, art. 77, avança no livro 8.°, Parte 2ª, fl. 115 que esta villa, debaixo do nome de Nova do Infante; fôra creada pelo governador D. Braz Balthazar da Silveira (o qual começou a governar em Janeiro de 1714), a tradição constante, posto que mysteriosa, insinúa, que a sua erecção fôra deliberada no anno de 1713 pelos moradores, fatigados dos effeitos da anarchia; insinúa ainda que, ameaçados de castigo severo pelo dito governador em consequencia d'este attentado, elles invocaram a sua clemencia o que com effeito conseguiram, que, levando o mesmo governador este successo extraordinario ao conhecimento de El-Rei, Elle, movido de piedade para com estes vassallos, não só confirmára o perdão dado em seu nome, mas tambem a creação da villa, alterando comtudo a denominação d'ella, que a principio foi de Nossa Senhora de Pilar de Pitanguy, para Villa de Nossa da Piedade, em memoria da que teve, para perdoar aos moradores. Esta mesma tradição é confirmada por um facto constante o consumo do Livro 1.° das vereações, o qual era o corpo de delicto, para que fossem processados não só os que contribuiram para a erecção illegal, mas tambem aquelles que aceitaram e serviram empregos debaixo de uma corporação e justiça illegalmente constituidas.

gadeiro João Lobo de Macedo, para aqui mandado no caracter de regente pelo governador conde de Assumar, excitadas as discordias dos moradores por alguns poderosos descontentes, rebentou uma sedição na villa, com o projecto de deporem as auctoridades constituidas: e assassinado o juiz ordinario Mascarenhas, na primeira explosão, passaram logo a expulsar o regente (7).

Procedendo-se tambem, no fim do anno de 1719, á eleição dos juizes e mais officiaes, que haviam de servir no seguinte, e sahindo eleitos juizes ordinarios José de Campos Bicudo, e Miguel de Faria Sodré, vereadores Francisco do Rego Barros, João Henrique de Alvarenga. José Rodrigues Bethim; procurador João Velloso de Carvalho; estavam estes dignos empregados em exercicio, quando constou que o doutor ouvidor geral e corregedor da comarca, Bernardo Pereira de Gusmão, vinha a esta villa fazer correcção, e conhecer dos crimes dos poderosos.

Obstar com força armada ao ingresso do ministro, foi a medida, que os implicados adoptaram; e postando-se para esse effeito em caminho, a 4 leguas de distancia da villa, guardas avançadas, os desordeiros o teriam conseguido se aquellas auctoridades territoriaes, informadas da tentativa não fizessem guiar o corregedor por atalhos não previstos. Comtudo a bagagem do minisiro não pôde livrar-se de uma emboscada, morrendo algumas pessoas que a protegiam.

Os indicados n'esta nova sedição, entre os quaes figurava principalmente o mesmo Domingos Rodrigues do Prado, prevendo as consequencias das devassas, fugiram para o sertão; e demandando os novos descobrimentos de Goyaz escaparam ás perseguições das justiças de Minas Geraes.

Raiando então a aurora de tempos mais bonançosos, a população de Pitanguy cresceu grandemente; e formando-se estabelecimentos, lugares, e arraiaes em todos os pontos cardeaes da villa, erigiram-se tambem as capellas de Nossa Senhora da Conceição do Pará, de Sant'Anna do arraial da Onça, de S. Joannico, de S. Gonçalo do Bromado, do Espirito Santo da Itapecerica e Serra Negra, de Nossa Senhora

(6) Devendo presumir-se que hovessem outras medidas revolucionarias, como prisões do partido legal, nomeações de outras auctoridades etc. não achei noticias que concordassem; constando comtudo que o conde governador perdoára em nome de El-Rei ao chefe da sedição Domingos Rodrigues do Prado, e aos que n'ella se implicaram.

do Bom despacho de Lambari e Picão, de Santo Antonio do Rio de S. João, de Sant'Anna do mesmo rio acima, de S. Gonçalo do Pará acima, de Nossa Senhora da Piedade de Patafufo, além de outras nas fazendas e dentro da villa, como a de Nossa Senhora da Penha no morro do Batatal, do Bom Jesus no bairro da Paciencia, e de Nossa Senhora do Rozario dos pretos, todas ellas filiaes da matriz dedicada a Nossa Senhora do Pilar.

Entretanto o espirito de emprezas animava ainda ha muitos paulistas estabelecidos; quanto mais liam o antigo roteiro das minas occidentaes, tanto maior gloria e vantagem concebiam na tentativa de seu descobrimento. Embaidos por esta paixão dominante Antonio Rodriguas Velho e José de Campos Bicudo, possuidores da melhor parte do morro do Batatal, embrenharam-se no sertão do Rio de S. Francisco; e tendendo principalmente para ás cabeceiras, colheram por unico fructo de suas explorações uma numerosa emigração de indios, que domesticados e instruidos augmentaram o numero de braços laboriosos no paiz.

Baptista Maciel, tambem paulista, emprehendeu depois outra entrada no mesmo sertão; e começando por plantar grãos e legumes, foi repentinamente assaltado por uma partida de negros fugidos, que se haviam acoutado n'esse deserto; e morrendo elle com a maior parte de seus companheiros nas mãos d'estes barbaros, apenas escaparam com vida, posto que feridos, 18 homens, que retirando-se em canôas para esta villa, deram noticia de tão grande calamidade.

Augmentando-se depois a audacia dos negros, com esta victoria, e passando a invadir fazendas, e povoações dos termos d'esta villa, e das de Sabará, e S. José do Rio das Mortes; o governador conde de Bobadella resolveu que fossem atacados. Reunindo por tanto forças das esquadras do mato, municiadas pelas camaras dos termos prejudicados, confiou essa empresa a Bartholomeu Rodrigues do Prado (filho do celebre regulo Domingos Rodrigues do Prado), o qual residia no termo de S. José, Bartholomeu Rodrigues desempenhou a commissão, pois marchando contra os negros, matando uns, e aprisionando muitos, restituiu a publica tranquillidade,

O governador conde de Valladares, inteirado do contexto do antigo roteiro, tambem julgou provavel a existencia de ricas minas indicadas no sertão do Rio de S. Francisco. N'esta intelligencia faz marchar no anno de 1770 varias bandeiras do Piracatú, com as copias do mesmo roteiro; e no anno de 1771 expediu outra bandeira d'esta villa, commandada pelo capitão mór João de Godoi Pinto, e pelo capitão Caetano José Rodrigues sendo municiada á custa dos moradores. Voltando estes officiaes, depois de 5 mezes de explorações inuteis, o mesmo governador incumbiu esta diligencia ao capitão mór Ignacio de Oliveira Campos, sem ajuda de custa. Marchando este official ainda em dias do anno de 1771, depois de ter feito rossas, ranchos, e monjolos nos Ribeirões do Esmiril e dos Pavões, passou a conquistar outros negros fugidos, que o inquietavam; e aprisionados mais de 50, entre os quaes se acharam crioulos mancebos por se baptizarem, fez entregal-os aos donos em Piracatú; e concluiu por explorar as vertentes do Rio das Velhas, e os leitos do Paranahyba e Dourados. Descobrindo n'estas partes minas de ouro de mediana riqueza, voltou no principio do anno de 1773 com a noticia de ser essa região por elle reconhecida não só abundante de minas de ouro, mas fertil, salubre, e rodeiada de pastagens, e lagôas, e bebedouros para a criação dos gados.

Resumo da memoria do segundo vereador da camara de Pitanguy offerecida na vereação de 30 *de Dezembro de* 1819.

Existindo ainda em poder de alguns moradores do termo de Pitanguy copias do roteiro das minas dos Tres Irmãos, que segundo dizem, fôra achado entre outros papeis do velho, que guiando a marcha da bandeira de Domingos Rodrigues do Prado, no anno de 1709, morreu no corrego Carerú ao pé d'esta villa, Manoel Gomes Baptista e o padre Anastacio Gonçalves Pimentel, no anno de 1792, projectaram reconhecer essas minas, cuja riqueza se exagerava. Formando portanto uma bandeira de sertanistas, atravessaram o Pará, e o Rio de S. Francisco, e explorando as montanhas, que se destacam da serra da Marcella, reconheceram que o Rio Indaya continha diamantes no seu leito. A-

travessando ainda a serra da Saudade, exploraram os ramos do Abaêté, e em um d'elles acharam o enorme diamante, que pesando sete oitavas e meia e quinze grãos, foi dado á manifesto perante o governador visconde de Barbacena.

No anno de 1798, o naturalista Dr. Joaquim Velloso de Miranda, fazendo por ordem do governo uma viagem scientifica no interior do sertão do Rio de S. Francisco. protegido por uma escolta de sertanistas apenados, descobriu uma mina de Galena nas cabeceiras septentrionaes do Rio Abaêté. Resolvendo depois o governo que se reservasse esta mina para a corôa, por conter prata, fizeram-se os necessarios estabelecimentos para beneficial-a.

Este anno de 1819, em consequencia da falta de chuvas, será sempre memoravel n'esta villa e seu termo, pela carestia de todos os artigos, que fazem o principal sustento dos moradores: os quaes, se não fossem soccorridos pelos fazendeiros do termo de S. Bento de Tamanduá, teriam visto morrer de fome os mais indigentes.

O flagello da natureza não limitou-se á fraca vegetação dos grãos e legumes; seccando-se os corregos e ribeirões, muitos fazendeiros, cansados de conduzirem de longe agua para os usos domesticos, mudaram-se das cabeceiras para as margens do Rio Marmelada.

O Pará, e o Paraopeba, outr'ora invadeaveis, ainda em Novembro offereciam vãos em muitas paragens; o mesmo Rio de S. Francisco, e o mais caudaloso d'este termo, permittiu formar-se um Pary no seu leito em o sitio denominado a Baixa Grande!

Villa de Santa Barbara, 20 de Fevereiro de 1844.

EXTRACTO

DA MEMORIA MANUSCRIPTA DO DOUTOR JOSÉ JOÃO TEIXEIRA

1778.

Do Quinto do Ouro, e das diversas fórmas de sua cobrança.

Temos leis que determinam que de todos os metaes que se tirarem, depois de fundidos, e apurados, se pague a Sua Magestade o quinto.

Descobrindo-se ouro n'esta provincia no anno de 1690, e concorrendo mais mineiros, crearam-se provedores escrivães em 1700 para a cobrança do quinto, prohibindo-se que ninguem o pudesse levar fóra dos registos, que tambem se estabeleceram sem guia. Depois se ordenou que os ouvidores servissem de provedores pela carta régia de 26 de Junho de 1711.

Esta fórma de cobrança continuou até que pelo termo feito a 7 de Dezembro de 1713 em Villa Rica se obrigaram os povos a pagar 30 arrobas de ouro pelos quintos, com a condição de se levantarem os registros; o que se ratificou por outro termo de junta a 6 de Janeiro de 1714, principiando a ter effeito de 20 de Março em diante, e por outros termos até o anno de 1718.

A 3 de Março de 1718 obrigaram-se os povos por outro termo a pagarem pelos quintos 25 arrobas a contar de 22 de Julho em diante, ficando livres a Sua Magestade os rendimentos das cargas, gados e negros, que pertenciam ás camaras.

Continuaram os povos a fazer o pagamento das 25 arrobas por 4 annos, que findaram em Julho de 1722.

A 25 de Outubro de 1722 se obrigaram por termo a pagar de então em diante 37 arrobas, para que não se estabecesse a casa de fundição e moeda, e os povos pagaram na fórma proposta até fim de Janeiro de 1725.

Com o principio de Fevereiro d'este anno de 1725 entrou-se a quintar o ouro na casa da fundição e moeda, estabelecida no 1.º de Outubro de 1724; e por espaço de 4 mezes se fundiu todo o ouro livre do quinto, na fórma da Ordem Regia para que os povos não pagassem o quinto do mesmo ouro, de que pagaram contribuição.

D'este modo cobrava Sua Magestade o quinto, á razão de 20 por %, até 21 de Maio de 1730, quando pelo termo de Junta se reduziu a 12 por %; o que se observou até 4 de Setembro de 1732, porque Sua Magestade não approvou pela Carta Regia de 24 de Abril de 1732, promulgada por bando do conde das Galvêas.

Mandando Sua Magestade commutar o quinto em capitação e censo, foram convocados os procuradores das camaras, e assentou-se em Junta de 20 de Março de 1734, que este methodo era prejudicial, e que, como o fim d'elle era evitarem-se os extravios, se obrigaram os povos a perfazer a Sua Magestade annualmente 100 arrobas de ouro, caso o quinto das casas de fundição não assommasse a esta quantia, principiando a correr o compromisso desde 22 de Março do dito anno até outro igual dia de 1735; e isto mesmo se ratificou por outro termo de 24 de Março de 1734, que se mandou observar por bando de 7 de Abril, que declarou extincta a casa de moeda.

Não obstante isto, estabeleceu-se a capitação dos escravos, e o censo das industrias pelo termo de Junta de 30 de Junho de 1735, e por outro do 1.º de Julho, assentando-se que cada negro escravo ou forro, pagasse 4 oitavas e 3 quartos de ouro, cada officio o mesmo, uma loja grande 24 oitavas, uma mediocre 16 oitavas, a inferior 8 oitavas, cada venda 16 oitavas, e que os negros captivos que estivessem nas vendas, não pagariam mais nada por si, e que os negros e negras, mulatos e mulatas forros não pagariam por si, mas só pelos escravos que tivessem. Depois d'isto, por bando de 11 de Julho se declarou que dos escravos creoulos de 14 annos para baixo se não pagasse cousa alguma, e que cada negro, negra, mulato ou mulata, forros, que como mineiros ou roceiros não tivessem escravos, lojas ou officios, pagassem 2 oitavas, 1 quarto e 4 vintens.

Os mascates pagavam oito oitavas, os córtes, e as boticas 16 oitavas.

Principiou a capitação no 1.° de Julho de 1735, e se prohibiu o uso da moeda, ficando livre o ouro em pó, para que os donos o pudessem levar aos portos de mar, d'onde não poderia ser exportado senão para o porto de Lisboa (Carta Régia de 3 de Janeiro de 1735) mandada observar por bando de 1.° de Julho do dito anno.

Os escravos necessarios ao serviço dos ecclesiasticos, governador, ministros e officiaes de guerra foram isentos da capitação pela Carta Regia de 21 de Março de 1734.

Com o estabelecimento das casas de fundição em virtude da Lei de 3 de Dezembro de 1750, effectuado no 1.° de Agosto de 1751, foi abolida a cobrança do quinto por capitação.

O ouro em pó tem tido diversos valores no commercio dentro das minas: até o anno de 1713 valeu a oitava 1$500 rs. Desde este anno até 31 de Janeiro de 1725, com a fundação da casa da moeda e fundição, tambem valeu 1$500; porque já era quintado o ouro pela convenção dos povos.

Desde o 1.° de Fevereiro de 1725 até 24 de Maio de 1730 valeu a oitava 1$200, porque girava o ouro por quintar; e se quintava quando se fundia na casa da moeda.

Desde 25 de Maio de 1730 até 4 de Setembro de 1732 valeu a oitava 1$320, porque o governador D. Lourenço de Almeida reduziu o quinto a 12 por °|° como fica dito.

Desde 5 de Setembro de 1732 até 30 de Junho de 1735 valeu a oitava a 1$200, por ser durante a casa de moeda.

Do 1.° de Julho de 1735, em que principiou a cobrança do quinto por capitação, até 31 de Julho de 1751, quando ella foi abolida, valeu a oitava 1$500, porque corria livremente, e como quintado.

Do 1.° de Agosto de 1751, quando se estabeleceram as casas da fundição, principiou a valer a oitava 1$200.

TABOA do rendimento do quinto do ouro, desde o principio das minas até 1713, em que os povos entraram a pagar pelo ajuste.

ANNOS.	QUINTO.		CONFISCOS.	
	Oitavas.	Grs.	Oitavas	Grs.
1700	940			
1701	6.064		695	
1702	28		669	
1703	1.648	57	6.823	
1704	2.926	50	4.708	36
1705	4.637	48	1.640	
1706	4.890		1.182	
1707	2.151		2.905	54
1708	1.163	18	7.824	18
1709	4.546		2.912	
1710	5.682		3.542	
1711	13.579		6.185	
1712	8.618	36	1.782	
1713	2.781	18	7.106	54
	56.655	53	46.975	29

REDUCÇÃO A ARROBAS.

	Arrob.	Marc.	Onç.	Oit.	Gr.
Quinto	13	53	1	7	53
Confiscos	12	12	6	7	10
	26	2	7	7	10

REDUCÇÃO A DINHEIRO.

Quinto	84:983$667
Confiscos	70.463$105
Somma........ Rs.	155.446$772

TABOA do rendimento do Quinto no tempo em que os povos o pagaram por ajuste.

	Arrobas
De 20 de Março de 1714 até 19 de Março de 1715.........	30
De 20 de Março de 1715 até 19 de Março de 1716.........	30
De 22 de Julho de 1716 até 21 de Julho de 1717.........	30
De 22 de Julho -de 1717 alé 21 de Julho de 1718.........	30
De 22 de Julho de 1718 até 21 de Julho de 1719.........	25
De 22 de Julho de 1719 até 21 de Julho de 1720.........	25
De 22 de Julho de 1720 até 21 de Julho de 1721.........	25
De 22 de Julho de 1721 até 21 de Julho de 1722.........	25
Do 1.ª de Agosto de 1722 até 31 de Julho de 1723.........	37
De 1.º de Agosto de 1723 até 31 de Julho de 1724.........	37
Do 1.º de Agosto de 1724 até 31 de Janeiro de 1725........	18 1[2
	312 1[2

N. B. Não se faz menção dos rendimentos do quinto desde o 1º de Fevereiro de 1725, quando se estabeleceu casa da moeda, até o 1º de Julho de 1735, em que foi abolida, porque os livros passaram para o Rio de Janeiro.

TABOA dos rendimentos do quinto desde o 1.º de Julho de 1735 até 31 de Julho de 1751, cobrados por meio da capitação dos escravos, e censo das industrias.

INTENDENCIAS.	PESO PELO QUAL SE FAZIA A COBRANÇA.		PESO PELO QUAL SE FAZIA A REMESSA.	
	Oitavas.	Grs.	Oitavas.	Grs.
Intendencia de Villa Rica........	1:874.184	11	1:879.748	41
De Marianna....................	2:123.055	42	2:129.420	24
De Sabará.....................	1:998.105	42	2:003.892	—
Sertão d'esta Intendencia........	145.173	1	145.674	13
Intendencia do Piracatú.........	298.229	68	298.973	68
Sertão d'esta Intendencia........	28.393	—	28.468	—
Intendencia do Rio das Mortes...	1.277.173	32	1:281.552	8
Intendencia do Serro Frio.	686.955	—	688.944	37
Sertão desta Intendencia.........	6.207		6.218	—
Somma.....	8:437.477	—	8.462.392	41

	Oitavas.	Grãos.
Importam as remessas feitas para o Rio com os accrescimos.........	8.462:940	51
Reduzidas á arrobas a 2.066 arrobas —9 marcos, 3 onças, 4 oitavas e 51 grãos		
Reduzidas a dinheiro, e sendo a oitava a 1$500 rs. importam.........	12:694.411$062	6
Accrescimos que se acharam no Rio.	5:935$770	
Somma..............................	12:700:346$832	3[6
Somma tudo quanto Sua Magestade recebeu reduzido a milhões......	31 1[2:100.346$832	3[6

N. B. Tudo isto consta do livro da receita da capitação, que se acha na casa da fundição do ouro da Villa Rica, a fl. 24 v. e seguintes.

TABOA dos rendimentos do Quinto desde o 1.º de Agosto de 1751 até 31 de Dezembro de 1777.

ANNOS.	QUINTO TIRADO NA FUNDIÇÃO						QUINTO DA PERMUTA DO PARAHYBUNA TIRADO NA CASA DA MOEDA DO RIO.					
	Arrob.	Marc.	Onças.	Oitav.	Grãos.	Quint.	Arrob.	Marc.	Onças.	Oitav.	Grãos.	Quint.
De Agosto de 51 atè 31 de Julho de 52	55	34	6	1	33	1	..	..	..	..	..	..
De 1752 a 1753...	107	50	6	7	25	1	..	..	..	..	..	..
« 1753 » 1754...	118	22	4	3	56	2	..	7	..	3	55	1
» 1754 » 1755...	117	57	..	5	..	..	..	..	..	..	..	..
» 1755 » 1756...	114	45	5	1	33	3	14	..	4	..	32	2
» 1756 » 1757...	110	48	..	5	36	..	..	5	4	3	7	1
» 1757 » 1758...	88	53	2	7	8	2	..	17	6	6	57	1
» 1758 » 1759...	116	46	1	4	23	4	..	13	1	4	36	..
» 1759 » 1760...	97	32	..	1	1	3/4	27	1	3	1/4	2	..
» 1760 » 1761...	111	19	2	6	64	4	..	16	6	6	26	2
» 1761 » 1762...	102	10	..	1	61	1	..	23	2	7	7	1
» 1762 » 1763...	82	47	5	3	13	1	..	23	4	5	36	..
» 1763 » 1764...	99	44	1	7	30	3	..	11	..	..	61	1
» 1764 » 1765...	90	30	7	6	53	2	..	18	5	3	62	2
» 1765 » 1766...	85	27	5	6	2	3	..	21	5	1	64	4
Do 1.º Agosto a 31 de Dezembro 1767	87	15	1	..	4	1	..	18	2	6	64	4
De 1768.........	84	50	..	4	61	1	..	13	..	1	57	3
» 1769.........	84	20	4	6	49	4	..	12	4	2	7	1
» 1770.........	92	19	4	4	52	1½	..	16	2	3	63	3
» 1771.........	80	54	..	2	40	1	..	12	7	4	48	1
» 1772.........	82	6	5	1	13	3	..	18	5	6	25	1
» 1773.........	78	17	6	2	42	..	..	15	5	4	..	..
» 1774.........	75	22	7	7	43	..	..	14	3	6	68	2
» 1775.........	74	50	5	..	64	2	..	9	3	6	..	..
» 1776.........	76	12	6	7	50	2	..	10	3	6	14	2
» 1777.........	70	2	..	..	..	..	..	5	2	1	47	1
Somma......	2380	24	6	5	5	3	5	11	2	1	1	2

TABOA do rendimento do Quinto até 1777. (Continuada).

ANNOS.	Arr.	Mar.	Onç.	Oit.	Grs.	Quin.
Transporte....	2.380	24	6	5	5	3
O permutado no Registo......	5	11	2	1	1	2
Quinto do ouro mandado fundir pela real fazenda atè 14 de Outubro de 1756, porque d'então em diante quintou-se quando se fundiu........................	31	46	..	4	9	..
Accrescimo no peso em 1764...	..	1	..	6	..	..
Ditos em 1765...............	..	..	7	2	61	..
Confiscos em 1765............	.	1	3	7	36	..
Ditos em 1766...............	..	..	..	..	13	1|2
Derrama para implemento das 100 arrobas de ouro desde o 1.º de Agosto de 1762 até 31 de Julho de 1763.....................	13	19	1	5	31	1
Ditó de 1769 até 1771.........	10	57	2	5	51	1|2
Somma....	2.441	35	1	5	65	1

DIZIMOS.

O contracto dos dizimos pertencentes a S. M. por concessão pontificia teve principio n'esta capitania em 1704,

Pela Ordem de 12 de Janeiro de 1739, em virtude da resolução de 23 de Dezembro de 1738, se concederam aos contractadores 3 annos mais para cobrarem, como dividas reaes, o que lhes ficassem devendo.

As causas dos dizimos, quando se trata de se deverem ou não por direito, correm perante o juiz geral das Ordens ; e quando se trata da cobrança e arrecadação, correm perante o juiz leigo. Ordem de 13 de Dezembro de 1750, em virtude do Decreto de 3 de Novembro do mesmo anno.

Pela carta régia de 20 de Janeiro de 1777 se acautelam as injustiças e vexações, com que os rendeiros dos dizimos opprimiam os povos, e se determina que todas as questões, que se moverem entre os rendeiros, administradores e lavradores, sejam verbalmente autoadas por via de simples querella, e immediatamente levadas á junta da fazenda com os ditos das testemunhas, e n'ella verbalmente julgadas, sem custas, abolindo-se os conservadores dos dizimos e seus officiaes.

Este contracto foi rematado ultimamente por 6 annos em 1777 por 388:000$000.

O rendimento d'este contracto desde o principio até o anno de 1776 é o que se segue:—

TABOA dos rendimentos dos Dizimos desde 1704 até 1776.

ANNOS.	Rs.	ANNOS.	Rs.
1704.......	668$750	1743.......	104:125$680 1/2
1705.......	1:206$330	1744.......	99:089$147
1706.......	1:225$270	1745.......	92:038$000
1707.......	2:448$895	1746.......	92:038$000
1708.......	1.531$270	1747.......	92:038$000
1709.......	125$104	1748.......	92:038$000
1710.......	175$270	1749.......	92:111$680 1/2
1711 até 1716		1750.......	92:111$680 1/2
1717.......	49:281$830	1751.......	80:558$902 1/4
1718.......	46:276$395	1752.......	64:385$013 1/2
1719.......	46:276$395	1753.......	64:483$013 1/2
1720.......	46·613$498	1754.......	67:281$544
1721.......	47:085$440	1755.......	71:336$680
1722.......	47:085$440	1756.......	71:336$686
1723.......	40:082$117 3/4	1757.......	73:405$439
1724.......	49:111$646 3/4	1758.......	76:301$686
1725.......	49:111$646 3/4	1759.......	76:301$686
1726.......	61:423$980 3/4	1760.......	76:680$846 1/4
1727.......	78:661$245 1/4	1761.......	77:211$680
1728.......	78:661$245 1/4	1762.......	77:211$680
1729.......	68:018$625	1763.......	81:692$739
1730.......	53:118$957 1/4	1764.......	87:967$461
1731.......	53·118$957 1/4	1765.......	87·967$461
1732.......	58.607$124	1766.......	77:255$689
1733.......	66:290$555	1767.......	62:259$200
1734.......	66:290$555	1768.......	62:259$200
1735.......	82:357$947	1769.......	62:260$867
1736.......	104.852$298 1/4	1770.......	62·263$200
1737.......	104:852$298 1/4	1771.......	62·263$200
1738.......	97:708$528 1/4	1772.......	62.263$200
1739.......	94:763$730	1773.......	63.263$200
1740.......	104:642$798 1/2	1774.......	62.263$200
1741.......	104:427$104 1/2	1775.......	92.038$000
1742.......	104:125$680 1/2	1776.......	92.068$700

DAS ENTRADAS.

No 1.º de Dezembro de 1710 o governador Albuquerque convocou junta dos povos, e propoz que eram necessarias rendas certas e consideraveis para os soldos e ordenados. Accordou-se n'ella em uma imposição no negocio de fazenda, escravos e gados, que entrassem pelos registros; mas Sua Magestade não approvou, respondendo ao governador que não fizesse novidade (Carta Regia do 1.º de Abril de 1713).

Finalmente no 1.º de Outubro de 1718 principiou-se a cobrar os direitos de entradas por conta de Sua Magestade, em virtude das Cartas Regias de 16 de Novembro de 1714, e de 11 de Fevereiro de 1719.

Estes direitos de entradas, em que ha alterações, são:—De cada escravo que entra a primeira vez, 2 oitavas de ouro quintado; de cada cabeça de gado vaccum, 1 oitava: de gado cavallar ou muar, 2 oitavas; de uma carga de fazenda secca de 2 arrobas, dando-se 6 libras de tara, 1 oitava e meia; de uma carga de molhados, meia oitava. N. B. Por fazenda secca se entende o que serve para vestir; e por fazenda de molhados os comestiveis, e assim mais ferro, aço, polvora, &c.

A ultima rematação d'este contracto foi feita a João Rodrigues de Macedo por 6 annos pela quantia de 944:000$000 rs., a saber: Minas, 754:953$082; Goiaz, 154:324$014; Cuiabá, 27:006$704; S. Paulo, 7:716$200.

Rendimento das entradas, calculado no anno de 1776, Réis 147:162$311.

DAS PASSAGENS.

Os direitos das passagens dos rios caudalosos da Capitania foram estabelecidos em diversos tempos, segundo o maior numero dos povos e suas necessidades. Algumas passagens se tem abolido, e outras se tem reunido.

O rendimento da do rio das Mortes desde 1711 subiu de 1 conto a 5. O da passagem do rio Grande desde 1714 subiu de 700$000 rs. a 1:800$000 em 1737, depois do qual anno tem descido até 50$000 rs. Minas Novas desde 1757 passou de 56$000 a 370$000 rs. Sapocahy, desde 1750, subiu de 49$000 a 166$000 rs. rio Verde, desde 1738, passou de 153$000 a 800$000 no anno de 1752, depois do que desceu a 40$000; e a final subiu a 2, 5 e 6 centos mil réis. Paraopeba, Urucuia, rio das Velhas, todas ellas com suas annexas tem rendido desde 100$000 rs., até 300$000. Rio de S. Francisco, desde 1745 até 1753, pruduziu 1:000$000, depois do que foi descendo. As Passagens de Baependy, Gequitinhonha e Pitanguy, poucos annos existiram.

DOS DONATIVOS, TERÇAS PARTES, E NOVOS DIREITOS.

Na creação das villas se conferiu a serventia dos officios de Justiça, e algumas propriedades d'elles a pessoas aptas, que só pagaram os novos direitos regulados na fórma das leis; e esta pratica durou até 1721.

Por Decreto de 18 de Maio de 1722, a que se referem as ordens de 21 do dito mez e anno, e de 23 de Dezembro de 1723, se determinou, que a serventia dos officios do Brazil (exceptos dos do Recebimento) creados ou por crear, em quanto não tivessem proprietarios, se conferisse por donativo a pessoas idoneas, contribuindo estas no fim do anno com a terça parte dos seus rendimentos, arbitrados pelos Governadores e Ouvidores,

Depois por Decreto de 18 de Fevereiro de 1741, a que se referem as ordens de 28 do dito mez e anno, se determinou, que a serventia dos officios, que não tivessem proprietarios, se desse a quem offerecesse maior donativo, e que isso se praticaria ainda n'aquelles officios, que não pagavam as terças partes.

Finalmente depois de algumas alterações, pela Provisão de 9 de Agosto de 1771, expedida pelo Erario, se commetteu a Junta a rematação dos ditos officios, ou dal-os por administração pela terça parte, ou por duas dos seus rendimentos.

DO SUBSIDIO VOLUNTARIO.

Convocadas por ordem Regia as Camaras pelo governador, para expôr-lhes o estado de Lisboa, offereceram voluntariamente por 10 annos, para a reedificação da cidade, a imposição seguinte:

De cada escravo que entrasse no registo, 4$800; de uma egua 1$200; de 1 boi 450; de 1 barril de vinho, ou aguardente, ou de uma frasqueira d'elles 300; de cada venda de aguardente da terra por mez 1$200. E que a mesma quantia pagariam os Srs. de engenhos, que a vendessem atabernada dentro ou fora dos mesmos. (Termo de 6 de Julho de 1756).

Teve principio este subsidio em Agosto de 1756, e findou em Julho de 1766; porém, quanto ao que se pagava nos registos, sempre se foi cobrando, não obstante o clamor dos povos.

Finalmente no anno de 1768 o Governador conde de Valladares, persuadiu de tal arte as Camaras, que se

oppunham ao restabelecimento do subsidio, que ellas mesmas offereceram por mais 10 annos, na forma do primeiro, quanto aos registos, e com varias differenças quanto as vendas.

DO SUBSIDIO LITTERARIO.

Estabelecendo Sua Magestade, pela carta de Lei de 10 de Novembro de 1772, o subsidio Litterario, para sustentação dos mestres regios, commetteu o seu estabelecimento e cobrança á Junta pela provisão do Erario de 17 de Outubro de 1773. O Rendimento d'este subsidio no anno de 1775 foi 6:646$499 rs.

DOS DIAMANTES.

Descobrindo-se alguns diamantes nos ribeirões da comarca do Serro no anno de 1727, ou 1728, e não participando o governador D. Lourenço de Almeida esta descoberta a S. Magestade, estranhou-se essa omissão pela carta Regia de 8 de Fevereiro de 1730, mandando-se que promovessem o descobrimento dos mesmos diamantes.

A primeira providencia do governador foi annullarem-se as concessões de datas mineraes n'estes sitios. Depois estabeleceu elle pela portaria de 24 de Junho a capitação de 5$000 rs. por esvravo, que se occupasse na extracção d'este mineral. Pelo bando de 9 de Janeiro de 1732 mandou expulsar todos os negros, negras, e mulatos forros da comarca do Serro, sob penas graves. Deu o regimento de 28 de Janeiro de 1732, confiando a execução d'elle ao Ouvidor da commarca, assim como instrucções ao commandante do destacamento. Pelo bando de 22 de Abril do mesmo anno permittiu ao povo por um anno a extracção dos diamentes, pagando-se a capitação de 20$000 rs. por escravo; visto que não se conseguiu a rematação das minas d'elles, na fórma da carta Regia de 16 de Março de 1731.

O conde das Galvêas, em execução da carta Regia de 30 de Outubro de 1733, publicou 3 bandos. No primeiro elevou a capitação dos escravos a 25$000 rs. desde Maio até Dezembro; prohibiu a compra e venda dos diamantes fóra do Arraial do Tejuco, e aos escravos em qualquer parte. Prohibiu tambem a entrada de vagabundos e pedidores nos serviços; assim como as vendas fóra do dito

Arraial, ou perto das lavras; e finalmente abrirem-se as vendas do Arraial de noite.

Depois elevou a capitação, de Janeiro de 1734 em diante, a 40$000 rs., renovando penas aos compradores, prohibindo o uso de armas aos escravos e aos forros, e mandando expulsar da comarca as meretrizes.

No 3.º bando suspendeu a capitação, e permittiu a extracção até o fim de Agosto. Ordenou mais que fóra dos rios se não pudesse minerar, nem faiscar. Mandou depois que não se trabalhasse dentro da demarcação por fazer descobertos, e que apparecendo algum fóra d'ella, se participasse ao Intendente, para dar as providencias. Mulctou finalmente as lojas de Tejuco em 50 oitavas por anno, e as vendas em 30 para as despezas com a tropa e capitães do Matto....

Gomes Freire de Andrada pelo bando de 26 de Agosto de 1739 declarou os sitios, onde os moradores podiam minerar para ouro, e os que não podiam assistir na demarcação; e por outro bando da mesma data declarou os limites da demarcação, os quaes foram ampliados por José Antonio Freire a 2 de Janeiro de 1735.

O 1.º contracto dos diamantes foi rematado a João Fernandes de Oliveira com 600 Negros por 4 annos.

O 2.º da mesma sorte, com a vantagem de 3 mezes mais para a lavagem, e do emprestimo de cento e cincoenta mil cruzados.

O 3.º a Felisberto Caldeira Brant pelo mesmo prazo, com 400 negros no Serro, e 200 em Goiaz.

O 4.º ao mesmo João Fernandes de Oliveira, e a Francisco Ferreira da Silva.

Pelo Alvará de 11 de Agosto de 1735 tomou S. Magestade debaixo de Sua Real protecção o contracto dos diamantes, fazendo exclusivo o seu commercio; e não obstante as leis existentes, Mandou, pela carta Regia de 16 de Novembro de 1770, que os réos convencidos do extravio de diamantes sejam remettidos ás cadeias do Limoeiro, e que se procedesse a 2 devassas annuaes a este respeito...

Villa de Santa Barbara 18 de Março 1844.

(Offerecida de Minas ao Instituto pelo seu Socio correspondente o Sr. Manoél José Pires da Silva Pontes).

MEMORIA.

Sobre os usos, costumes e linguagem dos Appiacás, e descobrimento de novas minas na Provincia de Mato Grosso.

(Offerecida ao Instituto Historico e Geographico do Brazil, pelo Conego José da Silva Guimarães, natural de Cuiabá, Commendador da Ordem de Christo, e Membro Correspondente do mesmo Instituto).

Logo que pela Carta Regia de 14 de Setembro de 1815 o Senhor Rei D. João VI, de saudosa memoria, Houve por bem felicitar aos habitantes da Provincia de Mato Grosso, franqueando-lhes o commercio de importação e exportação entre esta e a provincia do Pará, isentando de todos os direitos, por tempo de dez annos, os generos e mercadorias que entrassem no mesmo commercio pela navegação do rio Arinos, foi esta frequentada por negociantes de uma e outra provincia; e pelas repetidas recommendações, e terminantes ordens do Governador e Capitão General o marquez d'Aracaty, foi tratada com a maior humanidade possivel a numerosa e guerreira nação Appiacás, que povôa com differentes aldêas as vastas margens do dito rio Arinos, e assim se veiu a conseguir a amizade d'esta poderosa nação, que fez cessar todos os receios com que era feita a longa, fatigosa, e ardua viagem desde o registro do rio Preto até as primeiras povoações do Pará, em sertão totalmente inculto, e por saltos e catadupas, em que, além do imminente perigo das innundações pela correntesa das aguas, accrescia o continuo sobresalto das incursões d'estes selvagens, que a seu salvo o podiam fazer, em vista das localidades.

Vivia esta nação desconfiada, porque os primeiros navegantes do rio Arinos tinham disparado alguns tiros de espingarda para se desembaraçarem defensivamente dos guerreiros d'ella, que, vindo a reconhecel-os, principiaram a fazer hostilidades, que se devia evitar, visto não attenderem aos signaes, que se lhes dava de paz e concordia. Com a frequencia da navegação, e com os presentes que lhes mandou fazer o dito Capitão General, começaram a

apparecer aos viajantes, e até entraram a admittir em suas aldêas alguns Brazileiros, que ahi quizeram ficar, com os quaes se foram familiarisando, e d'elles colheram as noticias precisas para o conhecimento que haviam ter do nosso caracter e da nossa obsequiosa correspondencia.

No anno de 1818, navegando por aquelle sobredito rio Antonio Peixoto de Azevedo, com carregação que trouxe do Pará, pôde reduzir a sete mancebos d'esta nação para que o acompanhassem até a cidade de Cuiabá. Tratou-os com muita affabilidade na viagem, e apresentou-os ao antedito Capitão General, que lhes fez o melhor agazalho, e depois os mandou restituir ao seu paiz com sementes e grãos de todas as qualidades de fructas e legumes cultivadas no paiz, para que de tudo houvesse em suas terras em beneficio commum. O gosto que tiveram aquelles Indios em ver a cidade de Cuiabá; o bom tratamento que mereceram geralmente aos cuiabanos: e a tendencia qu se lhes conhece para a civilisação, deram logar a que no anno de 1819 viessem visitar ao novo Capitão General, o barão de Villa Bella, um cacique com quatorze individuos de sua nação, sendo um seu filho, outro seu irmão, uma rapariga de quinze annos, e onze de tres differentes aldêas: chamava-se o cacique—Severiano—nome porque sempre foi tratado desde a infancia; o que se fez notavel, por apparecer entre elles, e no meio de tantos nomes barbaros, quem se appellidasse como os christãos. Tinha a sua residencia na aldêa—Tacatinga,— uma das muitas da nação, situada nas margens do Arinos, com mil e quinhentas almas. Acompanhou-o um Brazileiro de nome Braz Antonio, natural da villa de Barcellos do Governo do rio Negro, que embarcára no Pará no anno de 1816, e ficára n'aquella aldêa, aonde aprendeu correntemente a lingua Appiacá, e veiu por interprete.

O barão de Villa Bella recebeu-os com todas as demonstrações de amizade, e á custa da fazenda publica mandou-os alimentar. Por frequentes conversações que com elles tive, por meio do interprete, eu pude haver as noticias dos seus usos e costumes, e do vastissimo sertão que elles trilham; e tudo escrevi, para que com o auxilio de taes noticias, e com o soccorro d'estes selvagens, se possa alcançar um dia a civilisação d'esta nação, e de muitas

outras, d'onde sahirão ainda grandes colonias proveitosas, não só para salvação de tantas almas, que estão fóra do gremio da Igreja; como para augmento da população da extensissima, mas despovoada provincia de Mato Grosso, e para os novos descobertos, que se podem esperar n'aquelle rico terreno, até agora desconhecido.

Sendo quasi costume geral de todos os Indios terem muitas mulheres, os Appiacás tem sómente uma; mas quando lhes parece a repudiam e tomam outra; ficando a primeira livre para novo hymeneo: e não é raro que o mesmo homem, depois de passar algum tempo, receba outra vez a mulher que repudiou. As familias tomam este procedimento como uma deshonra que as affronta, e por muito tempo mostram a sua magoa e sentimento. Os pais levam comsigo os filhos, que nunca deixam em companhia das mãis repudiadas.

Para que a população vá em augmento, e a nação tenha muitos guerreiros, é promovido o casamento pelos pais, logo que os filhos chegam á idade de 14 annos. A firmeza do casamento depende de ser publicamente entregue a noiva por seus pais, ou, na falta d'elles, pelos parentes mais chegados, ao noivo; vivendo muitas familias em uma mesma casa, em que estão armadas as redes de cada casal, nunca deixam perceber a copula conjugal; porém, sem embargo de tanta cautela entre elles, nenhuma repugnancia ha de offerecerem suas proprias mulheres aos viajantes, e de até serem testemunhas do acto obsceno, a troco de ferramentas para a agricultura, e outros usos, e de algumas quinquilharias, e bagatelas que recebem.

As suas festas celebram-se por occasião de alguma victoria, ou pela acclamação de um novo cacique, ou nos casamentos dos maioraes da nação. Consistem ellas em se enfeitarem os guerreiros com os seus pennachos e plumagens, depois de terem untado o corpo todo com oleo de guaguassú, em que misturam urucú para fazer uma tinta, que em logar de aformozear os enfeia; e assim preparados marcham ao som de trombetas de taquara, de que sacam alguns sons, sem nenhuma harmonia. A gente das aldêas, acompanhada de todas as mulheres, os vão receber nos campos visinhos, adornando-se aquellas com os melhores enfeites que tem, e são contas de tucuman maiores ou me-

nores a arbitrio; porque ralam a castanha d'este côco em pedra para reduzil-a ao tamanho que querem, furando com o dente de um peixe, que chamam—Rubágo,— e enfiam em um cordel de que fazem collares, dos quaes alguns são engrazados com dentes dos inimigos, de que os maridos fazem presentes ás mulheres. Ao som das mesmas trombetas bailam, ficando as mulheres por baixo do braço e encostadas aos peitos dos homens; e com passo enterpolado andam a roda, em um determinado tempo á direita, e em outro á esquerda, até que as trombetas fazem uma cadencia final, e então param para receber applausos, e para dar descanso aos que tocam, afim de poderem continuar com a mesma cousa. Cantam depois da dança, e seu canto, de uma toada desagradavel, rola ordinariamente sobre amores, ou sobre empresas guerreiras. Estas são as mesmas festas que se fazem nos casamentos, e na acclamação de um novo cacique, que é sempre o filho mais velho do defunto, ou na falta de filhos, o parente mais chegado da sua familia, que é a unica que tem direito ao cacicato de todas as aldêas da nação, por herança de seus avós.

Os Appiacás fazem a guerra, não por ambição, mas pelo desejo de vingar sua nação, excitado pelos seus anciões, que conservando odio implacavel a seus antigos inimigos, recontam em suas palestras as passadas affrontas que soffreram d'esta ou d'aquella nação, estimulando assim os moços a procurar vingança, que sempre lhes aconselha. Por isso é a guerra amiudadas vezes promovida pelo povo, que a pede ao cacique, e este outra vezes é que a determina, mandando fazer os aprestos necessarios, e solicitando o auxilio das outras aldêas, cujos caciques nunca o podem negar. Sem que primeiro tenham colhido os mantimentos que haviam plantado, nunca se emprehende a guerra; e quando vão a ella levam o preciso em canôas, se a expedição é feita pelo rio, ou ás costas dos soldados, se é por terra, carregando cada um o seu municiamento e vitualhas; além do que o cacique manda conduzir, como um deposito de reserva, que é repartido por todos, quando ha necessidade; e na partilha não ha distincção alguma, tanto se tira para o cacique como para o soldado. O cacique arma-se com uma lança, tendo frechas, com seu

arco, que vão carregadas por dous guerreiros, que andam ás suas ordens, immediatos á sua pessoa, os quaes tambem levam as suas proprias frechas, e porrete pequeno, armas de que usam todos; e não sendo elle um superior bem respeitado entre os seus pela excessiva familiaridade com que se tratam, desde que principia a marcha, conserva-se uma exacta subjeição ás suas ordens, e é chamado, em quanto dura a campanha —Sará—, isto é fogo, o qual (na maneira geral por que os indios o fazem) elle mesmo o tira para o seu fogão, d'onde todos o vem buscar para os ranchos; e antes disto, ninguem póde fazer cousa alguma, porque o fumo do fogão do cacique é que dá o signal de acampamento. Preparados os fogões com lenha sufficiente, vão-se todos lavar, se dispõe a comida, e acabada ella, arma o cacique a sua rêde, que é o signal de recolher, para que todos cuidem no pouso. Não usam de sentinellas á noite, e dormem em o maior descanço, por se considerarem seguros com uma guarda avançada que levam explorando o caminho, durante a marcha. Quando vão embarcados, as explorações são feitas em ambas as margens do rio, e nunca sahem do acampamento, senão depois de todos se lavarem, e com o sol já bem alto, para os exploradores terem tempo de avançar, e fazerem caçadas, cujos productos são entregues ao cacique, á quem dão parte de tudo que foi visto naquelle dia, quando voltam a tarde á encontral-o.

A guerra dos Appiacás é sempre feita por traição; salvo o caso de encontrarem inesperadamente o inimigo, porque então são leões a combaterem. Os seus prisioneiros são conduzidos ás aldêas, onde com grande apparato são comidos, não só pelos guerreiros, como pelas mais gentes das mesmas aldêas; dando-se cuidadosamente esta vianda aos meninos, aconselhando-os que sejam intrepidos desde já, para se regalarem com tão saborosa comida. Para se emprehender a guerra é preciso consultar aos pagés, que são certos embusteiros mais espertos, que a massa geral da nação, os quaes se dizem adevinhadores; fingem-se atordoados, e dão-se por mortos, persuadindo áquella gente credula e boçal que fallam com o diabo atravez das difficuldades, que dizem vencem, e que sómente os de sua familia sabem vencer; e depois de se darem assim por mortos, levantam-se á meia noite,

como resuscitados, cantam, e com grande admiração prognosticam o futuro, que dizem saber por aquelle chamado sacrificio, por causa do qual ganham um profundo respeito do povo, sem por isso levar cousa alguma; porque sómente lhes é permittido receber pagas dos curativos que fazem.

A medicina dos pagés consiste em assoprar as partes enfermas, chupal-as com força, dando ao depois banhos com succos de algumas ervas, que pisam, infundem em agua, e por um peneiro, a que chamam—Orupéma—, espalham pela cabeça do enfermo, e quando ha constipações restabelecem a transpiração, pondo fogo em roda da rede do paciente, e brazas por baixo; prescrevendo em todas as enfermidades uma dieta rigorosa, que consiste todo o alimento em caldo de milho. O curativo é feito por dous, para resolverem o modo porque se deve assoprar, e chupar, e que ervas se hão de empregar nelle. Ou os enfermos sarem, ou morram, os pagés, tem direito de tirar para si os melhores moveis, armas, ou cousas que elles possuem: e se lhes entrega sem a menor duvida. Dura o curativo somente tres dias, dous destinados a assoprar, e chupar, e um para o banho, pagamento, e despedida dos pagés, que não tornam mais a vêr o enfermo, succeda o que succeder. Curam as feridas chupando-as tambem, e pondo-lhes em cima ervas pisadas: e o pagamento destas curas sempre é mais inferior que o das molestias internas, e é por onde os discipulos principiam a aprender, praticando com os mestres á quem acompanham, até que sejam havidos por habilitados para exercitarem a sua profissão e serem reconhecidos agoureiros.

A pompa funeral entre elles é lugubre e horrorosa; porque com gritos e alaridos medonhos, que desafiam o pavor, choram sobre o cadaver do morto, que sendo casado, é enterrado na propria casa, e debaixo da rede em que dormia, fazendo-se uma pequena cova em que se põe o cadaver assentado de maneira que a cabeça fique um palmo a baixo da superficie da terra, com que é coberto, accumulando-se sobre a sepultura dous palmos de alto, sem que seja socada. O conjuge que sobrevive deita-se sobre a sepultura na mesma rede do seu casal, e passa jejuando rigorosamente, alimentando-se sómente de —cáuim— que lhe é ministrado pelos seus parentes, até que se desenterrem os ossos do mor-

to; sendo este o luto de que usam, e tão rigoroso que emmagrecem, a ponto de muitos perderem a vida, o que se toma por heroismo. Durante a putrefacção, a casa fica insupportavel pelos miasmas que exhalam, que com tudo aturam por obsequio ao morto, cujos ossos ao depois se desenterram com uma lacrimosa ceremonia, feita pela mãi, ou avó, ou pelo mais chegado parente, na classe feminina, que acompanhada de todos os individuos daquella familia, vão tirando da sepultura osso por osso, fazendo terna e compassiva narração dos feitos daquelle morto em sua vida, os entrega com grande respeito e magoa ás pessoas que a rodeiam, que com lagrimas e soluços os vão depositando em um cesto, para a final os envolverem em uma rede nova, á que chamam—tapuirana—e pendural-os no tecto da casa, defronte do mesmo lugar em que elle existia; e assim ficam até que apodreça a tapuirana, que é quando dão por perfeita a morte, e por acabada a memoria do morto, cujos ossos voltam para a sepultura d'onde sahiram, para nunca mais serem tocados.

Sendo a margem do rio Arinos bordadas de excellentes mattos onde ha rica producção, nellas costumam os Appiacás fazerem as suas roças, ou plantações, amanhando o terreno com machados de pedras, que ageitam para este uso, derrubando com elles grossas e encorpadas arvores, que depois de queimadas, plantam milho, feijão, favas, mandioca, amendubí, batatas e taiá; fazendo do milho e mandioca a má farinha de que usam e soccorrem os viajantes. Além da mandioca ordinaria, tem uma outra, a que chamam mandiocába, que dá grande raiz particular para a bebida de que usam, porque é doce a agua que della se extrahe, a qual fervem ao fogo, e depois lhe ajuntam milho socado e guardam em potes de barro; sendo esta, fóra a agua, a sua unica bebida, a que chamam—cauim—de que já fallei. Com estes viveres, e com peixe, e caça vivem os Appiacás na maior satisfação.

Os homens cobrem as partes genitaes com folhas verdes, sendo este todo o seu vestuario; pintam a cara, trazendo tres linhas de uma orelha a outra, que passam entre o nariz, e a barba, e no meio dellas, logo que chegam aos quatorze annos, um bigode com tinta preta, que fazem calar sobre os beiços com piques pequenos, feitos com espinhos de tocum;

e pelo corpo acham-se caprichosamente gravadas as suas proezas e valentias nos combates com os inimigos, ou com as feras de que triumpharam.

As mulheres andam núas como nasceram; no tempo do corrimento periodico usam de frequentes banhos frios, e para isso tem grandes cabaças cheias de agua dentro das suas casas, e em quanto dormem, para que as redes se conservem limpas, as forram com folhas de—pacoba—: depois do parto não estão deitadas senão um dia, e criam os filhos com muito amor, no meio das laboriosas occupações que tem; porque os homens caçam, roçam, plantam, apromptam as armas, e vão a guerra, sendo estes somente os seus empregos; pertencendo ás mulheres os de limpar a roça, colher, armazenar os fructos, cosinhar, fiar, e tecer tapuiranas. Pintam-se com uma linha preta de uma a outra orelha, passando pelo beiço inferior, e piques na testa. Nunca ha zelos entre ellas.

Pelo que disse o interprete, amam-se mutuamente os Appiacás, sem se espancarem nem por brinco. O homicidio para elles é um crime imperdoavel, e dizem que nenhum homem deve matar o seu semelhante, senão em guerra de uma com outra nação. Quando ha alguma desavença entre elles, o maior castigo que o offendido póde dar ao offensor é injurial-o ao pé dos maioraes, e das mulheres, referindo-lhes a fraqueza que teve, ou em um combate, ou no encontro de uma fera, que se animou a perseguil-a, ou por ter fugido, de uma deligencia de que devia ser encarregado, por fraco e medroso; e isto obra de tal sorte, que elles mais queriam perder a vida, do que dar occasião a ouvir em publico semelhantes vituperios, que os humilha, e envilece sobremaneira suas familias.

O idioma desta nação é esterilissimo: tem muitos vocabulos da lingua geral do Brasil, alguns parecem hespanhoes, e ao modo destes, é que elles fazem soar o—h—na pronuncia, em que o—r—sempre tem som brando. Apresento aqui os seguintes vocabulos, que com muito gosto os ouvi pronunciar, por vezes, por ver que eu os escrevia com grande attenção para ter conhecimento da sua lingua.

VOCABULOS.

Agua—eú.
Amarello—araraviuána.
Anta—tapira.
Arara—canidé.
Arco—uerepára.
Arvore—ibá.
Ave—guirá.
Barraca—panacarica.
Barriga—revéga, marica.
Beber—xaúre.
Boca—iurú.
Bóta—birú.
Braço—iuá.
Branco—motinga.
Cabeça—iacanga.
Cabello—iána.
Campo—júna.
Canôa—ygára.
Cão—goará.
Carne—birarequéra.
Caveira—icanéra.
Casa—róca.
Céo—yúaca.
Cervo—ivupilánga vú.
Chumbo—ubiáu.
Cinco—catumirim.
Comer—ximiúre.
Corvo—urubú.
Dedo—ipoacána.
Dente—rancha.
Deos—iane Page.
Depressa—janeoi.
Direito—santuonáca.
Dois—mocuain.
Donzella—taina.
Elle—aé.
Elles—aetá.
Engolir—airimocónre.
Ensinar—iumbuére.
Espada—tamboápocú.
Espingarda—mucána.
Estrella—iahitá.
Estrellas—iahitatá.
Eu—ixé.
Faca—tajui.
Farinha—ubi.
Feijão—commanda.
Filho—táhira.
Filha—seragira.
Fogo—tatá.
Foice—kicê apára.
Flauta—orenú.
Frecha—ceruhiena.
Galinha—nambútinga
Gerar—omenúre.
Grande—eháin.
Homem—gan.
Hum—iepé.
Já—tuben.
Igreja—iáne Page roca
Ir—iassóre.
Lua—iahy.
Machado—ié.
Mãi—sehia.
Mão—poi.
Mãos—poitá.
Matto—cahaá.
Menina—taina merim.
Moça—cunhá mucú,
Morro—oitera.
Mulher—cunhá.
Nadega—xicoára.
Nariz—tim.
Nós—iané.
Nosso—iáne.
Olho—ereacuora.
Onça—jauára.
Onça parda—jauára piranga.
Onça pintada—jauára pinima.
Orelha—mamby.
Ourina—carucana.
Ourinar—xacarucáre.
Pai—seruvagá.
Papagaio—ajurú.
Pé—peû.
Pés—peútá.
Pedra—itá.
Peito—potiá.
Peixe—pirá.
Pequeno—suiim.
Perna—iánereteman.
Polvora—mucáu cuy.
Porco—tay acú.
Porrete—ipuáana.
Preto—biruna.
Quatro—mocámocoàim
Rato—guajahy.
Remar—iapucúre.
Remo—iapucú.
Roupa—bira.
Sal—inkíra.
Sol—corahy.
Taquara—taboca.
Terra—chué.
Tigre—jauárauna.
Torto—apára.
Tres—moapire.
Tu—indé.
Unha—poampé.
Varge—campina.
Veado—ivupitanga.
Vento—oitú.
Vermelho—biruaúga.

Não se deve considerar perfeita esta pequena lembrança, sómente escripta para dar uma diminuta idéa do idioma dos Appiacás, á quem tocar á gloria de cathequisal-os por bem do serviço de Deos, e augmento do Imperio do Brazil.

Encontra-se bastante hospitalidade em suas aldêas; porém o furto de ferramentas é inevitavel. Nenhum traste de ferro, que não estiver bem guardado, lhes escapa, depois que principiaram a fazer uso deste metal. Se alguns negociantes deixam canôas á margem do rio, ou caixões debaixos de ranchos para os mandar conduzir depois, quebram todos para tirar os pregos, e quaesquer peças de ferro; mas é preciso confessar que nem os sete indios que acompanharam Peixoto, e nem os que vieram com o cacique Severiano, fizeram furto algum entre nós.

Em obsequio ao barão de Villa-Bella estes hospedes dançaram no quartel general, e com a mesma dança obsequiavam a varias pessoas notáveis de Cuiabá, sempre com mui boas maneiras, e com differença das outras nações selvagens. Gostaram do nosso modo de vestir, e aquelle que uma vez se vestiu nunca mais appareceu nú, cobrindo-se, ainda que fosse com roupa velha. O capitão general mandou dar ao cacique uma fardeta vermelha agaloada de ouro, barretina, espada com seu talabarte, camisa, calça e botas. Logo que lhe foi isto entregue, elle deixou o fato velho com que cobria a nudez; e os seus que o rodeavam, tendo o maior prazer de o ver armado, chegavam-se a elle, e cheios de admiração diziam que aquella espada era para cortar as cabeças dos Tapanhónas, seus figadaes inimigos. Ao irmão do cacique, chamado Preá, tambem foi dada uma espada, e ao interprete um fardamento completo de sargento. Eram todos de boa estatura, e bem figurados: os seus cabellos finos, sem differença dos de um homem branco; fazem suspeitar que são de uma raça de indios misturados com brancos da Missão, que os jesuitas hespanhoes estabeleceram nas cabeceiras do rio Cuiabá, que estão proximas ás do Arinos, e, como consta dos annaes que se conservam no archivo da camara da cidade de Cuiabá, foi destruida no anno de 1740, por ser clandestinamente levantada o povoada em terreno nunca pertencente á corôa de Hespanha. Desta antiga união, e das lições dos jesuitas, talvez, ficaram os Ap-

piacás com alguns usos e costumes que têem, e até com conhecimento do sacerdote da Igreja Catholica, como vou mostrar.

Achava-se o cacique Severiano com tóda a sua comitiva no palacio do governo afim de despedir-se do barão da Villa Bella, porque n'outro dia retirava-se para a villa do Diamantino, a embarcar-se para as suas terras; e então tornou-se difficultosa a conversação com elles, pela falta de interpetre que não appareceu. Depois de lhes serem entregues, por conta da fazenda publica, foices, machados, facas, fuzis, pederneiras, anzoes e diversas quinquilharias, que muito estimaram, reparou o governador que todos elles tinham as orelhas furadas, por isso lembrou-se de brindal-os com brincos de missangas, e cada um quando dependurava o seu nas orelhas, ia ao espelho grande, que estava na sala, e arreganhava-se todo. Transportados de alegria pelo que estavam possuindo, sem terem parada em um só lugar, viram entrar um missionario apostolico da ordem dos capuchinhos, e tanta surpresa lhes causou, que pararam todos, e o começaram a olhar com muito acatamento, emquanto elle cortejava o governador, e as pessoas presentes; e depois chegou-se a elle o cacique, e com profundo respeito dobrando o joelho, tomou-lhe a mão e beijou-a, fazendo o mesmo todos os outros com tal reverencia, que bastante enterneceu os circumstantes, e muito mais ao dito missionario, que cheio de contentamento os abraçava afagando-os e lisongeando-os: contou depois este que os indios em lugar de lhe beijarem a mão, davam-lhe um pequeno sôpro; pelo que se conheceu, que elles tinham tradicção d'aquella humildade e obediencia em que os jesuitas souberam conservar os povos aggregados ás suas missões.

Viram com grande admiração a casa das armas, e o parque de artilharia da capital da provincia; e por esta occasião, estando já presente o interprete, o governador lhes offereceu as ditas armas e todos os auxilios de que precisassem contra os seus inimigos; porém recommendou-lhes, que evitassem a guerra, quanto lhes fosse possivel, e que dessem melhor sorte aos seus prisioneiros. O cacique agradeceu a protecção offerecida, e todos prometteram de nunca mais comerem os prisioneiros, protestando, que conservariam comnosco perfeita e inalteravel amizade: que seguiriam a nossa lei; que queriam um sacerdote para as

suas terras; e que finalmente no anno seguinte voltariam á Cuiabá com muitos individuos de todas as aldêas da nação, para verem e presenciarem quanto lhes iam expôr, e para abraçarem o catholicismo: porém uma peste devastadora, que soffreram n'esse anno, e que levou á sepultura o cacique Severiano, o interprete, e um grande numero de pessoas d'aquella nação, desarranjou esse plano.

A boa inclinação dos Appiacás; o gosto com que elles se vestem; o agradecimento que mostram aos obsequios recebidos; a dependencia em que já estão das ferramentas para as suas lavouras; o desembaraço com que ageitam na mesa a usar do talher, e a gostar da nossa comida, que desgosta ás outras nações: a necessidade que d'elles temos para a navegação do rio Arinos, e para descubertos riquissimos no vastissimo terreno que elles habitam, e que conhecem habitado por outros. e de mais a geração dos christãos, que assoma no meio d'estes selvagens, tudo principia a clamar pela cathequisação delles, para que não vivam sem culto algum de religião; porque nenhuma tem os Appiacás, que sómente conhecem que ha Deos, que fez o ceo e a terra, a quem adoram, dizem elles, internamente; temem porque troveja e despede raios que mata. Que felicidade para os Appiacás se nas margens do Arinos forem residir ecclesiasticos dignos de confiança, que com madura prudencia, muita circumspecção, e vida verdadeiramente apostolica, chamando para o gremio da igreja tantas almas, com que se erigirão differentes freguezias, lhes fervore assiduos desejos de melhorar sua condição, tanto no espiritual, como no temporal, alcançando progressivamente a sua civilisação, e encorporando-se aos ditosos subditos do Senhor D. Pedro II? E que felicidade tambem para o meu paiz natal, a bella e amena provincia de Matto-Grosso, que vindo a ficar assim mais populosa, será bem depressa mais rica pela navegação e commercio, e pelos descobrimentos de novas minas, que se devem esperar, em vista das noticias adquiridas destes indios, e dos antigos sertanistas?

Entre os confluentes do Arinos na sua margem oriental ha um rio que os viajantes chamam do—Peixe—e que é denominado pelos Appiacás—Itamiamy—isto é, segundo disse o interprete, rio que corre por terreno pedregoso, onde costumam elles ir, não só a buscar pedras para os seus macha-

dos, como a combater tres differentes nações inimigas, que são:—Tapanhóna, Tapanhóanauhum e Timaóana. Navegando-se por este rio acima, no primeiro ribeirão, que se acha á esquerda, onde ha muitas pedras, que os mineiros chamam—captivos—proprias para os machados dos Appiacás, ha diamantes, pelo que elles affirmam, asseverando que sempre que vão áquelle lugar, em quanto os homens ajuntam pedras para machados, buscam os rapazes diamantes, a que chamam—itámotinga—para brincarem com as raparigas, atirando um nos outros, por acharem bonitas aquellas pedrinhas, que dizem ser muito brilhantes, e que por não as estimarem nunca as trouxeram para suas aldêas. A denominação de—Itamiamy—dá a entender, que o seu leito, e talvez os dos ribeirões que recebe, esteja em cascalho que, naturalmente lavado pelas aguas, offereça com facilidade os diamantes que estes selvagens têem encontrado, e achado da pedra captivo nesses lugares, é uma certeza de havel-os; porque a experiencia tem mostrado que onde ha esta pedra, ha infallivelmente diamantes, em maior, ou menor quantidade.

Recebe o Itamiamy muitos outros ribeirões pelo oriente, e em um delles, que está acima do salto feito por um grande morro, que atravessa o rio, existe uma populosa aldêa da nação Tapanhóna. Estes indios costumam a pôr estrepes, e fazer fojos em roda de seus alojamentos. São altos, corpulentos, intrepidos, e porfiosos guerreiros; usam de arco e frecha, e furam as orelhas, que enfeitam com pennas de arára, e gavião real. Os Appiacás gastam oito dias de viagem para atravessar o morro, que fórma aquelle grande salto, e a agua que por elle se despenha faz tal estrondo, que nesses oito dias por dentro de bocainas cobertas de espesso bosque, sempre se vai ouvindo até sahir ao campo, e então voltam a procurar a margem do rio, até chegar a um ribeirão em que está a dita aldêa dos Tapanhónas. Deste lugar tem os Appiacás marchado até os territorios das duas outras nações Tapanhónauhum e Timaóanas, que tem as aldêas fóra das margens do Itamiamy. O Tapanhónauhum usa de arco e frecha e porrete; é gentio valoroso na guerra, costuma pintar a cara com tres circulos pretos, e furar as orelhas, que enfeita com pennas de diversas côres. E os Timaóanas, ultimos povoadores do Itamiamy, são de estatu-

ra ordinaria, anthropophagos, feios, porque desfiguram o semblante com largas pinturas da testa até o pescoço; usam tambem de arco e frecha e porrete, e enfeitam as orelhas com ouro, de que as mulheres fórmam os seus collares.

Occupados os Appiacás com as suas empresas guerreiras sobre o Timáoanas, viajando a rumo do norte, ao pé de altas serras d'onde se tem dito que nascem os rios em que elles residem, acharam uma antiga tapera de brancos, em que ainda se conservam madeiras falquejadas. O roteiro que fez Bartholomeu Bueno (chamado pelo gentio—Anhanguera—) de sua viagem por estes lugares, e as noticias de Antonio Pires de Campos, e João Leme do Prado, em que, além de outros signaes que dão para se achar o terreno em que asseveram haver ouro em abundancia, e d'onde se extrahiu a folheta efferecida á Imagem de Nossa Senhora da Penha, em S. Paulo, tambem dão por melhor, e mais seguro signal, altas serras fazem capacitar que nesta chamada tapera, é que esteve a trincheira de madeira grossa, em que se aquartelaram os sertanistas, que acompanharam a Manoel de Campos, e que este é o lugar chamado os—Martyrios—sempre procurado, e nunca até agora achado. Para melhor intelligencia, e mais segura conducta dos intrepidos varões, que se resolveram a enriquecer o Imperio com as suas descobertas; e por que se não malogrem as despesas, trabalhos, e fadigas de qualquer bandeira destinada áquelle sertão, como succedeu ao padre Francisco Lopes do Sá que, em estação impropria tentou a navegação do Itamiamy, e Juruena, no anno de 1820, e que teve a infelicidade de encontrar, alêm de forças superiores da nação Tapanhôna, a terrivel peste, que tantos estragos fez aos Appiacás: transcreverei aqui o dito roteiro, e todas as noticias que pude recolher á este respeito.

Roteiro para os Martyrios, indo em canôa pelo ribeirão de Goyaz (1)

Descendo pelo dito ribeirão em canôa, se dará em rio largo, e indo por elle se avistará uma grande ilha, quasi já no alojamento dos Carayahiras. O ribeirão, que se achar á mão esquerda, avistando-se a ilha, se tomará por elle acima até onde puderem chegar as canôas, e d'ahi se tomará a parte direita para o lado dos Carayahiras, e se avistará a parte dos morros, para o qual se caminhará, e dobrando o primeiro morro, se buscará no segundo, terceiro, quarto e quinto, até o decimo morro, a paragem dos martyrios, que é em um destes morros, que tem admiravel vista, e nesta parte, com o favor de Deos, se acharão muitos haveres. Porêm, para esta viagem se irá depois de Pascoa, pela razão das vargens que ha, que são malignas, e ha gentio que é preciso andar com cautela. Este roteiro me deu o coronel Bartholomeu Bueno da Silva, que ficou de seu tio Simão Bueno da Silva, e de seu pai Bartholomeu Bueno Anhanguéra, e me não custou poucas rogativas para lh'o apanhar, que m'o deu pelo interesse de uma causa que lhe patrocinei na cidade de S. Paulo.

Noticias de Antonio Pires de Campos, dadas por Antonio do Prado Siqueira no anno de 1769.

Noticias que me participou muitas vezes Antonio Pires de Campos, o velho, da paragem chamada—Martyrios—, cujo nome indaguei, querendo saber a sua etimologia: explicou-me elle que na serra ou pedernaes de cristaes, que do meio della se emparedam até o alto, tinha por obra da natureza umas semelhanças da Corôa, lança e cravos da paixão de Jesus-Christo, mas tudo tosco: por esta razão appellidaram a dita serra com o nome—Martyrio—á qual paragem fôra elle dito Antonio Pires, sendo de idade de quatorze annos, com seu pai Manoel de Campos, que era o cabo que governava a tropa de sessenta homens armados, que iam nesta bandeira a conquistar o gentio daquelle districto, chamado—Serranos—, (2) que habitam pelas margens da dita

(1) E' o rio vermelho, que atravessa a cidade, que este sertanista chamou ribeirão de Goyaz; e o rio largo é o Araguay.

(2) Parece que são os mesmos Timaóanas de que os Appiacás dão noticia.

serra, a qual tinha a sua vereda do nascente para o poente, é tão elevada na altura, que se fazia incomparavel, á vista das mais serras que haviam em todo o sertão. Nesta mesma bandeira tambem andára com elle o defunto Bartholomeu Bueno, que teria a mesma idade, com seu pai, que indo depois de muitos annos descobrir ouro, que na tal paragem tinha visto, ressalvou, errando o rumo, e indo já de volta para o povoado, descobrio as minas de Goyaz, nome de gentio que ali habitava.

Da cachoeira da Chapada, sitio que é hoje de Martinho de Oliveira, dizia o dito Antonio Pires, que partiram, seguindo o rumo d'entre o norte e noroeste, levando o nascente do sol pelo lado direito, e o poente no esquerdo, fazendo marchas tão somente de metade do dia, para no mais tempo que sobrasse, buscar a vida, matando caças, e tirando mel silvestre, que era o sustento commum de todos os sertanistas; e marchando assim ao cabo de oito dias, deram com um rio, que fazia sua corrente para o norte, o qual era de côr do leite suas aguas, com muitos bôtos do mar salgado, a que chamaram—Paranatinga—(3), que vertido

(3) Por duas vezes atravessou este rio o capitão José Luiz Monteiro, intrepido sertanista, natural de Cuiabá: a primeira a perseguir os barbaros que estavam fazendo hostilidades nas fazendas visinhas; e a segunda, encarregada de reconhecer, quanto fosse possivel, aquelle vastissimo sertão, e diligenciar noticias de suas minas. Esta ultima bandeira malogrou-se pela desunião havida entre os cabos da mesma: quanto a descobertos de terras mineraes, foi com tudo proveitosa, porque depois della principiaram os estabelecimentos de fazendas de gado vaccum e cavallar, que nos ferteis campos bordados de excellente mataria, desde a serra azul, até as margens do Paranatinga, já então levantados, e se vão progressivamente levantando pela prodigiosa multiplicação do gado, e commodidades que a natureza offerece aos fazendeiros. A requerimento destes promoveu-se em 1820 uma subscripção voluntaria para a exploração do dito rio, e foi nomeado commandante da bandeira o tenente de cavallaria de milicias Antonio Peixoto de Azevedo, de quem já fiz menção, que com 50 milicianos de Cuiabá, largou do porto de S. Francisco de Paulo em 20 de Agosto de 1820. Depois de vinte e seis dias de navegação, encontrou este viàjante um corpo de mais de cem homens da nação Mururá, armado em guerra, que lhe pretendia estorvar a passagem. Retiraram-se as canôas da expedição para a margem esquerda do rio, onde não havia risco de chegarem as frechas, e o commandante mandou advertir áquelles barbaros, na linguagem geral, que lhes não ia fazer mal, e por signal de amizade, lhes deixava ali um presente de machados, e mais ferramentas de agricultura; e assim

em nosso idioma vêm a dizer, mar branco. E fazendo elles canôas passaram o dito rio, seguindo o mesmo rumo, che—

desembaraçando-se delles, seguiu boa viagem. deixando semelhantes presentes em varios pontos, que achou frequentados de outras nações, em um dos quaes, por ter grande estrada aberta, e lugares proprios de pescaria, que indicavam estarem ali populosas aldêas, levantou uma cruz de madeira, deixando ao pé della, não só ferramentas de agricultura, como tambem facas, tesouras, navalhas, espelhos, carapuças, e camisas de pannos de algodão; e tendo passado por muitos outros portos, não encontrou homem algum com quem tivesse falla, até que sahio no rio Tapajós, reconhecendo immensas praias, em que as Tartarugas desovam, e que tanto aformoseam o Paranatinga, conhecido pelo rio—Tres-barras—, e chamadas pelos viajantes Rio de S. Manoel.

No tempo de secca, em que foi explorado o Paranatinga, encontrou-se quatro saltos, em que se vararam as canôas por terra ; doze cachoeiras, em que ellas passam descarregadas, varando-se as cargas: mais vinte e uma cachoeiras menores, e oito baixios, em que se viaja com meia carga; e tudo mais e de bòa navegação. A sua direcção é ao noroeste, e desde o porto de S. Francisco de Paula, até a sua barra no Tapajós, tem 229 leguas, calculadas pelo mesmo commandante da expedição, o qual declara no seu roteiro que esta navegação tem menos 86 leguas que a do Arinos, sendo as margens do Paranatinga muito proprias para cultura, por não serem em parte alguma alagadiças, e que em suas mattas se criam de proprio motu salsa parrilha, cravo, pichiry, cacau, baunilha, castanhas, e outros fructos. Ninguem adoeceu na viagem: achou-se a maior fartura de peixe e caça, do que na navegação do Arinos: toda a gente da bandeira chegou a salvamento ; conhecendo-se por isso a grande vantagem que se póde tirar por este saudavel canal de navegação com o commercio de importação e exportação, principalmente dos generos que têem as fazendas e engenhos de serra acima, na extença freguezia de Sant'Anna do Sacramento, oito leguas distante de Cuiabá. A propriedade que tem para a cultura os grandes mattos do Paranatinga; a sua riqueza natural, que ha de incitar o commercio, o commodo que se encontra na fartura da caça e pesca, e na abundante apuração da manteiga dos ovos da tartaruga que se topa em montes por toda a praia; e as minas que se hão de encontrar na sua vasta extenção, offerecerão um dia aos ditosos habitantes o rico solo de uma nova provincia, que extendendo-se atê as margens do Araguaya, terá para seu maior engrandecimento a desconhecida navegação do afamado rio Xingu. O que não será o Imperio do Brasil d'aqui a alguns annos!!! E' para desejar que se publique o roteiro do sobredito Peixoto, que contêm o seu itinerario com todas as declarações sobre os saltos, cachoeiras, e baixios ; configurações de montes, tortuosidades de rios, e altura das barras dos seus confluentes, até a entrada no Tapajós, para que sejam proveitosos aos vindouros os trabalhos e fadigas do tempo presente, e para que nunca se confunda este rio com outro do mesmo nome, que da provincia de Goyaz, recebendo as aguas dos rios Paranan e Palma, se vai ajuntar ao Maranhão, aonde toma o nome de Tocantins, que conserva até se perder no oceano.

garam ao pé da sobredita serra, achando outro rio largo, que acompanhava esta serrania, e vendo a furia e desembaraço com que o gentio os desafiava, fizeram uma trincheira de madeira grossa ao pé deste rio, não tendo mais sahida que para a parte do mesmo rio, dentro da qual se aquarteláram, o que não teve effeito; e como este rio no tempo secco mingoa as suas aguas, ficando somente algumas poças, d'ahi veio o chamarem-lhe—Paráupáva, que quer dizer, mar cortado. Neste dito rio como moços elles iam brincar, apanhando ás mãos granitos de ouro, que levaram a offertar ás suas parentas e obrigações em povoado, por lhes parecer bem a côr daquelle metal, cujo valor ignoravam naquelle tempo; e por prenda a Nossa Senhora da Penha da cidade de S. Paulo, lhe puzeram no braço umas dessas folhetas com o peso de treze oitavas, que a pouco tempo se desfez para um resplendor do Menino Deos; e passados muitos annos, se descobriram as Minas Geraes, e se começou a dar valor a ouro. Dizia mais o dito Antonio Pires, que para esta conquista se não podia entrar com menos de cem armas de fogo; pois o gentio é terrivel, se sustentam de carne humana d'outras nações que apanham. Tambem disse o dito defunto, que nestas minas não podia permanecer descoberto algum, por falta de disposições de terras mineraes, e só neste lugar tinha visto capacidade igual ás que vira, e experimentára naquelle terreno de Minas Geraes, que tudo tinha sulcado e visto, e que por se achar com noventa annos de idade, o não ia descobrir. E' quanto posso testemunhar de ouvido ao sobredito defunto Antonio Pires, que falleceu haverá vinte annos, sendo meu visinho muitos annos; e por verdade assigno esta, jurando em minha alma, quanto aqui se acha dito. Villa do Cuiabá em 27 de Agosto de 1769. —Antonio do Prado Siqueira.

Noticias das minas dos Martyrios, offerecidas ao Governador e Capitão General Luiz d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, por João Leme do Prado.

Andando antigamente Bartholomeu Bueno da Silva no sertão para o rumo entre poente e norte, achára o riacho chamado—Paráupáva—, e em seus barrancos muito ouro, que sem instrumento de o extrahir, apanharam ás mãos umas poucas de oitavas, entre as quaes foi uma folheta, que puzeram na mão de Nossa Senhora da Penha, em S. Paulo. Estes

homens, mais cobiçosos do gentio, do que de ouro, não fizeram delle a estimação que hoje se faz; ainda que houve algum como o coronel Antonio Pires de Campos, que tambem lá andou, e dizia que por estarem faltos de polvora e ferramenta, e cheios de gentio, não tiveram outro remedio, que recolherem-se para S. Paulo, como fizeram, com o projecto de tomarem, aprestados. Chegados que foram á dita cidade de S. Paulo, que as Minas Geraes de novo se frequentavam com muita grandeza, que os obrigou a passarem-se para ellas, esquecendo-se do que em outro tempo tinham visto, e assentado de obrar; e como nem todos que se mettem em minas acham o cabedal que procuram, sahindo muitas vezes mais necessitados, como aconteceu ao dito Bueno, que se vio tão pobre, como nunca esteve, e com nove filhas para casar, com cuja necessidade se lembrou do que tinha visto no dito Paráupáva. Pelo que offereceu esta conquista ao Sr. General de S. Paulo, e logo tomou á mão a empresa, e dando-lhe todo o soccorro necessario, tambem o fez capitão mór regente, e guarda mór geral do seu descoberto. Marchou pois o dito Bueno animado deste calôr; mas como já nesse tempo estava descoberto este Cuiabá, e era o caminho por onde elle devia entrar como da primeira vez, temeu pela distancia que vai de S. Paulo ao Cuiabá, se desanimassem os soldados e desertassem para o mesmo Cuiabá. Procurou rumo differente, dando grande volta pelos sertões de Goyaz; e como haviam já bastantes annos, estava alguma cousa esquecido, ainda tomando a referida volta, não pôde no decurso de tres annos topar com a paragem procurada, ou para melhor dizer, não foi Deos servido. Nesta diligencia fez experiencia no ribeirão de Goyaz, achou e descobrio aquellas minas, que hoje existem; e como já se achava muito velho só cuidava em instar a varias pessoas, que procurassem a dita paragem dos Martyrios. E com effeito se animou o coronel Amaro Leite a metter-se no sertão, com tresentos homens; mas como era a entrada por Goyaz, sempre o rumo foi differente, pelo que apenas puderam chegar aonde hoje é denominado—Araes—(4), e me persuado, que o mesmo hade acontecer ás expedições que proximamente me dizem fizera o governo de Goyaz.

O certo para se descobrir e entrar no dito Paráupáva,

(4) Ali existiu em outro tempo um arraial de não poucos habitan-

como dizia o dito capitão mór regente Bartholomeu Bueno, e o coronel Antonio Pires, é entrar pelo Cuiabá, procurando levar rumo entre norte e poente, levando o sertão dos Bacaris á direita, e passando pelo sertão dos Aguitis, e marchando a rumo direito procurar o gentio chamado—Mamboriàra—da lingua geral, com que já tive falla, e tambem visto parte dessa campanha, que acho muito sufficiente para outras Minas Geraes. E' isto o que póde informar a V. Ex. o seu mais humilde subdito—João Leme do Prado.

Afim de authenticar estes documentos aqui transcriptos, declaro que o roteiro de Bueno, e as noticias de Antonio Pires de Campos, escriptas por Antonio do Prado Siqueira, conservo em meu poder nos proprios transumptos, que o visconde de Balsemão, governando a provincia de Matto Grosso, remetteu ao superintendente das terras e aguas mineraes de Cuiabá, com officio datado em 17 de Outubro de 1769, escripto pelo proprio punho do dito visconde; e que as noticias de João Leme do Prado foram extrahidas do livro decimo do registo da camara do Cuiabá, a fls. 103, aonde se lançaram por ordem do governador e capitão general Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, no anno de 1778.

E' conhecido o rio Juruena, que nasce na latitude de 14 graus e 43', 20 leguas distante da cidade de Matto Grosso,

tes, que com os seus trabalhos de mineração faziam circular na provincia avultada soma de ouro; mas depois que foi assassinado um juiz ordinario, seguio-se a sua despovoação, e ficou deserto até hoje. A companhia de mineração de Cuiabá no anno de 1819 mandou cuidar na abertura do caminho para estas minas, e conseguindo descobrir a propria tapera do Arraial, mandou fazer roças para se principiar um novo estabelecimento, que pela localidade se tornaria grande e proveitoso para o futuro, não só pelas suas minas, como pelo commercio que se póde fazer por aquelle lado da provincia com a do Pará, pela navegação do rio das Mortes, um dos confluentes do Araguaya, por que já navegou João Alexandre de Brito Leme no anno de 1803. A amostra do ouro que se extrahiu em um vieiro antigo, proximo ao despovoado Arraial, foi entregue pela companhia de mineração, e ensaiado na casa da fundição; se conheceu ser de 19 quilates e 3 grãos. Fallou-se em formar uma sociedade que em virtude do § 1o do art. 7o do Alvará de 13 de Março de 1803 se encarregasse da sua escavação, aproveitando-se dos soccorros que já acharia nos mantimentos que produziram as roças feitas á custa da dita companhia de mineração; porêm nada se fez: e os fructos pendentes ficaram no campo á disposição do gentio, das antas, e outros perseguidores das roças. Quando apparecer um genio emprehendedor, em Matto Grosso muito se fará ! !

e trazendo as suas aguas pela margem occidental do Arinos, torna mais caudalosa a corrente d'este, para com outros fazer mais espaçoso o largo leito do famoso Tapajós; porêm o limitado conhecimento que ainda ha do Juruena, em que navegou uma unica vez, e ápressa, o sargento mór João de Souza, tem agora de ser muito mais proveitoso, com as ultimas noticias recebidas dos Appiacás.

Disseram elles que, subindo-se por este rio 5 dias, acha-se outro chamado—Paranáhyme—, cujas cabeceiras vão ter a uma comprida serra; que ao chegar á barra do Paranáhyme, se principia a ver formação de prata pela Juruena, em pedras grandes, não só dentro do rio, como na superficie da terra; que o gentio—Cauahipe (talvez o mesmo que os antigos sertanistas chamavam—Cabahybas), que mora nas margens do outro rio por elles denominado—Parámutanga—, que faz barra no Paranáhyme, usa de enfeites de prata: que abaixo da foz do Juruena, e junto ao rio—Coroá—que tambem entra no Arinos, e parece ser a segunda boca do mesmo Juruena, que se encorpora com aquelle nos parallelos de 9 e 10 graus austraes, habita a nação Bacary, que não tem outros enfeites senão de prata, a qual os ditos Appiacás chamam—itatina—, e conhecem tanto este metal, que pondo-se duvida na formação d'elle em folhetas tão grandes como affirmava o cacique Severiano e seus companheiros, e dizendo-se-lhes que talvez o que elles chamam itatina fosse outro metal não precioso, o moço Pereá, irmão do cacique, que estava deitado, levantou-se arrebatadamente, e chegando-se á mesa aonde existiam algumas peças de prata, gritou, itatina, itatina por vezes, como para justificar o conhecimento que tinha deste metal; e ao depois mostrando-se-lhe uma bacia de estanho bem polida, examinando elle e o cacique com bastante attenção, bradaram não, não, itatina é, pegando em um estribo que estava em uma das mesas da sala, este sim itatina, que abunda o Paranáhyme.

Para conveniencia dos povos, e beneficio publico do Imperio do Brasil, devem-se buscar estas minas com ardor, e na fórma do que foi determinado pelo alvará de 5 de Maio de 1753, que alcancem os seus descobridores as mercês que forem justas, e correspondentes á qualidade e utilidade que resultar do seu serviço.

Rio de Janeiro, 28 de Maio de 1844.

CORRESPONDENCIAS.

N.° 1.

Illm. e Exm. Sr.—Em Agosto proximo passado tive a honra de receber pelo ordenança um officio de V. Ex., em resposta á minha carta de 31 de Maio, no qual me recommenda todo o zelo no desempenho da minha commissão. Tinha eu escripto a V. Ex. que me dirigia ao Paranan. E' verdade que depois das ultimas indagações na margem direita do Paraguassú e Serra do Cincorá, eu tinha ficado um pouco discoroçoado de achar a cidade abandonada nestes lugares, apezar do principio em que me tinha firmado—que esta cidade devia estar defronte de um rio, que desaguasse no Paraguassú—e como não sabia que da banda do Orobó viesse rio algum, punha todo o esforço na margem direita do Paraguassú, que recebe das cordilheiras do Cincorá innumeravel multidão de riachões perennes e poderosos. Entretanto a viagem do Paraguassú não teve lugar pela demora do ordenança na Bahia, pois, sahindo d'aqui a 31 de Maio, recolheu-se no principio de Agosto, tempo em que não podia entrar para o Urubú por falta de pastos; e a providencia de Deos, que quiz poupar-me uma jornada dispendiosa e inutil para o meu fim, pois, como agora sei, a cidade me ficava cá, permittiu tambem em mim certos achaques, especialmente um rheumatismo agudo no braço esquerdo, de sorte que só pude estar prompto para sahir em Janeiro. Neste meio tempo não perdi occasião de formar o meu juizo acerca do lugar d'esta cidade, mandando chamar aqui pessoas sabidas nestes terrenos, e destes exames vim no conhecimento da existencia de um rio, que, descendo do Orobó, faz barra na margem esquerda do Paraguassú, abaixo da foz do Una. Combinando as noticias recebidas com o roteiro impresso pelo Instituto, conclui que este é o rio, que corre defronte da cidade abandonada, a qual está situada acima do Orobó; e tão firme estou nesta conclusão, que de todo puz de parte a viagem do Paranan, e não tratei se-

não de dispôr os meios de entrar nestes maninhos da margem esquerda do Tingá e Paraguassú, para ir encontrar o rio da cidade, e subir rio acima até avistal-a, o que me não levará muitos dias de jornada. Com esta resolução parti no mez de Janeiro para a Parnahyba: chamei a gente, que me havia de acompanhar, e preparei os mantimentos necessarios, bois, farinha, e milho; e tendo mandado exploradores adiante a observar o sitio onde o Tingá daria melhor passagem a vau ou em ponte, e tendo-se assentado que o melhor sitio para se collocar a ponte era perto da barra do Bonito neste rio, no dia 21 de Fevereiro fiz partir a gente de pé e cargas, no dia 22 fui encontral-as 5 leguas para cá do Tingá, no dia 23 pela noite abarracámos entre os dous rios perto da barra, a fim de nos aproveitarmos das aguas do Bonito, que não são salobras, como as do Tingá. No dia seguinte reparti minha gente para os differentes ramos de trabalho, os carapinas para preparar as vigas e pranchões que deviam servir á ponte, outros para abrir picada na margem esquerda, e outros para trabalhar na margem direita em fazer a estrada desde o sitio da ponte em direitura á Parnahyba. Minha tenção era levar esta estrada pelos maninhos da margem esquerda até a villa de João Amaro. Tirava d'aqui dous proveitos: 1.º, abrir communicações com a Bahia, que ao commercio da nova lavra de diamantes, e aos povos do Andrahy e circumvisinhos poupava mais de 40 leguas de mau caminho, e por isso o commercio da lavra quiz coadjuvar esta empreza com 190$000 rs. que empreguei em ferro e aço, e ferreiro, que levei comigo para trabalhar na Parnahyba, comprando-lhe uma tenda, para me fazer pregos, fouces, machados, &c.; 2.º, encontrar o rio, que corre defronte da cidade abandonada, pois o devia atravessar infallivelmente, e ter gente para me acompanhar rio acima até a dita cidade.

Este rio Tingá não é nomeado nos mappas, que tenho visto; aqui é que vim saber seu nome: é um dos fontanaes do Paraguassú; nasce a duas leguas do arraial da Otinga, entre elle e o morro do Chapéo; corre de norte a sul até encontrar e misturar suas aguas com as do Andrahy outro fontanal, que nasce quasi na cima de uma encosta ingreme da serra do Cincorá a poente, cousa de 4 leguas ao sul da pequena povoação chamada Rio-Grande: d'ahi vai circulando todo

o terreno, que delle toma o nome, e que apenas será povoado ha 60 annos: recebe em si o Coxo, que nasce acima da vereda do Alferes, cousa de 2 leguas no caminho que vai do Carrapato para o arraial de Bom Jesus: logo abaixo entra nelle o Prata, rio curto, de boa largura, copioso em aguas cristallinas, que nasce em uma magnifica gruta de pedra calcarea: as aguas do Tingá e Andrahy se juntam emfim com as do Paraguassusinho, que é outro fontanal, e nasce em Farinha-molhada, cousa de 7 leguas a poente da povoação Cincorá; entra depois a serra do mesmo nome, e se precipita por quatro grandes cachoeiras na planicie; a juncção destes tres rios fórma o Paraguassú, que só d'ahi por diante toma este nome: os Srs. Spix e Martius no seu mappa do Brazil erraram a formação deste rio; e até o rumo de seus fontanaes.

Tornando ao meu trabalho,—abriu-se uma picada 6 leguas a Este, e não se encontrando agua, nem esperança de a haver neste rumo, senão em grande distancia, por ser todo este terreno de carrasco mui secco, mandei picar a Sudueste, acompanhando sempre em mais ou menos distancia o Tingá até se encontrar riacho ou lagôa; mas em 7 leguas de picada não se encontrou lagôa, nem riacho e nem pastos: todavia tinhamos bem fundadas esperanças de achar logo adiante lagôa e pasto: e não se encontrou animal, senão um veado jarretado por uma sucuriúba, em que abundam estes rios e lagôas, caminhando em tres pés, mui magro; apanhado pelos cães; só se lhe aproveitou a pelle. Notamos que a catinga da margem esquerda é mui apoucada na vegetação de poucos annos, apezar de ser humidecida pela visinhança do rio e suas enchentes: acharam-se capoeiras, que mostram ter sido aquelle terreno cultivado; tambem ali se descobriu uma fornalha de derreter metaes preciosos, e uma especie de cadinho, que conservo em meu poder: dos nascidos ninguem se lembra que estes maninhos fossem jámais habitados nem cultivados: na margem direita a vegetação é mais avultada, tem bons páos de Vinhatico, Gonçalo-Alves, Copal, &c.; mas todos os praticos que me acompanharam decidiram que esta mata não montava a mais de cento e tantos annos.

Tinhamos aberto as picadas mencionadas, e um pedaço de estrada larga desde o sitio da ponte em direcção á Par-

nahyba: estavam promptas as vigas e pranchões de vinhatico para a ponte, e faltava só collocal-a; haviam decorrido 12 dias que tinhamos começado estes trabalhos, quando as sesões começarão a derribar-me e á minha gente; de sorte que de vinte uma pessoas, que me acompanharam, só escaparam duas sem sesões; e até os cães padeceram, e morreram dous. Voltei por tanto á Parnahyba, e cada um a suas casas para tratar-se; alguns ainda hoje padecem assim como eu: tive a primeira sesão a 2 de Março, e estive na Parnahyba 20 dias, e mudei para o Carrapato, por serem melhores ares, n'um intervallo de melhora, e aqui recahi por causa da obstrucção, que já trouxe, e da inflammação de figado, que ainda padeço, e ictericia: mal posso ainda escrever; esta é feita interrompidamente, e V. Ex. se digne desculpar-me. Estes meus calculos sobre o lugar da cidade abandonada acabam de sêr confirmados por uma testemunha de vista. Indo eu para o Tingá, recebi uma carta de José Rodrigues da Costa da Otinga, na qual me diz que um negro captivo, morador com seu senhor no lugar. que chamam Serrado de Orobó, que morou annos dentro dos maninhos, se me offerecia para me acompanhar, e mostrar o quilombo, onde elle esteve, e a cidade que eu busco: diz este negro que o quilombo está fôra da cidade abandonada, mas perto; que os negros do quilombo ahi vão passear nos domingos; e dá tão exacta noticia das casas e entrada da cidade, e das estatuas e do rio, que corre defronte, que quadra completamente com o roteiro do Instituto, e com o que eu tinha calculado; mandei chamar o negro, e lhe prometti a alforria, porêm o senhor não o deixou vir, e mesmo tendo havido pessoa da Olinga que pretendeu comprar o negro, o senhor não o vende por preço nenhum. Entretanto a minha guia é o rio: terei mais trabalho, mas não deixarei de ter bom resultado. Ha tres mezes que estou doente, não sei o mais que tem havido a respeito deste negro; mas haverá 15 dias me instaram na Otinga, para apressar a minha entrada, que tinhamos guia. Se Deos me der saude, entro depois de S. João.

Aqui fico esperando as honrosas determinações de V. Ex. Deos guarde a V. Ex. por muitos e felizes annos. Carrapato 1.° de Junho de 1844.—De V. Ex. subdito affectuosissimo e obrigado.—Benigno José de Carvalho e Cunha.

N.º 2.

Illm. Sr.—Só agora tenho occasião de remetter a V. S. os promettidos—Excerptos de varias listas de condemnados pela Inquisição de Lisboa, desde o anno de 1711 ao de 1767, comprehendendo só brasileiros ou colonos estabelecidos no Brasil—, os quaes rogo a V. S. que apresente ao nosso Instituto, para, se assim o julgar conveniente serem impressos na sua Revista Trimensal, como documento comprobativo e até illustrador do rapido elenco que do seu conteudo vou fazer.

Passam além de duzentas as condemnações que no referido periodo recahiram em individuos no caso que acima mencionamos, e que interessa á nossa historia. Desses mais de cem, ou quasi metade, achamos serem brasileiros natos, de um e outro sexo; mas principalmente do feminino, dos quaes alguns foram victimas, que o furor do sancto tribunal sacrificou em fogueiras. E' só da ultima metade que se occupará o nosso elenco.

A maior parte destas condemnações,—algumas oitenta, fundam-se em culpas do judaismo, seita que, ainda mesmo sem a professar, os sentenciados deviam abjurar uma ou mais vezes, dando-se casos de o fazerem até a oitava.

Estas culpas de judaismo não tinham de ordinario outro fundamento do que simplesmente o sangue de judeu, isto é, o ser-se christão novo, como se as ovelhas perdidas não fossem, segundo a parabola do chefe da nossa lei, as que o pastor mais devêra prezar!

Além da ajburação os desgraçados christãos novos, que cahiam debaixo das garras dos milhafres do sancto mister, tinhám a pena de levar habito nos autos de fé, além da prisão do carcere, em que eram postos por muito favor a *arbitrio*, porque o ordinario era ser este perpetuo.—Os nossos apontamentos comprehendem desta culpa 24 homens e 56 mulheres, uma das quaes, Brites Lopes, filha da villa da Cachoeira, foi condemnada a habito perpetuo na idade de 16 annos!—O Rio de Janeiro e a Parahyba são porêm as duas provincias do Brazil que mais filhos seus mandaram a Lisboa abjurar com penas crueis o sangue que lhe imputavam correr nas vêas, ou porque a raça de Israel tinha feito anteriormente nessas provincias seu velhacouto, ou porque

os esbirros do sancto tribunal eram nellas mais assiduos. Entre as enviadas do Rio de Janeiro entrou uma senhora, Catharina Rodrigues, filha de Portugal, de 92 annos de idade! Porêm filhas mesmo dessa capital contamos 30, entrando algumas septuagenarias, e da Parahyba 23—e homens 11 de cada uma destas duas provincias, comprehendendo-se nos do Rio de Janeiro o poeta Antonio José, filho do advogado João Mendes da Silva, que fez a terceira abjuração aos 13 de Outubro de 1726, em que foi condemnado a carcere e habito perpetuo aos 21 annos de idade, sendo estudante canonista.

Pobre Antonio José, como podia elle ser amigo e respeitador deste tribunal chamado sancto, que na idade de seis annos lhe arrancára sua pobre mãi para ir fazer numero no auto de fé de 9 de Julho de 1713! E como poderia esta desgraçada mãi ficar reconciliada com a absolvição que do mesmo tribunal recebeu naquella data, quando, depois de ver seu filho crescido, lh'o roubam para o não ver mais! Tres annos depois, no auto de fé de 16 de Outubro de 1729, apparece ella, a infeliz Lourença Coutinho, filha do Rio de Janeiro, condemnada para Castro Marim por christã nova! E 10 annos mais tarde quando o seu filho vai em prestito de carocha para subir á fogueira, ella já viuva e sexagenaria, o acompanha e fica na terra, orphã de tudo, com uma sentença de carcere a arbitrio, que naturalmente completou no dia da sua morte. Estas particularidades teriam servido ao nosso patricio o Sr. Magalhães para carregar ainda mais, querendo, o ultimo lance do seu drama— o Poeta e a Inquisição—se ellas fossem já conhecidas.

O desgraçado Antonio José da Silva não foi o unico filho do Brazil que a Inquisição escolheu para satisfazer o seu furor e sevicia; antes foi o ultimo dos que se comprehendem no periodo da nossa lista.

Em 1726 foi relaxado em carne o « padre Manoel Lopes « de Carvalho, de 44 annos, sacerdote do habito de S. Pe« dro, natural da cidade da Bahia, e morador nesta de « Lisboa, convicto, pertinaz, e profluente da lei de Moysés, « e outros erros. »

Em 1729 teve igual sorte « João Thomaz de Castro, de « 31 annos, christão novo, medico, solteiro; filho de Mi« guel de Castro Lara, que foi advogado, natural da cida-

« de do Rio de Janeiro, e morador nesta de Lisboa; con-
« victo, ficto, falso, simulado, confitente, diminuto e im-
« penitente. »

E na mesma occasião foi relaxado em estatua, por ter tido a fortuna de ter apparecido defunto nos carceres « Braz Gomes de Siqueira, parte de christão novo, mer-
« cador, natural da villa de Santos, e morador na capitania
« do Espirito Santo, bispado do Rio de Janeiro; convicto,
« negativo e pertinaz. »

Mas, o que é mais, em 1731 tambem uma brasileira foi victima; a saber: — « Guiomar Nunes, christã nova, de 37
« annos, casada com Francisco Pereira, natural de Per-
« nambuco, e moradora no engenho de Santo André, dis-
« tricto da cidade da Parahyba; convicta, negativa e per-
« tinaz. »

Condemnações por culpas, que os Srs. inquisidores reputavam mais leves do que o acaso de ter sangue de judeu nas vêas, taes como de bigamia, sodomia, &c., encontramos em menor numero, sendo em dous filhos do Rio, um Paulista, dous Mineiros, sete Bahianos (incluindo tres escravos crioulos dos sertões) quatro Pernambucanos (entrando um de Porto Calvo) e tres do Pará; além dos padres Manoel da Silva Oliveira, natural de Serinhem, e Francisco Lopes de Lima, do Recife, que foram levemente condemnados, tendo o primeiro dito missa e confessado sem ser sacerdote, e o segundo ordenando-se tendo viva a mulher. Nos do Pará diz a sentença que um fazia pacto com o demonio, e o outro recebia ao mesmo tempo por mulheres, com o rito de gentilidade (!) muitas filhas dos principaes dos gentios: foram açoutados e para as galés por algum tempo. Valeu-lhes o não ter quem os accusasse de ser *rabinos*, ou de serem caudatos, segundo a crença do povo portuguez.

De proposito não darei mais minuciosa idéa do conteúdo nos referidos apontamentos: fiz delles este elenco apenas para chamar a attenção do nosso Instituto sobre a sua importancia e curiosidade. Pedindo a sua publicação, que póde ser feita com o typo mais miudo que usa a nossa Revista, eu tomo a liberdade de lembrar quanto esta linguagem mysteriosa e sophistica do proprio texto inquisitorial, que serviria para encobrir a hypocrisia e maldade, é hoje a

exposição mais eloquente de tanta crueldade, que a todos nós, póde apresentar-se; para fazermos idéa como uma tal perseguição, com os competentes abusos da espionagem, devia servir a satisfazer vinganças particulares, e a introduzir a geral desconfiança, e por tanto muita estagnação nas relações de commercio, e nas intellectuaes tambem. Já nem admira que houvesse brasileiros que por occasião de um insulto invasor e de saque e pilhagem a sua patria e domicilio, se fossem abraçar com a bandeira vencedora, para buscár protecção contra a perseguição dos seus proprios:—foi o que succedeu em 1711, quando a hoje capital do Imperio foi forçada pelo destimido Duguay-Trouin. Esta noticia nos dá (e além disso a confirmação da enorme perseguição que no Rio de Janeiro fazia nessa época o Santo Officio) uma carta escripta aos 7 de Dezembro do dito anno por Manoel de Vasconcellos Velho ao seu amigo em Lisboa, Domingos José da Silveira, a qual publicou o erudito monsenhor Pizarro no Tom. 1.° das suas *Memorias Hist. do Rio de Janeiro* a pag. 59, e diz assim no penultimo §:—

« Esquecia-me dizer-lhe a quantidade de gente que se « havia preso pelo Santo Officio, que cuido passam de cem « pessoas: e por não individual-as, digo que é o resto dos « christãos novos que Vmc. cá conhecia; os quaes com a in-« vasão foram buscar sua vida, e ainda andam espalhados, « e andarão, até haver navios e occasião. Não irá n'ella Jo-« sé Gomes Silva e os filhos; porque, quando o general « francez sahiu do collegio, que foi a sua moradia, se abra-« çou com uma bandeira, dizendo—que aquella bandeira « de El-Rei de França lhe valesse—e com effeito foi com « elles."

Em carta separada remetterei a V. S. outros papeis, e darei conta de outros assumptos, como me cumpre.

Deos guarde a V. S.—Lisboa, 17 de Fevereiro de 1844.—Illm. Sr. conego Januario da Cunha Barboza.—Francisco Adolpho de Varnhagen.

N.º 3.

Carta do Dr. Lund, escripta da Lagôa Santa (Minas Geraes) a 21 de Abril de 1844—Lida na sessão do Instituto de 20 de Junho deste mesmo anno.

Illm. e Revm. Sr. conego Januario da Cunha Barbosa, Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.—Tenho a honra de remetter junto a V. S. a continuação das minhas Memorias sobre as extinctas raças de animaes, que antigamente habitavam no Brasil; e por esta occasião tomarei a liberdade de tornar a occupar a V. S. particularmente com um objecto que já formou o assumpto de uma correspondencia anterior, a saber, com aquella parte destas relações que diz respeito á nossa especie.

Animado pela benevolencia com que o Instituto dignou-se acolher as minhas communicações anteriores, conto ainda com a sua indulgencia pelas imperfeições desta breve exposição, em attenção ao interesse que offerece a materia, e a sua relação com um dos fins principaes do Instituto, o de esclarecer a historia do Brasil.

Quando a existencia de ossos de grandes animaes, enterrados nas differentes camadas superficiaes da terra, começou a attrahir a attenção dos observadores, foram esses restos fosseis tidos ou por meros «*lusus naturæ*», ou, quando muito, por ossos de homens de estatura gigantesca. Os progressos da anatomia comparativa fizeram desvanecer pouco a pouco estes erros, mostrando que os presumidos ossos de gigantes eram restos de especies extinctas de grandes animaes, pela mór parte extranhos ao clima actual da Europa, taes como elephantes, rhinocerontes, hippopotamos e outros. Depois de submettida a questão ao exame de autoridades competentes, não se verificou em caso nenhum a existencia de verdadeiros anthropolithos, ganhando assim de dia em dia terreno, e acabando por ser elevado á categoria de axioma a these inversa, a saber:—que no meio de tantos restos, testemunhas de uma ordem de cousas passadas e differente da actual, não appareça vestigio nenhum que indique a existencia do homem na terra, durante a época em que viviam esses grandes animaes. Porêm na marcha fluctuante do espirito humano, sempre exposto a

erros, sempre inclinado a passar de um extremo para outro, parece ir-se verificando a prophecia do poeta:—*multa renascentur, quœ jam cecidere cadentoque, quœ nunc sunt in honore.* » Na verdade a massa de documentos, que parecem conduzir a uma conclusão contraria á já exposta, vai augmentando todos os dias, e não poucas das primeiras autoridades da sciencia tem-se já inclinado diante da força irresistivel dos factos.

N'este estado de transição das idéas de um dogma para outro, aconteceu, o que ordinariamente acontece, que alguns espiritos mais ousados apressaram-se a levar adiante as novas idéas além dos limites rasoavelmente marcados pelos primeiros factos reformadores. Não contentes de fazer retroceder a origem do genero humano até a época, em que viviam essas raças gigantescas de animaes, querem extender a duração da referida época até tempos comparativamente muito modernos. Segundo estes autores, as figuras fantasticas, as vezes grosseiras e mal executadas, em que abundam os antigos monumentos do Egypto, da Grecia e de Roma, especialmente o famoso mosaico de Palœstrina, os nomes estranhos de animaes, contidos no celebre poema allemão « *Niebelungen-lied* », e outros muitos documentos, fornecem bastantes provas de terem desapparecido diversas especies de animaes dentro dos tempos historicos. O exame critico a que Cuvier submetteu esta questão, com a sua costumada penetração e admiravel erudicção, tem mostrado aos olhos de todo o homem desprevenido o sem-fundamento destas idéas extravagantes; de sorte que, limitando a cooperação da phantazia á parte que lhe póde tocar n'uma investigação, que é toda do dominio das sciencias positivas, póde-se dizer com certeza que não existe realmente facto nenhum, que prove, com evidencia o desapparecimento de especie alguma animal, dentro dos tempos historicos. *

* A unica excepção desta regra faz a ave chamada *Didus ineptus*, a qual, achando-se em abundancia na ilha de S Mauricio, na occasião do descobrimento desta ilha, foi pouco a pouco diminuindo até a sua final destruição. Porém, sendo este um animal de proporções extraordinariamente pesadas, e destituido de todos os meios de defesa e de fuga, e sendo a sua patria extremamente limitada, não póde causar admiração a sua extincção, visto as condições inteiramente excepcionaes a que fôra ligada a sua existencia. Na classe dos mammiferos

Este resultado sendo baseado sobre dados fornecidos principalmente pela Europa, póde-se perguntar se é permittido applical-o indistinctamente a qualquer outra parte do mundo. A solução desta questão deve ser precedida por um exame comparativo das condições geologicas da jazida dos ossos fosseis do paiz em questão, assim como do estado de decomposição em que se acham. Ora, considerados debaixo deste ponto de vista, mostram os ossos fosseis deste paiz a mais completa analogia com os da Europa, induzindo assim a suppôr um parallelismo analogo na ordem chronologica da sua deposição.

Por esta breve exposição vê-se a importancia de se achar os restos humanos, de que se quer determinar a idade, acompanhados de ossos de outros animaes. Infelizmente esta coincidencia vem mui raras vezes a se verificar nas cavernas do Brasil, de sorte que não foi senão no anno passado que se me apresentou o primeiro exemplo de uma tal associação, sendo os ossos humanos, na localidade em que fallo, misturados com um grande numero de ossos de varios animaes, todos exactamente no mesmo estado de conservação, e mostrando terem sido depositados approximativamente na mesma época.

O grau de decomposição, em que se acharam, logo indicou a grande antiguidade dos ossos contidos neste deposito. Posto em cima de brazas, não exhalavam cheiro nenhum empyreumatico, adheriam fortemente á lingua, e mettidos n'uma solução deluida de acido nitrico dissolviam-se completa e rapidamente com uma effervescencia violenta. Eram

só um animal póde occasionar contestações ácerca da these proposta, a saber o *bos priscus*, que alguns suppõem ser uma das duas especies de bois selvagens, de que fallam os autores romanos sob os nomes de *Urus* e *Bison*, que apparecem tambem nos antigos documentos da Allemanha debaixo das denominações de Ur e Wisent, e das quaes hoje não existe senão uma, o *Bos Urus* L. O autor mais moderno que tem tratado desta questão, o professor Pusch de Varsovia, esforça-se por mostrar em uma extença memoria, notavel pelo immenso apparato de erudição, que as mencionadas denominações se referem a um só animal, que é o mesmo que ainda existe, o *Bos Urus*. Seja isto como for, em todo o caso a especie fossil de que se trata (o *Bos priscus*) mostra tanta semelhança com o boi domestico que póde ser considerado como o typo original de que derivam as raças domesticadas do gado vaccum, entrando assim na categoria de animal ainda existente.

pois inteiramente calcinados, e sendo além disto parcialmente petrificados, offereciam assim todos os caracteres de ossos verdadeiramente fosseis.

Depois de verificada esta parte da questão, passei ao exame dos ossos no ponto de vista zoologico, de que resultou pertencerem alguns a especies ainda existentes; outros porêm derivarem de animaes que já acabaram de fazer parte da creação actualmente existente. Neste numero entram as especies seguintes:—1.º, uma especie de onça, excedente em tamanho dobradamente á maior especie que hoje existe neste paiz, a onça pintada; 2.º, uma especie de capivara do tamanho da anta. Estas duas especies, além do tamanho, differem sufficientemente das especies visinhas, actualmente existente, pelo detalhe da sua conformação, para serem consideradas como especies distinctas, as quaes tenho estabelecido já ha tempo debaixo dos nomes: *Felix protopanther* e *Hydrochærus sulcidens*. 3.º, uma especie de lama, genero de animaes, que, como se sabe, em nossos tempos é limitado ás regiões alpinas das cordilheiras dos Andes do Perú e do Chile; e finalmente 4.º o cavallo. A apparição deste animal, tão recentemente introduzido na America, no meio de um deposito que parecia reclamar uma antiguidade muito remota, causou a mim a maior admiração, apezar de saber pelos resultados, a que já tinha chegado nas minhas investigações anteriores, que o genero do cavallo fazia parte da fauna antiga deste paiz, até com duas especies; porém estas duas especies, alêm de serem limitadas aos depositos mais antigos, mostravam-se sensivelmente distinctos de todas as especies actualmente existentes deste genero, em quanto que os fragmentos desenterrados na localidade, em que agora fallo, indicavam uma especie differente das duas mencionadas, e a tal ponto semelhante ao cavallo domestico, que não pude por estes fragmentos achar caracteres por onde o distinguisse delle, sendo comtudo as proporções notavelmente superiores ás das raças que pelos conquistadores foram introduzidas na America Meridional.

A' vista dos factos que acabo de referir, não póde pois restar duvida alguma de que a existencia do homem neste continente data de tempos anteriores á época em que acabaram de existir as ultimas raças dos animaes gigantescos,

cujos restos abundam nas cavernas deste paiz, ou em outros termos, anteriores aos tempos historicos.

Em quanto aos caracteres ethnographicos dos craneos deste deposito, tive occasião de confirmar as conclusões, já anteriormente emittidas, offerecendo elles todas as feições caracteristicas da raça americana; assim como me convenci plenamente de que a extraordinaria depressão da testa, que se observou em alguns individuos não deriva da applicação de meios artificiaes.

Vemos, pois, que a America já era habitada em tempos em que os primeiros raios da historia não tinham ainda apontado no horisonte do velho mundo, e que os povos que nessa remotissima época habitavam nella eram da mesma raça que os que no tempo do descobrimento ahi habitavam. Estes dous resultados na verdade pouco harmonisam com as idéas geralmente adoptadas sobre a origem dos habitantes desta parte do mundo; pois que, quanto mais se vai affastando a época do seu primeiro povoamento, conservando no mesmo tempo os seus antigos habitantes os seus caracteres nacionaes, tanto mais vai desvanecendo a idéa de uma origem secundaria ou derivada.

E comtudo, innegaveis são os factos, que parecem indigitar varios pontos de contacto entre os antiquissimo habitantes das duas partes do mundo. Os craneos antigos, que se tem desenterrado em varias partes da Europa, mostram em parte a mesma depressão da testa, como a que caracterisa os craneos fosseis deste paiz; as cunhas ou machados de pedra, chamados vulgarmente coriscos, que se acham em abundancia em todo o interior do Brasil, offerecem a mais perfeita semelhança, não só na fórma, como tambem no material, de que são lavrados com os que se acham nos paizes boreaes da Europa, a ponto de, sendo postos juntos, não se poder distinguir uns dos outros: conhecidas são as variadas analogias que apresentam alguns dos monumentos antigos do Mexico com os do Indostão e do Egypto; mas, difficilmente se havia de adivinhar que tambem o Brazil offereceria um ponto de contacto com este ultimo paiz nos tempos antigos, e comtudo, os restos fosseis, de que me occupo aqui, fornecem a prova de uma tal coincidencia.

Com effeito, estes craneos ao par da conformidade com o typo da raça Americana em geral, que já notei, exhibiram

um caracter, em que differem de todas as raças humanas existentes; a saber: na conformação dos dentes incisivos. Estes em vez de terminar por um córte transversal, como é proprio para esta classe de dentes, apresentam uma superficie plana e triturante, analoga á dos dentes molares. Posto que não possa haver duvida alguma de que esta conformação abnorme provenha de gasto, não merece por isso menos attenção, tanto em razão da sua constancia, sendo observado até nos craneos provindos de individuos novos, como por não se achar nada de semelhante em nação nenhuma moderna, e sim unicamente nas mumias ou corpos embalsamados do antigo Egypto.

Varios autores tem-se esforçado por explicar a causa d'este phenomeno singular, entre os quaes citarei a principal autoridade, o celebre Blumenbach, que o attribue ao supposto costume desse povo antigo, de andar roendo habitualmente raizes fibrosas. Porêm, com todo o respeito devido a tão illustre nome, não é applicavel esta hipothese ao caso actual. Em verdade parece pouco provavel que os antigos habitantes do Brazil seguissem um modo de vida muito differente do qne seguem hoje os gentios, visto serem as condições da sua existencia as mesmas. Ora estes além do que rende a caça, a fonte principal da sua subsistencia, não deixam tambem de aproveitar as raizes, com que por acaso encontram; e comtudo não mostram a mencionada anomalia na fórma dos dentes. Alêm disto, as raizes alimentares, que produz este paiz, pertencentes principalmente ás familias das Smilaceas e Aroideas, são em regra suculentas e macias, não podendo, portanto, de modo nenhum produzir um effeito semelhante nos dentes.

Mais plausivel pareceria á primeira vista a explicação deste phenomeno, pelo uso conhecido entre algumas tribus de indios, de comer terra. Porêm esta hypothese tambem falha na primeira prova a que póde ser submettida. Entre todas as nações modernas a mais célebre nesta especie de golodice é a dos Ottomacos, entrando o uso de terra em tal proporção na sua comida, que vem a formar uma parte essencial da subsistencia desse povo; e comtudo, não se observa nelles a mencionada disformidade nos dentes, ao menos o illustre viajante, que foi visital-as, o barão de Humboldt, não faz menção nenhuma disto, e não é presu-

mivel que escapasse á attenção de um observador tão agudo um phenomeno tão visivel á primira vista.

Podia-se ainda recorrer a um outro uso, observado entre varias tribus de indios, o de mastigar globulos feitos de varias substancias vegetaes aromatico-narcoticas. Mas, além de nenhum viajante ter notado a referida abnormidade nos dentes das nações entregues a este vicio, perde esta hypothese a sua probabilidade pela experiencia geral, de que usos analogos, taes como o uso do fumo do betel, não produzem semelhante effeito, o qual neste caso deve ser limitado principalmente aos dentes molares.

Julgo, portanto, que o interessante phenomeno, que offerecem em commum os antigos habitantes do Egypto e do Brazil, não está ainda satisfatoriamente explicado; motivo mais para se fazer merecedor de toda a attenção dos sabios.

O fundamento principal, sobre que é baseada a opinião geralmente adoptada da origem gerontogœa dos povos da America, consiste na bem pronunciada semelhança que se observa entre a raça Americana e a raça Mongolica. Consideradas debaixo do ponto de vista craneologico, que sempre deve merecèr a primeira consideração, as raças humanas apresentam tres fórmas principaes dos craneos, as quaes o primeiro anthropologo dos nossos tempos, o celebre Prichard, tem designado com as denominações appropriadas de fórma oval, fórma prognatha, e fórma pyramidal. A primeira comprehende a raça Caucasica, a segunda a Œthiopica, e a terceira as raças Mongolica e Americana. Os caracteres mais essenciaes por onde esta ultima se distingue daquella, são a maior estreiteza e baixeza da testa, e a maior proeminencia dos ossos faciaes. Ora, estes caracteres sendo outras tantas approximações para o typo animal, deve a raça Americana occupar o lugar inferior na escala, comparativamente á raça Mongolica. Admittindo-se agora a hypothese de uma origem commum para estas duas raças, sendo a raça Mongolica a raça primitiva, deve-se forçosamente considerar a raça Americana como uma degeneração daquella. Segundo esta hypothese devia-se suppôr que, quanto mais retrocedessemos aos tempos passados, tanto mais se approximariam estas duas raças uma a outra nos seus caracteres physicos. Ora, os factos que tenho referido acima mostram pelo contrario que a raça americana, por um espaço de approxima-

tivamente 3,000 annos, não tem mudado no seu typo geral, ou se é que tem mudado, é para se afastar ainda mais da raça Mongolica, nos tempos primordiaes da sua existencia. Para os que querem insistir na commum origem destas duas raças, não fica pois outro expediente, senão inverter a ordem chronologica até aqui admittida, o que viria certamente a ser mais em conformidade com a marcha ordinaria da natureza, procedendo do imperfeito para o mais perfeito. Sem duvida que uma tal supposição repugnaria á grande massa de anthropologos, acostumados a ligar a idéa de modernidade a tudo que concerne a este continente; porêm, esta idéa, filha de considerações historicas, tem sido indevidamente estendida ao fôro das sciencias physicas; os factos acima referidos o provam a respeito das producções deste continente, e terminarei mostrando que a mesma conclusão vale a respeito do continente, considerado em si.

A grande planicie que comprehende á parte elevada do Brazil, desde a serra do Mar até as cordilheiras dos Andes, abrangendo as cabeceiras dos rios maiores do mundo, fórma um terreno extenso cujo solo é formado de rochas pertencentes ao periodo chamado na Geologia « de transição », e depositadas em regra em camadas horisontaes, sem que essas camadas sejam cobertas por outras, de formação mais recentes. Não consta que haja em outra parte do mundo uma semelhante extensão de terreno que offereça estas condições geologicas, visto apparecerem em regra as rochas primitivas e de transição em camadas consideravelmente inclinadas, provando assim terem sido levantadas depois da sua deposição por effeito de forças expulsivas obrantes de dentro. A época em que foram effectuados estes levantamentos é indicada pela relação que conservam as camadas levantadas para com as que as rodeiam e se encostam a ellas; ora, segundo as observações do Sr. de Beaumont, o engenhoso autor destas verificações chronologicas, as datas desses levantamentos só em mui poucos casos e estes de pouca significancia, sóbem até a epoca de transição. Onde as camadas das rochas primitivas e de transição ainda conservam a sua direcção originaria horisontal, são ellas geralmente cobertas por outras mais recentes, das formações secundarias e terciarias; e a unica excepção, que mereça particular consideração, é, como já notei, o grande *plateau* central do

Brazil. A explicação deste phenomeno, que não tem ainda attrahido da parte dos geologos a attenção que merece, não póde causar difficuldade. A ausencia de depositos secundarios no referido *plateau* prova que já se achou elevado em cima do mar n'uma epoca anterior ao tempo em que principiou a formação destes depositos submarinos, ou em outros termos, que já existia como um continente extenso a parte central do Brazil, quando as mais partes do mundo estavam ainda submergidas no seio do oceano universal, ou surgiam apenas como umas ilhas insignificantes, tocando assim ao Brazil o titulo de ser o mais antigo continente do nosso planeta.

Finalmente accrescentarei que estou á espera de uma conducção para remetter a V. S. um exemplar dos craneos mencionados nestas linhas, que tomo a liberdade de offerecer ao Museu que o Instituto acaba de abrir, rogando-lhe queira aceitar os protestos da alta consideração e estima, com que tenho a honra de ser—De V. S., &c.—Dr. Lund.

DESCRIPÇÃO

Da costa de Pernambuco até os baixos de S. Roque.

(MS. offerecido ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. Tenente Coronel Ricardo Gomes Jardim.

OLINDA.

Da barra do Recife de Pernambuco uma legua grande para o norte fica a barra da cidade de Olinda; e posto que dentro haja surgidouros para muitos navios, é muito arriscado, pela inquietação do mar, por lhe faltarem os recifes, que abriguem dos ventos; porque, ainda que haja, como ha, os ditos recifes, ficam tão baixos que nem de maré vasia apparecem. A cidade fica em um alto sobre um monte, e no mais alto delle está o collegio dos padres da Companhia, que é casa grande, e se vê de longe.

PAU AMARELLO.

Uma legua para o norte 1|4 de N. O. da cidade de Olinda, está um rio que chamam rio Tapado; e outra legua adiante outro que chamam rio Doce, onde não entram nem barcos; e outra legua adiante fica a barra do Páu Amarello, por onde pódem entrar navios do mesmo porte dos que entram pela do recife de Pernambuco: porêm, não tem mais surgidouro, que um canal entre o recife e a terra; e ainda que seja capaz de estarem ali ancorados bastantes navios, estão com perigo, por ser o canal comprido, e necessitam de estar com duas amarras, uma no recife, outra em terra; por não virarem com as marés.

TAMARACA'.

Duas leguas para o norte do Páu Amarello, está um rio pequeno, que chamam de Maria Farinha; e uma legua mais para o norte, quarta de noroeste, está a barra principal da ilha de Tamaracá, onde pódem entrar navios de 300 toneladas; porêm, não em todo o tempo, mas é necessario vento feito, por não haver enseada em que possam bordejar. Em

baixamar de aguas vivas tem 3 braças; mas sóbe aquí a agua em preamar 12 palmos. O rio, onde é mais estreito tem um tiro de mosquete de largo, e neste sitio ha um banco que tem em baixamar de aguas vivas 2 1|2 braças. Logo passado este banco, está um poço fundo, onde os navios podem estar amarrados com quaesquer cabos, por ser como rio morto. Da barra a este surgidouro será uma legua.

Correndo a costa 3 leguas mais para o norte está a outra barra da ilha chamada barra de Catuama, onde não entram mais que sumacas e barcos, ainda que tem 26 palmos em preamar de aguas vivas, e em baixamar 14; mas, para cima é o fundo maior, e tem 40 palmos de agua em preamar. Da banda do norte desta barra, já dentro della, ha uma lage, onde não ha mais que 1 1|2 braça de agua; pelo que, entrando nesta barra, se encostem mais á banda do sul.—A barra terá dous tiros de mosquete de largo, e a ilha de Tamaracá póde ter em redondo 10 leguas, torneada de um esteiro, que fórma as ditas duas barras.

Capibaribe, e porto dos Francezes.

Quatro leguas mais para o norte 1|4 N. O. fica a barra do rio Capibaribe, entre duas pontas, uma chamada das Pedras, outra dos Coqueiros; defronte deste rio estão recifes uma legua de terra; podem subir por elle acima navios de 40 toneladas até á villa de Goyana, que fica distante da barra 7 leguas. E mais adiante da barra de Capibaribe cousa de 2 leguas, fica o porto dos Francezes, chamado antigamente de Petimbú, que tem surgidouro capaz para 12 náos; mas o fundo é ruim. E' facil de conhecer este porto por ser cercado de barreiras pouco distantes da praia, de 50 ou 60 palmos de alto.

Do porto dos Francezes correm 5 leguas de recifes até o cabo Branco; entre elles e a terra firme ha 7 e 10 braças, e ficam os navios como em rio morto. No meio destes recifes ha uma aberta com 4 braças de fundo na entrada: aqui chamam a Pedra Furada.

O cabo Branco tem umas barreiras da banda do norte, e dellas sahem uns baixos que botam 1 1|2 legua ao mar. Deste cabo á Parahyba ha 4 leguas, e toda esta costá de Pernambuco até aqui corre ao norte, e ao N. 1|4 de N. O.

Parahyba.

O rio da Parahyba é um rio comprido, que desce do sertão: tem um forte na entrada da banda do sul, que se chama o forte de Cabedello, e na entrada da barra ha 20 palmos de fundo em baixamar de aguas vivas; mas fóra da barra ha 7 1/2, — 7 — 6 5 e 4 braças.

Quem vai de Portugal para a Parahyba faz a mesma derrota que se faz para Pernambuco até passar a linha, e d'ahi vai avistar terra do cabo Branco, que está em altura de 6° e 56'; e tanto que se avista, se vem correndo para o norte ao longo dos recifes, que se estendem até a Parahyba; e como se descobre o rio da Parahyba, se entra para dentro, dando resguardo aos baixos, que o rio tem da banda do norte e do sul, mas, encostando-se mais aos baixos do sul. A cidade da Parahyba fica 3 leguas pelo rio acima.

Ponta de Lucena e Mamanguape.

Passada a Parahyba cousa de 2 leguas para o norte, está a ponta de Lucena, que é uma ponta rasa ao mar. Detraz desta ponta está uma grande enseada, que tem por conhecença duas barreiras; junto da barreira mais do sul entra no mar um rio que se chama Meriripe; defronte deste rio e barreiras, tudo é bem fundo, póde-se surgir uma legua de terra; porêm, dos ventos do norte e de leste não ha aqui abrigo.

Da ponta de Lucena ao rio Mamanguape ha 4 leguas. Este rio está tapado com recifes, em que o mar arrebenta; mas defronte delle se abre um boqueirão estreito, que tem 3 braças de fundo; e dos recifes para dentro está na boca do rio atravessada uma ilhota de mangues: entre esta ilhota e os recifes fica qualquer embarcação como em rio morto: deste rio á bahia da Traição ha 6 leguas.

Bahia da Traição.

Esta bahia é a modo de meia lua. Da sua ponta de leste até quasi o meio, corre um recife de pedra descoberto. Tem tres entradas: uma que fica á mão esquerda, indo de mar em fóra, não tem mais que braça e meia de fundo na boca;

as outras duas barras ou entradas são capazes de náus grossas; e do meio tem 4 e meia e 5 braças de fundo, e de largo entre o fim do recife, e uma pedra, que chamam o Picão, tem 120 braças. A terceira, que é a maior de todas, e fica para oeste das outras duas, tem cousa de meia legua de largo; e assim, na entrada, como dentro da bahia, ha 4 1|2, 5 e 6 braças de fundo, e pódem ali estar 50 navios grandes. Dentro da bahia, bem defronte de um rio de agua doce, que ali entra, ha uma corôa distante da terra o comprimento de uma amarra. A bahia está dividida em duas partes por um baixo que corre até o recife, e vai terminar-se este baixo em um lado da barreta pequena, que fica da banda de leste das outras duas; por isso quem aqui fôr não passe do meio da bahia para a banda de leste. Esta bahia é a melhor de toda esta costa.

Bahia Formosa, e ponta da Pipa.

Da bahia da Traição á bahia Formosa ha 7 leguas. Esta bahia tem 2 leguas de largo de ponta a ponta; e entra uma legua para dentro com 4 braças de fundo em maré vasia; porêm, é desabrigada e cheia de pedras, e não serve para dar fundo. Desta bahia a Cunhaú ha meia legua. Cunháu é um rio pequeno, que tem 3 braças de fundo na entrada; por conhecença tem uma barreira branca.

De Cunhaú á ponta da Pipa ha outra meia legua. Nesta ponta está uma pedra do feitio de uma pipa, na qual bate o mar. Da banda do sul desta pedra, obra de um tiro de espingarda, arrebentam na praia 4 olhos d'agua, onde se póde fazer aguada em baixamar; e da banda do norte desta pipa está uma enseada grande. Querendo surgir nella, chega-se a uma rocha branca, e se dará fundo em 6, 7 braças, bom fundo limpo.

Da ponta da Pipa até a ponta Negra ha 2 leguas. Tambem aqui ha uma enseada para patachos, na qual se entra pela parte do norte. Da ponta Negra a Pirangi ha uma legua; de Pirangi ao Rio Grande 3 leguas. A costa desde a Parahyba até o rio Grande corre pela maior parte ao N. N. Oeste.

Rio Grande.

O rio Grande, a que os indios chamam Potangi, é um

rio caudaloso; tem na ponta do norte um recife do comprimento de um tiro de mosquete, o qual se cobre de preamar; e na ponta do sul sobre uma lage tem uma boa fortaleza, chamada dos Reis Magos; a qual de preamar fica cercada d'agua, e della sae o recife um bom espaço ao mar. Entra-se por entre o recife do norte, e o recife que sae da fortaleza, e se vai surgir defronte da mesma fortaleza em 3 1|2 e 4 braças de fundo. Este rio é muito semelhante ao da Parahyba.

Ao mar do recife, que está na ponta do norte do rio Grande, estão uns baixos sobreaguados, que botam para o norte uma legua; passados os quaes, corre um rio, que se chama Ceará Merim ou Genipabú, no qual ha 2 1|2 braças de agua. D'ahi 4 leguas para o N. O. está uma ponta negra, á qual alguns roteiros chamam cabo de S. Roque, onde começam os baixos do mesmo nome de S. Roque. Ao longo da costa ha 8, 7, 6, 5 braças.

Baixos de S. Roque.

Os baixos de S. Roque se estendem por espaço de 30 leguas para a banda do N. O.; e ainda que nas cartas se lhe dão 8 ou 7 leguas de largo para resguardo, não tem tanta largura. São descobertos; e por entre elles ha canaes; no fim delles estão 3 pedras altas, a que os praticos da costa chamam Urças, entre as quaes ha bastante fundo; e apique dellas 12 braças estarão distante do rio Guamaré, em que abaixo se falla, 8 leguas.

Querendo ir da costa do sul do Brazil para o Maranhão, ou para as Indias, se irá passar por fóra dos baixos de S. Roque; e havendo-os dobrado, se tornará a chegar á costa. Sendo de Março até Setembro, o vento, e as correntes são favoraveis; mas em tempo de inverno de Setembro até Março, é tão grande a corrente para oeste, que faz perder a estimativa do caminho. Se fôr patacho ou sumaca, poderá ir passar entre os baixos de S. Roque, e a terra firme; e a conhecença da costa é como se segue.

Descripção e conhecença da costa desde o cabo de S. Roque até o Ceará'.

Duas leguas ao N. O. do cabo de S. Roque está uma

ponta de terra, a qual tem por conhecença umas barreiras vermelhas, ao sul das quaes está um recife do comprimento de dous tiros de mosquete: póde-se surgir ao pé delle em 4, 5 braças de baixamar. Daqui se irá correndo a ribeira por entre a terra, e os baixo de S. Roque, onde acharão 5 braças; e sendo caso que bordejem para o sul, tenham boa vigia, porque ha alguns baixos, que não descobrem.

Da dita ponta até outra, que se chama Petitinga, a 5 leguas ao N. O., e N. O. 1|2 do N. ao pé do outeiro, está um riacho de agua doce; e um tiro de mosquete ao mar [illegible] um recife alto: junto delle podem surgir em 3, 4 bra-[illegible] ue o fundo é arêa, e vasa, e fazer aguada no riacho. [illegible] Grande até esta ponta de Petitinga, fazem 12 leguas. [illegible] para o N. O. é terra rása, e escalvada, que estarão 3 [illegible]s ao mar, e não se verá. [illegible]

[illegible] Petitinga 2 leguas a oeste estão umas pedras em terra [illegible]orda da agua, a que chamam a pedra da Gavea: ao pé [illegible]s póde surgir qualquer embarcação, e 3 ou 4 leguas [illegible]nte fica o porto do Touro. Os roteiros antigos punham [illegible]damente este porto do Touro ao sul do Rio Grande.

[illegible] aqui dez leguas para oeste está uma ponta, que se cha-[illegible] das Pedras ou dos Tres Irmãos, e nestas 10 leguas a [illegible]a é escalvada, e negra, a modo de ilhotas, e por cima [illegible]. A ponta das pedras tem tres restingas de pedra: póde-[illegible] passar á terra dellas por 3, 4 braças; mas 2 para 3 le-[illegible]s ao mar, correm recifes descobertos.

Destas pontas das Pedras corre uma enseada de 4 leguas [illegible]). 1|4 de S. O. até o rio Guamaré, ou Aguamaré. Tem [illegible]te rio por conhecença dous montes pela terra dentro, a modo de pães de assucar, um mais alto que outro. Da Pitinga até Guamaré contam 25 leguas.

De Guamaré até á ponta do Tubarão ha 4 leguas e meia; e mais adiante tres leguas acharão tres rios em distancia de meia legua um do outro: o primeiro se chama Amargoso; o segundo dos Cávallos e o terceiro das Conchas. Pelo rio Amargoso, e pelo dos Cavallos se vai ter ao Apú, que são umas salinas, aonde vão de muitas partes do Brasil a carregar sal.

Dos ditos rios vai correndo a costa a oesnoroeste por espaço de 11 ou 12 leguas até á ponta do Mel. Querendo fazer agua nesta costa, abrirão cacimbas, ou cóvas na praia,

e acharão agua bastante. Esta ponta do Mel tem por conhecença umas barreiras altas, e vermelhas, de perto de meia legua de comprido, e na beira-mar algumas palmeiras.

Da ponta do Mel cousa de 10 leguas para o oesnoroeste está um rio chamado Upanema, onde tambem ha umas salinas, nas quaes, e na do Apú, se congela a agua do mar sem algum beneficio. Na entrada deste rio não ha mais de 10 palmos em preamar, posto que dentro o menos fundo que tem são 8 braças. Esta terra é muito rasa, e da banda de oeste do rio estão umas barreiras vermelhas, do comprimento de um tiro de artilharia, e pela terra dentro um monte, que parece um pão d'assucar. Não é bom metter nesta enseada, porque bota parceis ao mar.

Do rio Upanema corre a costa ao noroeste 7 leguas até uma ponta, que se chama Agebarana; e dali a 8 leguas está o rio Jaguaribe. Para conhecer este rio, verão que da parte do noroeste faz um morro de arêa, e por baixo pedra, e pela terra dentro verão uma serra, que mostra como 7 pães de assucar.

Correndo ao norte 3 leguas do rio Jaguaribe, se verá uma terra negra, e grossa, rente com o mar, de comprimento de 4 leguas, com algumas abertas, que parecem enseadas.

Do principio dellas cousa de meia legua, verão umas barreiras brancas, que parecerão uma caravéla á véla com todo o panno largo, e com a prôa a leste. Acabada esta terra grossa, vai correndo outra mais rasa por espaço de 5 leguas, e no meio desta terra rasa está um rio, que bota dous braços, um para oeste, outro para o noroeste. Póde-se entrar no do noroeste com o batel á fazer aguada.

Do rio Jaguaribe, em que acima se falla, começam 5 leguas pela terra dentro umas serras que tem de comprido cousa de 10 leguas, as quaes serras se chamam do Guamame, e correm de leste para oeste.

Acabada a terra rasa, que temos dito, verão mais adiante uma enseada, a que chamam Iguape, que faz um porto pequeno: esta enseada é toda cercada de barreiras muito altas cortadas a pique, nas quaes bate o mar de meia maré cheia. Tem um morro de pedras, que lhe faz abrigo, e da banda de dentro deste morro ha duas e meia até tres braças de agua. Póde-se surgir da banda do nordeste deste morro ao rolo do mar, que ha 4 e 5 braças; e querendo

fazer aguada, acharão em terra cacimba feita. Ao longo deste morro de Iguape da banda de leste entra no mar um rio, que se chama Xaró: e para a banda de oeste 3 leguas ao mar, está um parcel de agua verde, aonde ha 5, 6, 7 braças de fundo, e vem no prumo arêa miudinha misturada com grossa, e em partes burgalháo miudinho. Da boca do rio Jaguaribe ao morro de Iguape fazem 17 leguas, pouco mais ou menos: corre a costa a oesnoroeste.

Mais adiante dez leguas para a banda d'oeste quarta de noroeste verão outra ponta grossa, que se chama Mocoripe, e d'ali uma legua fica a povoação, ou Fortaleza do Ceará Grande, junto da qual corre um riacho de agua doce, que no verão não leva meio palmo de agua. As sumacas dão fundo defronte da fortaleza, afastadas um tiro de espingarda de um pedaço de recife, que ahi ha, o qual descobre de maré vasia, e terá de comprido um tiro de mosquete; mas entre este recife, e a terra não se dá fundo, por ter muitos ratos.

CARTA REGIA

De 10 de Agosto de 1810, sobre a estrada para Minas pelo rio Doce.

(MS. offerecido ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. commendador Gabriel Getulio Monteiro de Mendonça.

Manoel Vieira de Albuquerque Tovar, governador da capitania do Espirito Santo. Eu o principe regente vos envio muito saudar. Tendo procurado por todos os modos possiveis facilitar a livre circulação, e conducção dos generos e productos do interior dos meus vastos estados do Brazil, e fazer que os mesmos, quanto ser possa, sejam exportados aos portos de mar por meio de canaes ou rios navegaveis, não deixou de merecer a minha particular consideração a navegação do rio Doce, que tanta utilidade hade dar á communicação das diversas comarcas da capitania de Minas-Geraes, quaes as de Villa-Rica, Sabará, e Serro do Frio, e que até aqui não tem podido prosperar, parte por serem infestadas suas margens pelos Botocudos e outros indios antropophagos, parte pelas quedas ou cachoeiras, que tem o mesmo rio, e difficultam a sua navegação; e havendo estabelecido destacamentos militares, que brevemente de todo livrarão as margens do rio Doce das incursões dos barbaros; encarreguei-vos que subisseis pelo sobredito rio, explorando-o; apresentasseis todas as difficuldades locaes, que se oppunham á sua navegação, e notasseis o que julgasseis mais essencial para se evitarem semelhantes inconvenientes; foi Deos Senhor Nosso servido, mediante vosso zelo, luzes e actividade, auxiliar tão grande trabalho; e tendo vós posto na minha real presença a exposição da navegação que haveis feito, e apresentando-me o quadro dos trabalhos que nas duas capitanias de Minas-Geraes e Espirito-Santo se deviam logo praticar para vencer todas as difficuldades existentes, e promover a navegação do mesmo rio com tanta vantagem das duas capitanias; e havendo tomado na minha real consideração tudo o que se contém na vossa Memoria, que juntamente com esta minha carta vos mando remetter:

sou servido ordenar que, logo que volteis á capitania do Espirito-Santo, procureis pôr em execução tudo o que se acha proposto, e entendendo-vos com o governador da capitania de Minas-Geraes, façaes com que não hajam dissensões nos limites das duas capitanias, se execute tudo o que seja conveniente, auxiliando-vos reciprocamente, e dando-me novas provas do mesmo zelo, luzes e amor do meu real serviço, com que sempre vos tendes comportado, e procurando assim vencer com boas estradas as cachoeiras que forem invadeaveis, e até domine a navegação nos lugares aonde os rios derem grandes voltas, commandando o estabelecimento de canôas nos diversos lugares aonde possa ser mais commodo ao commercio achal-as para continuar pelo rio o transporte dos generos, que houverem transitado por algum espaço pela estrada, que se houver aberto; igualmente havendo attenção em promover a navegação dos rios que podem dar facil circulação e passagem aos generos e productos, tanto para a comarca de Villa Rica, como para a de Sabará e do Serro Frio; e fazendo todas as mudanças e transacções convenientes, tanto dos quarteis estabelecidos como dos destacamentos para os lugares mais proprios para os desejados fins, o que tudo cumprireis na fórma que vol-o mando recommendar, autorisando-vos para todas as justas despezas que necessarias forem, e derrogando, se necessario fôr, como se delle fizesse expressa menção, a tudo o que possa achar-se determinado em contrario. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro, em 16 de Agosto de 1810.—Principe com Guarda. — Para Manoel Vieira de Albuquerque Tovar.

Sendo o rio Doce um dos primeiros, que se conheceu, e navegou logo depois do descobrimento do Brazil, subindo por elle Sebastião Fernandes Tourinho, e Antonio Dias Adorno, no principio do reinado do senhor rei D. Sebastião, até hoje se não tem franqueado a sua navegação, nem tão pouco se tem conhecido os muitos rios auxiliares que o enriquecem, e tanto um como outros teriam decisivamente felicitado as ricas capitanias de Minas-Geraes e Espirito-Santo; mas o Céo guardava para o augmento da gloria do nosso augusto soberano, depois que veio felicitar com a sua augusta presença este grande continente, o franquear-se a navegação de rios tão interessantes, por meio dos quaes

as cidades e villas do centro do Brazil se communicarão com os portos de todos os imperios e reinos do mundo.

Muitos e mui differentes tem sido os pareceres daquellas pessoas que sem conhecimento ocular da navegação do rio Doce, e dos obstaculos que a embaração, formavam planos, já para se removerem e destruirem as cachoeiras e obstaculos, fazendo-se diques e canaes, já pará se impedirem os ataques dos gentios. Outros, ainda que tenham navegado aquelle rio, e visto as suas cachoeiras, comtudo, não podiam conhecer o meio de remover obstaculo algum, pois lhes faltavam os conhecimentos precisos. Por estas e algumas outras razões, que desde o anno de 1800, tempo em que se formaram os quarteis de Souza e Lourenço, e se fez a divisão das duas capitanias, estabelecendo-se destacamentos para servirem de registos, &c., o commercio das duas capitanias não teve até hoje augmento algum, nem tão pouco os estabelecimentos de agricultura e mineração, as quaes devem sempre marchar a par da navegação e commercio do mesmo rio.

O governo da capitania de Minas-Geraes, sempre duvidoso de quaes seriam os meios que adoptaria para conseguir tão importante obra, ora estabelecia destacamentos, ora os levantava, faltando-lhe sempre o conhecimento ocular, ou de pessoas de confiança e intelligencia, que cabalmente lhe fizesse ver os meios que se deviam adoptar; e assim tem corrido quasi 10 annos, sem que os povos de uma e outra capitania tenham recebido interesse algum de tão interessante navegação, despendendo comtudo a real fazenda grossas sommas em formar quarteis, fazer canôas, e já entretendo destacamentos, fieis e canoeiros, &c., existindo do mesmo modo, como talvez existiam ha muitos seculos, os obstaculos que hoje existem, e difficultam aquella navegação.

A navegação do rio Doce, da sua barra até o porto de Souza, é franca e boa, e pouco abaixo do quartel do dito porto de Souza admitte barcaças que podem velejar e mesmo bordejar: o tempo que se gastará nesta navegação não se póde calcular exactamente; pois a maior ou menor porção de agua e vento influe na maior ou menor brevidade das embarcações, e por consequencia no espaço corrido em certo tempo dado; mas, regularmente uma canôa varejada

gasta 5 ou 6 dias do porto da Regencia ao de Souza, e deste áquelle: a sua carga é 90 arrobas, e de uma barcaça de 800 a 1,000. Pouco acima do quartel de Souza, até a natividade é que existem as cachoeiras denominadas das Escadinhas, as quaes occupam o espaço de 2 a 2 1|2 leguas: estas de modo algum podem ser totalmente destruidas, e tão pouco se podem abrir canaes; pois as voltas e montões de pedras que existem nas margens do rio, e de que é formado seu leito, impedem a factura de qualquer obra que o mais habil hydraulico ali quizera dirigir; pois o augmento do volume d'agua de mais de 80 palmos nas grandes cheias, o seu peso e velocidade no plano inclinado, por onde corre, destruiriam e arruinariam as canôas e diques, que se formassem nas ditas cachoeiras, sendo precisas enormes sommas pecuniarias para se formarem, e iguaes despezas para se conservarem. Mas, attentas as razões que vou expôr das ditas cachoeiras, pouco ou nada podem influir no commercio das duas capitanias, o qual ganhará muito em se permutarem ali os generos, a navegação será mais facil, e todos os mais estabelecimentos farão um rapido progresso.

Se a navegação do rio Doce admittisse barcaças, as cachoeiras das Escadinhas lhe serviriam de um grande obstaculo; mas, como muitos lugares do rio, que pertencem a capitania de Minas-Geraes, só admittem navegação de canôas, sempre no ultimo destes se deviam baldear os generos para barcaças. Pois bem, se a natureza estabeleceu a navegação deste rio, bem como de cabotagem (por assim me exprimir), fazendo o commercio do rio Doce, de porto em porto, em embarcações costeiras, porque senão fará o commercio de tão rica capitania em canôas na parte do rio, em que estas podem navegar, e em barcaças naquella em que o rio as admitte? O lugar mais conveniente para se poderem baldear os generos de uma para outra embarcação, é sem duvida nos limites das duas capitanias: e baldeando-se os generos porque se não permutarão logo? Permutando-se, as grandes cachoeiras das Escadinhas ficarão como negativas a bem do commercio e navegação, de que resultarão grandes vantagens á agricultura, mineralisação, povoação, e extincção de gentio, e ao mesmo commercio e navegação.

Formando-se no porto da Natividade, que fica acima das

Escadinhas, armazens para se receberem todos os generos de importação e exportação, as canôas de Minas chegando áquelle porto não tem demora alguma, senão em permutarem, ou venderem as suas carregações. Nos armazens, que já existem no porto de Souza, receberão igualmente os generos de importação, ou os já permutados, não tendo demora alguma as embarcações que d'ali navegarem até a foz do rio, senão em entregar nos armazens e receberem aquelles que ali estiverem permutados ou vendidos.

Feitos estes estabelecimentos, e concluida a estrada do quartel de Souza para o da Natividade, pela qual possam andar bestas. carros, carroças, &c., estas de manhã conduzirão os generos que estiverem depositados nos armazens de Souza, e de tarde voltando conduzirão aquelles já permutados ou comprados que existirão nos armazens da Natividade. Posto isto, o commercio se augmentará mais e mais, pois a permuta dos generos se fará em menor tempo, e os riscos e despezas se dividirão entre os negociantes de Minas, com aquelles que naquelle mesmo lugar formarem estabelecimontos. A navegação será mais facil por ser feita em menor tempo, e em differentes embarcações, por canoeiros praticos das duas partes do rio, e adoecerem menos do que se fizessem toda a navegação.

A agricultura terá tão grande augmento no porto de Souza e Natividade, não só pelo terreno ser muito productivo, como pelos estabelecimentos que immediatamente ali se fizerem para a arrecadação das bestas, bois, &c., e pela concurrencia de commerciantes e fazendeiros, &c. Em poucos annos dous quarteis serão grandes aldêas ou villas. Do augmento da população vem os estabelecimentos de mineralisação nos rios Guandú e Main-assú ricos em minas de ouro (como é constante), e todos estes estabelecimentos contribuirão muito para a civilisação do gentio, ou serem afugentados daquelles productivos e auriferos terrenos, ou para a sua total extincção, e desta maneira fica obvio o grande obstaculo das cachoeiras das Escadinhas, resultando as vantagens acima ditas.

A navegação do porto da Natividade até á barra do rio Cuieté ainda tem a vencer as muitas pequenas difficuldades da cachoeira do Inferno; com tudo em toda a estação do anno se póde navegar sem ser necessario descarregar ca-

noas, &c. Em duas horas dez canôas passarão aquelles dous pequenos obstaculos, só com o trabalho de serem puxadas por cabos ou cipós. Tres a tres dias e meio é tempo que regularmente se gasta da Natividade a Cuieté. O augmento dos estabelecimentos tanto do arraial de Cuieté, como do destacamento que existe na barra, é de mui grande vantagem á navegação, e commercio do rio Doce, como igualmente á agricultura, mineralisação, e povoação, pois todo o terreno é o mais productivo, e aurifero que se conhece. Da barra do rio Cuieté á foz do rio Sassui Grande se gasta dia e meio, sendo a navegação a mais franca, e boa. Este rio enriquecerá igualmente a comarca do Serro do Frio até Minas-Novas, d'onde se exportarão os seus bellos algodões por muito menos preço, do que hoje se exportam, como todos os mais generos de exportação, recebendo em troco, e a melhor mercado os generos de commercio. A navegação interessante deste rio se deve animar o mais possivel, fazendo-se quarteis, destacamentos, e todos os mais estabelecimentos, que se julgarem precisos. Do Sassui Grande á cachoeira de Bogoari se gasta dia e meio, em toda esta navegação se não encontra cachoeira, ou difficuldade alguma, que interrompa, ou difficulte, exceptuando a passagem da Figueira, cujo pequeno obstaculo ficará removido, tanto que se quebrem duas pedras, o que é da maior facilidade possivel, e hoje mesmo é um obstaculo de tão pequena monta, que 10 canôas a passarão em meia hora. A cachoeira do Bogoari ainda que fosse possivel o destruir-se (o que se não conseguirá sem despezas enormes e grandes difficuldades) nunca jámais se devia fazer, pois é bem de suppor que se descobrissem outras, que igualmente impedissem a navegação; e para que se hade fazer despezas pecuniarias, e expôr a novas difficuldades, havendo um meio bem facil de se obviar aquelle obstaculo: e vem a ser mudar-se o quartel que existe no ilhote de Bogoari para terra firme no lugar mais conveniente, fazendo-se franca a estrada, que ali se mandou abrir, de modo que po[illegible] carros de mão, ou mesmo carros e carroças? P[illegible] canôas, que navegarem do porto da Natividad[illegible] cachoeira, logo que ali chegarem, serão imm[illegible] descarregadas, e as suas cargas conduzidas nos [illegible]rinhos, ou carros até acima da cachoeira, aonde se embar-

caram em canôas que ali devem sempre existir. Como a distancia do principio da cachoeira ao fim, apenas será de dous tiros de bala de mosquetaria; em muito pequeno espaço de tempo as cargas serão baldeadas de umas canôas para outras, e praticando-se o mesmo com os que descerem de cima, ficará desta maneira obviado o embaraço da cachoeira do Bogoari, resultando ao mesmo tempo destes estabelecimentos grandes vantagens á agricultura, e povoação do rio Doce, e tanto uma, como outra por todos os modos se deve sempre animar.

Da cachoeira do Bogoari á barra do rio de Santo Antonio dos Ferros se gasta pouco mais de um dia. A navegação deste rio se deve animar o mais possivel, assim como todos os seus estabelecimentos, pois virá a ser um canal de riquezas para as duas comarcas de Sabará e Serro do Frio. Da barra do rio de Santo Antonio á cachoeira Escura se gasta menos de um dia, e toda a navegação de uma cachoeira á outra é a mais franca e boa podendo mesmo navegar grandes barcaças. O obstaculo desta capitania será facil destruir-se com muito pequena despeza, abrindo-se um canal para leste, o qual terá a extensão de um tiro de mosquetaria e logo que se abrir o canal, o quartel da cachoeira Escura deverá passar para aquella parte, para proteger a navegação; mas em quanto se não abrir o dito canal, os mesmos estabelecimentos, que se devem fazer na cachoeira do Bogoari, igualmente se devem fazer nesta. Da cachoeira Escura á barra do rio Piracicaba se gasta um dia, e subindo por este rio até o porto das Canôas, dia e meio: neste porto se deve estabelecer um destacamento, rectificando-se o quartel, que ali existe, e formar alguns armazens.

Desta maneira não só a navegação do rio Doce, e de todos aquelles que o enriquecem, terá um rapido augmento, como o commercio, agricultura, e mineralisação de todas as comarcas do interior do Brazil; pois é bem sensivel a grande differença da despeza, que hoje se faz na importação de todos os generos, a aquella que se fará pelo rio Doce. Uma canôa conduz a carga de 10 a 11 bestas e custa 16$000 a 18$000 rs., não fazendo diariamente despeza alguma, e uma besta custando 40$000 a 50$000 rs., faz a despeza diaria de milho, ferragem, apparelhos, &c., acrescendo que uma canôa dura muitos annos, e as bestas morrem e

46

adoecem com muita facilidade nas grandes e difficultosas viagens principalmente no tempo das aguas. Rio de Janeiro, 18 de Julho de 1810.—Manoel Vieira de Albuquerque Tovar.

RELAÇÃO

Das mattas da capitania da Parahyba do Norte, em que se mostra a sua extensão, as quaes pertencem á commandancia do Sr. capitão-mór de Mamanguape, as quaes pegam do rio Miriry para o norte, entre o rio dos Marcos que faz a devisa do Rio Grande:

(MS. offerecido ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. G. G. Monteiro de Mendonça.

Matta da Imbira. Pertence á villa da Bahia de S. Miguel: já andou córte nellas; tem de comprimento meia legua, e de largura um quarto. Fica distante do porto da Bahia 2 leguas e meia. Nesta ainda não houve roçados.

Matta da Cerca e Grotão. Pertence á mesma villa: já andou córte nesta; tem de comprimento 600 braças, e de largura 200; fica distante do porto da Bahia 3 leguas e meia. Esta matta era grande, está acabada com roçados.

Matta de S. Francisco. Pertence á mesma villa: andou córte nella; tem de comprimento 2 leguas, e largura meia; fica distante do porto da Bahia 3 leguas: está acabada com roçados dos indios.

Matta do Jacaré e Tacurueira. Pertencem á villa: já andou córte nellas; tem de comprimento 5 leguas, e largura 1 legua; fica distante do porto da Tramataya 3 leguas e meia, está acabada com roçados dos indios.

Matta da Grupiuna. Pertence á villa: já andou córte nella; tem de comprimento legua e meia, largura 1 legua; fica distante do porto da Tramataya 3 leguas: tem-se feito algum roçado.

Matta do Cumby. Pertence á villa: ainda não andou córte; tem de comprimento 1 quarto de legua, e de largura 300 braças: fica distante do porto da Bahia 1 legua.

Matta da Cana Braba. Pertence á Boa Ventura: já andou córte nella; tem de comprimento meia legua, de largura meia; fica distante do porto da Bahia 4 leguas: está quasi acabada com roçados.

Matta de Sant'Anna. Pertence a Mathias José: já andou córte nella, tem de comprimento 700 braças, de largo 1|2 legua; fica distante do porto da Bahia 4 leguas: nesta matta não ha roçados.

Matta de Sant'Anna. Pertence a Francisco Xavier da Rocha, commandante da Bahia: já andou córte nella; tem de comprimento meia legua, de largura 200 braças; fica distante do porto da Bahia 4 leguas: já tem feito roçados.

Matta de Sant'Anna. Pertence a Gonçalo Soares: já andou córte nella; tem de comprimento meia legua, de largura 600 braças; fica distante do porto da Bahia 4 leguas e meia: já se tem feito roçados.

Matta da Pabuna. Pertence a Antonio de Oliveira e João Ramos: esta já se acabou de todo.

Matta do Coelho. Pertence a José Pereira: ainda não andou córte; tem de comprimento meia legua, e meia de largura; fica distante do porto da Bahia 5 leguas e meia: esta está virgem.

Matta do Cutia. Pertence ao fallecido João do Rosario: ainda não andou córte; tem de comprimento meia legua, largura meia legua: fica distante do porto da Bahia 6 léguas: tem-se feito algum roçado.

Estas mattas pertencem ao commandante da bahia da Traição Francisco Xaxier da Rocha.

Matta de Sant'Anna. Pertence a Martinho Ribeiro: já andou córte nella; tem de comprimento meia legua, largura 600 braças; fica distante do porto da Bahia 5 leguas: está toda em roçados.

Matta da Cana Braba. Pertence a Gonçalo Soares e a Francisco Falcão: ainda não andou córte nella; tem de comprimento 1 legua, de largo meia legua; fica distante do porto da Bahia 6 leguas: tem-se feito alguns roçados.

Matta Redonda. Pertence aos moradores da Tauna: já andou córte nella; tem de comprimento meia legua, largura 1|4; fica distante do porto da Bahia 4 leguas e meia: já se fizeram alguns roçados.

Matta do Jardim. Pertence ao Engenho de Camaratuba: ainda não andou córte; tem de comprimento 3|4 de legua, largura meia legua; fica distante do porto da Bahia 4 leguas e meia: não ha roçados nella.

Matta da Mattaraca. Pertence a João Salvador e mais herdeiros: ainda não andou córte nella; fica distante do porto da Bahia 4 leguas e meia; tem de comprimento meia legua, largura 1/4: já se tem feito muitos roçados.

Matta da Pitanga. Pertence ao Engenho de Camaratuba: nunca andou córte nella; tem de comprimento 3 leguas, pelo rio acima 1 legua de largura; fica distante do porto da Bahia 7 leguas: poucos roçados.

Matta do Catú. Pertence a Agostinho Gomes: nunca andou córte nella; tem de comprimento meia legua: largura 1/4; fica distante do porto da Bahia 5 leguas e meia: já se tem feito alguns roçados.

Matta da Jandaya e Tepisserema. Pertence a João Rodrigues e a Sebastião de Castro: nunca andou córte nella; tem de comprimento 2 leguas, e largura meia legua; fica distante do porto da Bahia 7 leguas: tem-se feito alguns roçados.

Estas mattas pertencem ao commandante da Mataraca, Caetano José da Rocha Galvão.

Matta de Salvador Gomes. Pertence a João Barbosa, senhor do Engenho da Imbiribeira, a Gonçalo de Lima e a Antonio Nogueira: nesta matta nunca andou córte, está virgem; fica distante do porto da Bahia 10 leguas; tem de comprimento 1 legua, e largura meia legua.

Matta da Sarna. Pertence Hilario Coruja e outros herdeiros crioulos, e tambem pertence a Mathias Leal da Parahyba; nesta matta nunca andou córte, está virgem; fica distante do porto da Bahia 10 leguas, e para Jaragua o mesmo.

Matta da Imbiribeira. Pertence a João Barbosa e Riacho dos Negros Zumby, Sete Buracos, Cabeça de Boi: em todas estas mattas ainda não andou córte; nellas só se tem tirado madeiras para o engenho; tem de comprimento 2 leguas, de largo 1; ficam distantes do porto de Jaragua ou para a Bahia 8 leguas.

Matta da Pitanguinha. Pertence a João Soares, e Manoel Teixeira: ainda não andou córte nella; tem de comprimento 1 legua, de largura meia legua; fica distante do porto da Bahia 10 leguas: já se tem feito alguns roçados.

Matta do Barro Branco. Pertence ao fallecido Antonio Quaresma: tem de comprimento 1 legua, largura 1/4: esta

matta tem páo-Brazil e Sucupira: não andou córte; fica distante do porto da Bahia 5 leguas.

Matta da Pitanga de Cima. Pertence a João Soares e outros; tem de comprimento 1 legua, largura 1|4 de legua: esta matta tem páo-Brazil e Sucupira: ainda não andou córte nella; fica distante do porto da Bahia 10 leguas.

Estas mattas pertencem ao commandante João Barbosa.

Matta da Maripitanga. Pertence ao Engenho de João Barbosa, e á villa da Preguiça e outras: já se tirou madeiras; tem de comprimento 1 legua, e largura meia; fica distante do porto da Ponte Velha, rio de Mamanguape, 4 leguas.

Matta do Forno. Pertence ao sargento-mór Domingos José de Carvalho e Manoel Dias: ainda não andou córte nella; tem de comprimento 1 legua, largura meia; fica distante do porto do rio Mamanguape 6 leguas: tem roçados.

Matta do Leitão. Pertence a José do Rego: ja andou córte nella; tem de comprimento meia legua, largura 1|4; fica distante do porto da Ponte Velha, rio Mamanguape, 3 leguas: tem alguns roçados.

Matta da Pindobeira. Pertence a Francisco Xavier e seus irmãos, e Simão José: já andou córte nella; tem de comprimento meia legua, largura 1|4; fica distante do porto da Ponte Velha de Mamanguape 3 leguas e meia: tem-se feito alguns roçados.

Matta do Formigueiro. Pertence a Antonio Barbosa: nunca andou córte; tem de comprimento meia legua, largura 1|4; fica distante da Ponte Velha, rio Mamanguape 4 leguas: tem-se feito alguns roçados.

Matta de S. João. Pertence a Ignacio Gomes: já andou córte nella; tem de comprimento meia legua, largura 1|4: fica distante do porto da Ponte Velha 4 leguas e meia: tem-se feito alguns roçados.

Matta das Alagoas. Pertence a Antonio da Silva e Martinho de tal: ainda não andou córte nella; tem de comprimento meia legua, largura 1|4; fica distante do porto da Ponte Velha 2 leguas: tem-se feito alguns roçados.

Matta da Lagoa dos Patos. Pertence a Simão José: ainda não andou córte; tem de comprimento meia legua, largura 1|4; fica distante do porto da Ponte Velha 3 leguas: tem-se feito alguns roçados.

Matta do Pào do Arco. Pertence a Manoel Baptista: ainda

não andou córte; tem de comprimento meia legua, largura 1|4; fica distante do porto da Ponte Velha 4 leguas e meia: tem-se feito alguns roçados.

Matta do Engenho da Gurita. Pertence ao Sr. Coronel João Moreira: ainda não andou córte; tem de comprimento meia legua, de largura 1|4; fica distante do porto da Ponte Velha 2 leguas e meia: tem-se tirado algum pào para o Engenho.

Matta do Taboleiro Grande. Pertence á villa da Preguiça: já andou córte nella; tem de comprimento meia legua, largura 1|4; fica distante do porto da Ponte Velha legua e meia: tem-se feito alguns roçados.

Matta do Jacaré. Pertence á villa da Preguiça: já andou córte nella: tem de comprimento 1 legua, e largura meia; fica distante do porto de Jaraguá, rio de Mamanguape, 2 leguas: tem-se feito alguns roçados.

Matta dos Tres Rios. Pertence á villa da Preguiça: já andou córte nella; tem de comprimento 1 legua, largura meia legua; fica distante do porto de Jaraguá, rio de Mamanguape, 2 leguas: esta está quasi acabada com roçados dos indios.

Estas mattas pertencem ao Sr. capitão-mór Sebastião Nobre.

Matta do rio Carapusema. Pertence ao Sr. tenente-coronel Pedro Barbosa; nunca andou córte nella, e tem muito páo-Brazil e alguma Sucupira; tem de comprimento legua e meia, largura 1|4; fica distante do porto da Ponte Velha, rio de Mamanguape, 3 leguas, e vindo para o porto do Sauhe são 8 leguas, e tem-se feito muitos roçados.

Matta do rio Cruasú. Pertence ao mesmo; já andou córte nella, e tem páo-Brazil e alguma Sucupira; tem de comprimento 1 legua, largura 1 1|4; fica distante do porto de Sauhe 5 leguas: já se tem feito roçados.

Matta da Caranguigura. Pertence ao mesmo: ainda não andou córte nella; tem de comprimento meia legua, largura 1|4; fica distante do porto do Sauhe 5 leguas e meia: já se tem feito varios roçados.

Mattas do Arentinguy, Uruba, Mundo Novo. Pertencem ao mesmo: já andou córte nellas; tem de comprimento 2 leguas, largura 1 legua; ficam distantes do porto de Sauhe 5 leguas: estas mattas se tem acabado em roçados.

Matta do Pacaré com Biribeira. Pertence ao Mosteiro de

S. Bento desta cidade, e ao Sr. tenente-coronel Pedro Barbosa: já andou córte nella; tem de comprimento 2 leguas, e largura 1 legua; fica distante do porto do Sauhe 4 leguas e meia: esta matta se tem acabado com roçados, e ainda tem matta com muita madeira.

Mattas do riacho da Prata, Estiva do Guedes, e Páo d'Arco. Pertence ao Sr. tenente-coronel Pedro Barbosa: já tem andado córte nellas; tem de comprimento 2 leguas, e de largo meia: ficam distantes do porto do Sauhe 4 leguas e meia; tem bastante madeira.

Estas mattas pertencem ao commando de Manoel Pinto de Carvalho.—Antonio Ferreira Soares Pinto.

CARTA

(MS. offerecido ao Instituto pelo seu Secretario Perpetuo).

Rio de Janeiro 20 de Outubro de 1742 (por Pernambuco.
Revm. Sr. Abbade Diogo Barbosa Machado.—Em 1736 tive uma carta do padre Fr. Apolinario da Conceição com um papel impresso para que désse noticia dos escriptores da America Luzitanos, ou dos nossos estudos por certo desvelo, que tenho tido, ha 29 annos, por entrar na empreza de escrever assim—*De Re Medica*, como *De Re Naturali*; e ha dous annos e meio na historia ecclesiastica a estimulo de uns caracteres e geroglificos que envio agora no discurso historico-academico, que Vm. verá, os quaes foram já á Academia Real da Historia pelo que no transumpto deponho e com sciencia sei que se não entrou na interpretação, antes me consta, se fez menos apreço da inscripção para desculpar-se a falta da intelligencia, segundo o que me asseverou um religioso da Companhia, morador neste Collegio, e vindo da côrte, ha dous annos.

O que posto, cuidei logo em fazer um epitome, ou abreviado summario de meus estudos para cinco emprezas, de que envio agora os titulos, dos quaes, e do que mais envolvo, poderá Vm. fazer algum argumento, em quanto não mando o que baste para complemento de merecer a fortuna de lembrado pela sua douta penna para a posteridade; como porém depois de entrar na instrucção dos summarios de cada exemplar, e com duas, e tres folhas em outros, para fazer sciente do que tinhamos composto, offerecendo os titulos primeiros puzesse na insinuação da empreza *Desempenhos da Medicina* por chegar a quinze folhas, e querer fazer volume, suspendi o estudo do epitome, e tambem por se nos offerecer o que nos obrigava a conta da nossa Academia, que se estabeleceu nesta cidade, principiando em 6 de Maio de 1736 no Palacio do governador, que então era o brigadeiro José da Silva Paes, por ausencia do general, e regida com o fim de discorrer em assumptos varios, assim heroicos

como lyricos, sendo a sua empreza Hercules com a clava sacudindo os ares a obviar o ocio com esta letra—*Ignavia fuganda et fugienda*, allegorisando ao ocio de que se deve fugir, compondo-se de 30 socios de um e outro estado, a qual tendo uma interrupção se abrio segunda vez em 12 de Abril em casa do secretario o Dr. Ignacio José da Motta, e feneceu em 28 de Fevereiro de 1740, com o prazo de 15 em 15 dias para se dar conta dos estudos em verso, e em prosa o assumpto heroico (necessaria digressão).

Como pórém nesta frota visse a parte 1.ª da Bibliotheca Luzitana, ou Catalogo dos Escriptores, que em todos os continentes compuzeram, e com um estilo tão elevado, sem confundir o historico, pelos termos tão propriamente descriptivos do que quer Vm. persuadir, entrei a querer conseguir a fortuna de serem os meus estudos tambem objecto da sua doutissima penna, e certificando-se que fôra aceita aquella historia dos escriptores portuguezes com universal applauso dos doutos, admirando o estilo, e encarecendo o exacto estudo, merecedor este, e credor aquelle de eternos padrões para a posteridade, e Vm. benemerito de uma purpura (disse-o assim o reitor do Collegio o padre Simão Marques a quem succedeu agora o padre Xavier.)

E tendo na frota feito a dedicatoria á pessoa de Vm., e já o prologo do epitome para o enviar, tive uma molestia que me impossibilitou esse gosto; porque necessariamente o hei de mandar para a sua livraria, afim de fazer mais certificar o numero das cinco emprezas, de que são fieis depoimentos os dous portadores que levam a Vm. os papeis, que agora mando, de que colherá o que insinuo de escrever ha 29 annos neste paiz, sendo a causa de não ser dado ao prélo obras tão utilissimas o não ter escriptor algum de quem me valha para os exemplares, como tiveram nessa Europa um Mirandela, um Curvo, e todos copiando o alheio para o corpo que fazem, e offerecendo o seu que experimentaram; porque é lamentavel descuido o que tem havido de não haver em toda a America Portugueza um só professor que escrevesse das doenças endemicas (ou patrias) ou communas com o curativo brasilico, porque sim houve um João Ferreira da Roza em Pernambuco, que compoz da peste da Bicha em 1694, porém sem noticia alguma dos remedios patrios, o que só fez Guilherme Pizon, estando na obediencia da Republica de Hollanda aquella capitania; nem tambem *De Re*

Naturali escreveu ex-professo autor algum cá: tocaram alguns sim, como o padre Simão de Vasconcellos e Sebastião da Rocha Pita, de que terá Vm. noticia e de um religioso que escreveu das fructas em Pernambuco, e na mesma capitania um pobre cirurgião como pôde, e modernamente outro a que deu titulo—*Erario Mineral*—, e não tendo Vm. noticias dos referidos, a mandarei:—Assim que vou valendo-me do que obro, e do que alcanço com exames, que mando fazer por todas as Minas.

Nesta America anda o padre Diogo Soares com o onus de escrever *De Re Naturali* e se acha em a villa de Santos, e dará á luz um grande estudo, porque veiu por ordem da Academia Real da Historia, quando mandaram tambem o padre Capasso para escrever *De Re Astronomica*, e com grandes soldos, aos quaes com boa vontade acompanharia com o mesmo salario o necessaria empreza para os naturaes que não tem uma só de que valham, e só tradições rusticas: o qual padre Diogo Soares ha de entrar com mais elogios na segunda empreza, porque é de grande utilidade a obra que tem com o titulo—Dioscorides Brazilico.

Dos meus estudos a carta inclusa do referido padre testemunhará a Vm. para credito do que pretendo da sua erudita penna, e nessa côrte o Rev. padre mestre João Alvares, irmão de Alexandre de Gusmão que sabe escreveu a Historia Ecclesiastica (supponho) pelo que lhe dirá seu irmão o padre Ignacio Rodrigues da Companhia, que ha dous annos veiu da côrte, e que traz a mesma historia na sua banca, ainda que com magoa minha a noticia de se não adiantar pelos empregos do real serviço.

Eu envio a Vm. essas questões com resoluções paradoxas, que enviei pela ilha da Madeira a Londres para dar a conhecer por ellas os meus estudos, e pretendo ser um dos socios da Sociedade Real, não obstante escrever-me o Dr. Jacob de Castro Sarmento, socio e portuguez com grandes letras, que era preciso offerecer algumas obras para argumento da sciencia que o faça digno de tão alto emprego, ou tres socios que deponham os meus estudos: na frota futura, porém, hei de mandar uma dissertação astronomica, e astrologica que está principiada contra o systema de todos os astronomos do Universo, que querem sejam os cometas, astros com curso regulado, ou com chronicas apparições.

e por isso sem credito algum os astrologicos prognosticos: certos nós dos fundamentos do seu grande Izaach Newton, presidente da referida sociedade, e dos do observatorio de Paris, entrando neste projecto por nos persuadirmos que pelo fim de sermos obrigados a informal-os *De Re Naturali*, podiamos procurar tão grande honorifico.

Se merecer a honra de entrar no catalogo dos escriptores com o que envio, indice breve do que tenho escripto para ficar na sua estante, e o que enviarei na frota futura, e para o prélo alguma obra, respondo pelos preceitos do papel impresso.

Sou natural de Lisboa: filho de pais que não avultaram por armas, ou letras, Manoel Fernandes Saraiva, e sua legitima mulher Maria Duarte: nasci em 21 de Setembro anno de 1687; estudei artes em o pateo de Santo Antão, aonde entrei a estudar Philosophia de 13 annos; tendo os tres annos completos passei para a Universidade a estudar Medicina, mostrando neste estudo um intimo desejo de me adiantar aos companheiros, o que mostrei na mesma Universidade pela pratica do maior medico que teve o seculo Luzitano, o medico de Buarcos, Duarte de Brito, em cuja villa estive 5 annos por insinuações de seus grandes estudos. Sempre tive uma grande propensão a estudos, de sorte que é rarissimo o dia que não tenha tres horas de estudo, e escrever. Depois que me approvei parti para a côrte, d'onde por me receber com uma Sra. filha desta cidade do Rio de Janeiro, me ausentei para esta em que me acho no anno de 1713, aonde entrei logo a indagar as propriedades do vegetavel, encaminhado para o curativo, e por genio de indagar o mais mysterioso entrei a escrever tudo o que podesse servir para remediar os naturaes.—O Discurso Historico Academico, e as Questões é o indice dos meus estudos.

Tenho tido a honra de quatro provisões reaes: primeira de medico deste presidio, que tem tres terços; a segunda de medico da saude, sendo a primeira que Sua Magestade fez passar, por ser nomeação do Senado, e depois dos governadores, nomeando medico do presidio, e camara, sendo então associavel o ser da saude. Terceira provisão a de cavalleiro na ordem de Christo, em que sou professo ha dous annos. Quarta a de Cirurgião-mór desta capitania (ou provincia).

Em a Academia dos Felizes nos distinguimos entre todos no ferir dos termos, e estudos destes, de sorte que o general Gomes Freire, reconhecendo esta e aquella singularidade, nos pediu publicamente em as salas dos tenentes generaes que haviamos de presidir em uma Academia no dia de annos da Senhora Rainha, para que então fosse mais plausivel que é a oração que envio, e as mais que recitei na Academia referida.

Tenho dado noticia do que me obriga a honra de querer ser tambem objecto da sua erudita penna, pequeno sempre para tão elevada ufania, certificando-o de que na frota irá maior argumento de meus grandes estudos, porque todas as 5 emprezas são de folio, e por não parecerem muitas obras, não envolvo uma ascetica, que se dirige a mostrar o modo de saber um filho buscar a fortuna temporal, e depois de expôr varias instrucções, insinuo a minha, que consiste no agrado dos homens, e depois refiro as virtudes moraes politicas com que se compra, e artes liberaes; andei dous annos largos com ella, e está com grande altura; se Deos me dilatar a vida, darei a conhecer o angenho de que Deos me dotou; e a Vm. a prospere para honra da nação, e a mim me ordene em que lhe obedeça.—De seu muito venerador.

MATHEUS SARAIVA.

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS DISTINCTOS POR ARMAS, LETTRAS, VIRTUDES, etc.

. . . je parle d'un homme dont le nom seule est une illustration pour sa mémoire, et dont la vie se loue elle-meme dans la conscieuce des hommes de bien.
De Lamartine. Discours de reception a l'Academie Française.
Ad dexteram orientis calamitatis mea illico surrexerunt, pedes meos subverterunt et oppresserunt quasi fluctibus semitis suis.
Job Cap 30 v. 12.

Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, filho do negociante Manoel Ferreira de Araujo e de D. Maria do Coração de Jesus, nasceu na cidade da Bahia a 5 de Março de 1777. Aos 7 annos de idade foi posto na escola de primeiras lettras do padre José Lopes (a melhor daquelle tempo), e aos 11 annos passando a estudar a lingua latina com o professor Pedro Antonio Netto Cavalcanti, distinguiu-se, por seu adiantamento, de tal geito, que na 1.ª classe ganhou o primeiro lugar da 3.ª

A 12 de Julho de 1791 embarcou para Lisboa, onde chegou a 9 de Setembro do mesmo anno. No intuito de continuar seus estudos, e não tendo levado o passe de latim, quiz subjeitar-se a um exame, o que lhe não sendo permittido, obrigou-o a frequentar a aula do professor Manoel Rodrigues Maia, na qual matriculou-se a 4 de Outubro de 1791. Tendo alcançado desse professor o melhor conceito, prestou-se a exame publico em Julho do anno seguinte, em presença de alguns deputados da Mesa da Commissão Geral sobre o exame e censura dos livros, que ficaram tão satisfeitos delle que logo lhe offereceram uma cadeira de latim.

Em Outubro de 1792 matriculou-se n'aula de Grego, e em 1793 na de Rhetorica, nas quaes mereceu a mais particular estima do professor Francisco de Salles, philologo eruditissimo, concluindo o anno com agudas dôres no peito e sangue pela boca, por amor da sua extremosa applicação: felizmente os cuidados da sua boa tia a Sra. D. Izabel Narcjza, a quem Manoel Ferreira consagrou sempre a mais grata lembrança, o restabeleceram em breve.

No resto do anno de 1794 e no seguinte tomou lições de philosophia, bem como das linguas Franceza, Ingleza e Italiana.

Prompto para entrar na Universidade de Coimbra, e achando-se falto de meios pecuniarios, solicitou aos seus, soccorros que não pôde conseguir, nem mesmo um emprego pôde alcançar, que outra carreira lhe havia destinado a Providencia.

Pelo anno de 1795 foi que elle teve a fortuna de conhecer a Sra. D. Luciana Ignacia Perpetua, filha do major Antonio Januario Cordeiro, tão honrado como pobre, que educava suas filhas com o maior escrupulo e desvelo. As virtudes de tal Sra. o encantaram a ponto de esquecer-se de todas as considerações de falta de idade e de estabelecimento, e no dia 30 de Janeiro de 1796 lhe deu a mão de esposo, firmando aquella estimavel união, que durou por 36 annos, e produzio 6 filhos, dos quaes só existem a Sra. D. Thereza Perpetua Ferreira e o major Innocencio Eustaquio Ferreira de Araujo.

No 1.º de Outubro de 1798 matriculou-se no 1.º anno da Academia Real da Marinha em Lisboa, e em 6 de Fevereiro de 1799 apresentou ao ministro da marinha (que então era D. Rodrigo de Souza Coutinho) a traducção de parte do curso de Mathematicas do Abbade Marie, contendo a Arithmetica e parte da Algebra; e como mandasse o dito ministro a traducção á Academia para esta informar-lhe do merecimento da obra, e utilidade da sua applicação em vulgar, bem como da extracção da traducção, não só foi ella approvada, mas até tratou a informação das esperanças que dava o traductor do modo o mais honroso possivel.

Findo o anno lectivo, e chegado o tempo dos pontos, mandou o lente do 2.º anno (o bem conhecido Sr. Francisco de Borja Garção Stockler), que estava com parte de doente, que se lhe remettesse o ponto que tirasse Manoel Ferreira, porque queria ir arguil-o; e com effeito, no dia 24 de Junho soffreu da parte do Sr. Stockler o mais rigoroso exame em materias do 2.º anno. Na distribuição dos premios lhe foi conferido um de 72$000 rs., e pelo conselho do Almirantado a nomeação de Aspirante de Piloto, por despacho de 22 de Março de 1800.

Attendendo-se tambem á falta de meios que tinha para continuar a estudar, lhe foi concedida por decreto de 3 de Setembro de 1799 uma pensão de 50$000 rs. annuaes, em quanto continuasse os estudos na Academia Real da Marinha, os quaes seguiu, como sempre, com grandes elogios dos seus lentes, e premiado em primeiro logar.

Concluindo o curso da Academia da Marinha, e apresentando a Carta geral de approvação ao ministro, foi immediatámente nomeado lente substituto da mesma Academia, por Decreto de 19 de Junho de 1801, conferindo-se-lhe mais a patente de 1.º tenente d'Armada, como se praticára com todos os seus antecessores; porém, entrando na repartição novo ministro, que se oppunha a tudo quanto fizera o precedente, não quiz expedir o Decreto de Manoel Ferreira, e assim lhe causou o prejuizo de 7 annos e meio de soldo, augmento e antiguidade de posto, ou antes o atrazo da sua fortuna.

No 1.º de Outubro de 1801 tomou conta da cadeira do 2.º anno, e em Julho de 1802 procedeu com grande trabalho aos exames de consideravel numero de discipulos, resolvendo logo o ministro que elle fosse um dos lentes que embarcassem com o destacamento de guardas marinhas para a pratica, como embarcou com effeito nesse mez, á bordo da náo « Princeza da Beira », para Gibraltar.

Poucos dias depois de chegar ahi, sahiu a cruzar em esquadra, e nessa viagem fez com os seus discipulos as observações e calculos que permittia o serviço implicado com a falta de localidades para collocar instrumentos. Na volta do cruzeiro arribaram a Carthagena, e depois de 48 horas sahiram de novo a cruzar na costa de Alger, apezar da opposição feita pelo capitão general hespanhol, soffrendo tão formidavel temporal de mares, ventos e trovões á competencia furiosos, que a náo capitania desarvorou completamente, e só com o auxilio de algumas guindólas difficultosamente armadas póde entrar [illegible] vez no mesmo porto de Carthagena com os outros navios. [illegible] depois de longo concerto, seguiram para Gibraltar, e gastos [illegible] 20 dias, em razão dos ventos contrarios, fundiaram naquella [illegible] o Março de 1803, d'onde sahiu a náo « Princeza » com o des[illegible]to a 19 do mesmo mez, e no dia 28 desembarcou este em [illegible] tendo consumido 8 mezes em um cruzeiro afanoso, duas demoras em Gibraltar e outras tantas em Carthagena.

[illegible] esta viagem sem outro vencimento mais do que o de volun[illegible] as comedorias (além do ordenado de lente substituto), devia M[illegible] Ferreira esperar alguma recompensa; porém, por discordia [illegible]ão havia entre o Conselho do Almirantado e o ministro da [illegible], foi-lhe embaraçado o despacho, e só em 17 de Dezembro de 1804 se lhe concedeu o illusorio de lente honorario.

[illegible] que desembarcou, havendo falta de lentes, regeu a mesma [illegible] do 2.º anno, e tambem a do 3.º (de Navegação), no qual ape[illegible] auxiliado algumas semanas pelo seu collega João Martiniano, [illegible] tambem sobre elle o peso de todos os exames.

[illegible] intervallo assistia com frequencia ás sessões da sociedade [illegible] de que era membro nato, e publicou a traducção da — Analyse de Cousin. —

Reduzido ao insignificante ordenado de 400$000 reis, tarde e mal pagos, viu-se obrigado a ensinar em particular a varios discipulos para augmentar seus lucros. Mas, sendo precarios todos estes meios, e induzido ao mesmo tempo pelo conde da Ponte, nomeado governador e capitão general da Bahia, para que viesse em sua companhia, resolveu-se a acompanhar o dito conde; separando-se assim de sua familia com dôr, e só com o fim de melhorar de condição, sahiu de Lisboa a 11 de Novembro de 1805, no navio « Imperador Adriano », e chegou á cidade da Bahia a 13 de Dezembro seguinte: offerecendo-lhe o conde o morar com elle, o que de bom grado aceitou, encarregando-se logo da educação do moço conde da Ponte o Sr. D. Manoel. Baldos todos os seus recursos, era só o apoio e amizade do general, que o compensava: verdade é que offertas lucrativas se lhe fizeram, as quaes Manoel Ferreira engeitou; por quanto, até algumas lhe pareceram improprias de seu caracter.

..... que essas honras vãas, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor é merecel-os sem os ter,
Que possuil-os sem os merecer (*).

Findava-se por então a licença de um anno que lhe fôra dada, e como solicitasse o governador a sua prorogação e não a conseguisse, propunha-se a voltar a Lisboa, quando chegou a noticia de ter sahido d'aquella capital toda a familia real. Chegou na verdade a 22 de Janeiro de 1808 o Senhor D. João VI, então principe regente, com a rainha a Senhora D. Maria I, e quasi toda a familia real á Bahia. O estado da saude de Manoel Ferreira era bem critico no ensejo, que males rebeldes o perseguiam; e assim mesmo fez quanto pode para ajudar o seu amigo (o conde) na hospedagem das magestades. Tambem por sua parte não se descuidou este dos serviços que havia recebido do amigo, procurando se lhe confirmasse a patente que tinha de 1.° tenente da marinha; porêm quanto pode obter reduziu-se a boas palavras, e a um aviso de 18 de Fevereiro, prolongando por 6 mezes a licença com que viera á Bahia, e com as mesmas circumstancias (vencimento de ordenado e de tempo de serviço); finda a qual, se retirou em 29 de Agosto para o Rio de Janeiro, com todo o sentimento que lhe devêra causar o separar-se de um amigo sincero, qual era conde da Ponte, que até pareceu adevinhar ser essa a ultima entrevista que teriam, pois d'ahi a 9 mezes fallecêra.

Chegando á nova corte no dia 23 de Setembro do mesmo anno 1808, encontrou o conde de Linhares, que, entrado no ministerio dos negocios estrangeiros e da guerra, procurou ressarcir-lhe em parte os prejuizos que iniquas inimizades lhe haviam feito soffrer, nomeando-o capitão do Corpo de Engenheiros; ao mesmo tempo foi incumbido de fazer e publicar a traducção da geometria de Legendre, que aquelle ministro preferiu á de Lacroix, já traduzida para o curso da academia militar, que intentou e conseguiu crear, apezar de toda a resistencia.

Depois de alguns trabalhos litterarios na Academia da Marinha, fez no 1.o de Março de 1809 a abertura do curso. Regeu a cadeira do 1 o anno, que lhe foi confiada com desvelo; substituiu ás da geometria de Bezout muitas demonstrações de Legendre, que deu aos alumnos, e explicou por este autor a theoria dos planos e dos solidos. Facto bem notavel é que, formando d'esta explicação uma intriga o então commandante da companhia com o almirante general, conseguiu que o mesmo almirante o prendesse por 3 dias em casa; e como perguntasse de que modo devia explicar d'alli em diante as lições, foi-lhe respondido que o fizesse como até alli Os excellentes exames que fizeram alguns dos seus discipulos foram a sua mais completa apologia.

No anno seguinte regeu a cadeira de navegação, e tanto n'este como no precedente teve insano trabalho em examinar pilotos, e as

(*) Camões. Canto 9.a Est. 93.a dos Lusiadas.

competentes derrotas, simultaneamente com a regencia da cadeira; o que, junto a novos desgostos, arruinou consideravelmente a sua saude; todavia, pedindo licença no tempo das ferias para tomar ares e banhos, lhe foi negada pelo almirante, não obstante por sua ordem ter sido examinado pelo cirurgião-mór da marinha, e asseverar este que o achava veramente impossibilitado de continuar em exercicios intellectuaes.

Com todas estas circumstancias chegando o anno lectivo de 1811, foi chamado por um officio para tomar conta da sua cadeira. Sentido d'esse acinte, e no mesmo dia em que o recebeu pediu Manoel Ferreira passagem para a academia militar, que carecia de lente de astronomia, aproveitando-se do convite que para isso lhe fizera repetidas vezes o conde de Linhares (amigo que ainda lhe restava), e immediatamente a alcançou, de modo que em Abril do referido anno, quando se abriu a academia militar, já elle assistiu ao acto.

Por decreto de 13 de Maio de 1811 foi promovido a sargento-mór graduado.

O anno de 1812 lhe foi fatal pela perda do seu particular amigo (o mesmo conde). Fez em seu elogio o epicedio que correu impresso no *Investigador de Julho* d'esse anno e que mereceu elogios dos entendedores, sendo reimpresso em Lisboa. Redigiu os compendios de astronomia e Geodesia, para o 4.º anno da academia, e foi encarregado da cadeira do 2.º anno para explicar o complemento d'algebra; o que com satisfação geral desempenhou.

Por decreto de 30 de Janeiro de 1813 lhe foi conferida a effectividade do posto de sargento-mór.

N'este anno começou a redacção da « Gazeta do Rio de Janeiro », assim como a do « Patriota », interessantissimo periodico que só dous annos durou; mas que resgatou do esquecimento em que jaziam condemnados muitos e importantes documentos das nossas glorias litterarias, e da nossa propria historia. Semelhante tarefa de parceria com os trabalhos academicos, e com os que lhe dava a impressão das suas obras, e a da optica de La Caille, traduzida pelo seu collega André Pinto, motivaram-lhe tão grande doença, que ao cabo esteve a ponto de finar.

Por Decreto de 13 de Novembro de 1815, foi promovido a tenente coronel graduado, em consequencia de ter completado seus compendios, e sob informação da junta directora; e n'este posto obteve a effectividade por outro Decreto de 6 de Fevereiro de 1818.

Em promoção de 13 de Maio de 1819 passou á coronel graduado. Por Decreto de 20 de Julho de 1820 foi condecorado com o habito de S. Bento de Aviz; e por outro de 21 de Abril de 1821 foi jubilado na cadeira do 4.º anno da imperial academia militar.

Os acontecimentos de 26 de Fevereiro, 21 de Abril, e 5 de Junho de 1821 induzindo-o a deixar a redacção da « Gazeta », a deixou, havendo-lhe antes feito diversos melhoramentos.

Em Outubro, com o fito de animar a resistencia aos lusitanos, começou a publicar o periodico « Espelho », que o padre Ignacio José de Macedo dizia na « Idade d'Ouro » : fazer mais damno (aos mesmos lusitanos) do que um exercito de 10:000 homens.

—A este periodo precedeu o impresso intitulado —Um cidadão do Rio de Janeiro á Divisão Auxiliadora Lusitana—, ao tempo que o general Jorge de Avilez e suas tropas se tinham retirado para a Praia Grande; impresso que espalhado com rapidez, muito os magoou, e por então bem arriscada andou a sua vida, que os lusitanos tentaram em desforço assassinal-o, sendo que o teriam conseguido se n'uma noite um honrado official do batalhão lusitano n. 11 não o tivesse avisado, e acompanhado até perto de casa.

Creada a Imperial Ordem do Cruzeiro, por Decreto de 1.° de Dezembro de 1822 foi contemplado na relação dos cavalleiros, da qual não mais sahiu por accesso.

Por Decreto de 5 de Maio de 1823 foi nomeado deputado da junta de Direcção da Academia Militar, e em virtude da lei tocou-lhe o ser director da classe, e secretario ao mesmo tempo.

Em Junho de 1823, tendo noticia de ter sido eleito deputado á Assembléa Constituinte pela sua provincia, despediu-se da redacção do « Espelho », e recebendo o diploma no dia 21 de Julho, tomou assento na camara a 22, sendo logo nomeado membro da commissão de marinha e guerra. No dia 12 de Outubro foi o orador da deputação enviada a comprimentar a S. M. I., e n'esse mesmo dia obteve a effectividade do posto de coronel.

A 18 de Agosto de 1824 foi nomeado deputado da Junta de Inspecção da typographia nacional.

Em Fevereiro de 1826 acompanhou o Sr. D. Pedro I na viagem que fez á Bahia, e sahindo do Rio de Janeiro no dia 3 tornou novamente e elle no dia 2 de Abril.

Logo depois (a 18 de Maio) foi convidado para redigir o Diario do Senado, e tendo já escripto alguns numeros d'elles despediu-se sem receber cousa alguma, pelo facto de se lhe querer taxar o trabalho; o que causou, segundo a expressão do sabio visconde de Cayrú, o silencio da confusão. Mas instado de novo para encarregar-se da redacção da Gazeta, de que se despedira em 1821, fêl-o até Abril de 1830.

Por Decreto de 2 de Dezembro de 1828 foi promovido a brigadeiro graduado do imperial corpo de engenheiros, e por outro de 2 de Dezembro de 1830 lhe foi conferida a commenda de S. Bento de Aviz. Tambem por Decreto de 24 de Dezembro d'esse anno, e despacho do concelho supremo militar de 7 de Janeiro de 1831 obteve reforma no posto de brigadeiro effectivo, com permissão para residir na terra natalicia, e escusado dos cargos de deputado das juntas da academia militar e da typographia, embarcou-se com sua familia para a Bahia a 29 de Janeiro de 1831, e ahi chegou a 21 de Fevereiro do mesmo anno.

A 14 de Março de 1832 passou pelo desgosto de perder a cara esposa, com que vivera unido por espaço de 36 annos, e por sem duvida temos que mui fatal lhe fora elle á saude, já tão deteriorada e decadente.

A 4 de Março de 1834 foi pelo governo provincial nomeado lente da cadeira de geometria e mechanica applicada ás artes, annexa ao arsenal da marinha, em cujo exercicio entrou em Agosto, de sorte

que não pode fazer logo a abertura solemne da aula,que só fez a 2 de Fevereiro do anno seguinte (1835), recitando em presença do presidente e mais autoridades da provincia um eloquente discurso que foi immediatamente impresso, e muita honra da ao autor.

Dedicando-se então todo a este magisterio, deu-se pressa em traduzir a geometria e mechanica applicada ás artes do Barão C. Dupin, para uso dos seus alumnos, vencendo a não pequena difficuldade de trasladar para uma lingua cujos individuos trazem muito á quem as suas artes, os termos da linguagem abundante da moderna industria, e vencendo-a sem incorrer nos devaneos das traducções da moda, que por torpes gallicismos e ignorancias, mais se tornam prejudiciaes do que uteis; mas só pode imprimir a geometria, que ainda hoje se usa na sobredita aula.

Entretanto tomou assento na asseinbléa provincial que primeira se elegeu na provincia, e não sò serviu em varias commissões para que foi nomeado, como tambem de vice-presidente na sessão de 1837. Nos discursos que por essa occasião improvisou, nos pareceres que deu, mostrou-se Manoel Ferreira á uma eloquente orador, habil politico e conselheiro profundo em letras e sciencias, e comtudo não houve stenographo que lhe apanhasse os discursos, que sobre aquelles meritos tinham o de serem documentos da verdade e franqueza com que em tudo elle ostentava.

Acabrunhado por continuos ataques rheumaticos, e disposto a afastar-se da cidade para sobr'estal-os, eis que apparece a rebellião de 7 de Novembro de 1837, que apressando-lhe a viagem, o levou á ilha do Bom Jesus. D'ahi mesmo escreveu ao governo legal offerecendo-se para prestar os serviços que se compadecessem com a sua idade, e ruindade de saude; o que lhe agradeceu o mencionado governo.

Em 22 de Março de 1838, estando já a cidade restaurada, regressou para ella, e mui entrado dos motivos que infelizmente concorreram para que seu filho o major Innocencio Eustaquio se envolvesse na rebellião, esperou que fizessem justiça ao caracter sempre sisudo d'este, e aos seus antigos serviços; mas illudido em tão nobre espectativa persuadido de que não era a lei que n'essa época se attendia, que a equidade era sacrificada ás sanhas do momento, não pode arrostar e resistir por mais tempo as impressões fortes que lhe causaram tamanhas durezas, quaes as que então se praticaram, principalmente com o dito seu filho: e enfraquecendo e empeiorando de continuo decahiu de todo á noticia que teve de havel-o o chefe de policia Antonio Simões da Silva mandado mudar do hospital, onde tambem se achava doente, para a cadêa da relação na noite de 30 de Agosto de 1838.

Antes d'isso Manoel Ferreira deu ainda uma prova de sua elevação. No dia 23 de Junho, em que se reuniu o concelho de guerra para julgar seu filho, compareceu elle como advogado, e insignemente o defendeu, porquanto o discurso que fez e imprimiu não é só erudição, jurisprudencia, estilo ameno, nobreza de pensamentos; é o coração contristado que se derrama em affectos, é o pai advogado que desafia a sensibilidade de homens e de juizes, é o homem encanecido no serviço do paiz, que apella para

o seu passado e para seu o nome presente, afim de dispor em pró do caro filho a benevolencia geral. Defesa brilhante, que arrancou lagrimas a todos que a ouviram, a todos os que a leram e que ainda agora enternece!!! Mas tudo foi baldado.....

Falleceu pois Manoel Ferreira de Araujo Guimarães a 24 de Outubro de 1838, com 61 annos 7 mezes e 19 dias de idade, tendo-se munido de todos os Sacramentos da Igreja. Homem de probidade, e de letras, mathematico distincto, cumpridor exacto dos seus deveres, excellente esposo e o melhor dos pais, nem foi honrado como merecera, nem recompensado como fora mister. Por isso muitas vezes elle deixava escapar suas justas queixas, pelo esquecimento em que, quasi, vivia, e que fora mui reparavel se elle não fosse do Brasil, onde parece certo que o merecimento se procura na ignorancia e na deshonra, e julga-se o demerito na illustração e na honra.

Assim que, para vingar semelhante esquecimento, e tambem para pagar tributos á gratidão, que não por outros motivos de mesquinheza humana, o autor d'esta biographia, certamente indigna de tamanho sujeito, pelo mal que vai escripta, a offerece como uma medalha de escasso thesouro para suffragar, ainda que mal, a memoria de suas eminentes qualidades.

Por Antonio Joaquim D'Amasio.

FRANCISCO DE BRITO FREIRE nasceu na villa de Coruche, situada na provincia do Alemtejo, sendo quarto filho de Antonio Fróes de Andrade Fronteiro em Tangere, e D. Catharina Freire, filha de Manoel de Andrade, commendador da Ordem de Christo, e de sua mulher D. Beatriz Freire. Na primeira idade mostrou igual genio para as letras, que para as armas, aprendendo umas com admiravel viveza, e exercitando outras com intrepido valor. O primeiro posto que teve foi de capitão de cavallos na provincia da Beira, onde crescendo com a idade o seu merecimento, passou duas vezes ao Brasil com o honorifico logar de almirante da armada de Portu-

gal, obrigando em a primeira que os hollandezes largassem o estado de Pernambuco, que injustamente dominavam, cujas capitulações se assignaram a 26 de Janeiro de 1654, e na segunda conduzindo a 28 de Julho de 1656, para o porto de Lisboa, cento e sete naus carregadas com nove milhões. Sendo governador da praça de Jurumenha, obrou acções heroicas, assim eem obsequio da Patria, como em ruina de seus inimigos. Entr as virtudes que conservou com escrupulosa observancia foi a fidelidade pára com o seu soberano, de que deu o maior testemunho quando sendo mandado, em 24 de Maio de 1669, conduzir à Ilha Terceira a el-rei D. Affonso VI, o não executou ainda com a mercê do titulo de visconde e governador perpetuo da mesma villa, cuja acção foi origem de graves calamidades, que tolerou constante, dissimulou prudente. Foi commendador da Ordem de Christo, conselheiro de guerra, almirante da armada real. Teve juizo agudo, e discrição natural e affabilidade summa. Soube os preceitos da historia e da poetica, produzindo em uma e outra arte sazonados frutos que lhe immortalisaram o nome. Morreu em Lisboa a 8 de Novembro de 1692, quando excedia a idade de 70 annos. Jaz, sepultado em Coruche, que é o jazigo dos seus maiores. Foi cazado com D. Maria de Menezes, filha de Pedro Alves Cabral, senhor de Azurara. e alcaide-mór de Belmonte, e de sua mulher D. Leonor de Menezes filha de João de Menezes alcaide-mór de Penamacor, de quem teve a Antonio de Brito de Menezes, que morreu governando o Rio de Janeiro, e a D. Josepha Gabriella de Brito, herdeira da casa, que casou a 7 de Fevereiro de 1720 com José Bernardo de Tavora, commendador de Santa Maria do Escalhão, e de Santa Maria de Midões, no bispado de Viseu, filho de Miguel Carlos de Tavora, conde de S, Vicente, e de D. Maria Caetana da Cunha, herdeira de João Nunes da Cunha, primeiro conde de S. Vicente. O. P. Manuel Luiz in Vit Princip. Theodos. lib. 1.º § 450, fallando de Francisco de Brito Freire—« de quo vere dubites aureo ne præcellentis calami, an ferreo fulminantis glandii stylo sit habendus commendabilior. » —Carvalho. Corog. Portug. Tomo 2.º Trat 8 Cap. 4. *Fidalgo mui discreto e erudito* Fr. Joan, Giusep. di S. Teres. *Historia del Brasile* part. 2.ª liv, 7, pag 189.—*Non meno spiccava nel Brito il coraggio, la vivezza, e l'ardore accompagnato da una somma avidità di acquistarsi gloria militare, egrido plausible al suo nome, huomo incalliti nell'arme, gran consiglio, gran isperiensa, e gran valore,* e pag. 204 *nella sciensa della milisia navale ebbe pochi che lo pareggiassero nella sua età.*—Franc. de S. Mar. Diar. Port., pag. 121, *insigne em acções militares.* Sousa, Historia Gen. da Casa real portug. Tom. 5.º liv. 6, pag. 226. D. Francisco Manoel-Epanaf. de Var. Historia, pag. mihi 505.—Compoz.

—« Relação da viagem que fez [illegible] Brazil a armada da Companhia, anno de 1655. » —Lisboa, por Henrique Valente de Oliveira, 1657. 12.

—« Nova Luzitania, historia da guerra Brazilica. Dedicada á alma do principe D. Theodozio. »—Decada 1.ª que comprehende

dez livros que acabam no anno de 1638,— 16 annos antes da restauração de Pernambuco.—Lisboa, por João Galvão 1675, fol. D'esta historia, e seu autor faz menção o moderno addicionador da Bib. Occid. de Antonio de Leão, Tom. 2.º, Tit. 12, col. 676.

—« Decada segunda que comprehendia a restauração de Pernambuco. » —Deixou-a imperfeita.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO.

(Extracto das actas das sessões dos mezes de Julho, e Agosto de 1844.)

125.ª SESSÃO EM 18 DE JULHO DE 1844.

PRESIDENCIA DO ILLM. SR. CONEGO JANUARIO DA C. BARBOSA.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente, o 2.° Secretario passa a dar conta do seguinte expediente:

Carta escripta de Paris pelo Sr. Letronne, membro do Instituto e guarda-mór dos archivos do reino de França, participando haver recebido com grande satisfação o diploma de socio honorario, que lhe foi conferido pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o qual offerece os seus serviços e agradece a nomeação.

De Lisboa escreve o socio correspondente o Sr. Antonio Lopes da Costa e Almeida, enviando o n. 11 dos Annaes de Marinha e Colonias, e igualmente uma memoria sobre geographia, por elle lida na sessão publica da Associação Maritima e Colonial.

O Sr. Manoel Felicissimo Louzada de Araujo de Azevedo escreve igualmente de Lisboa ao Instituto communicando-lhe achar-se exercendo o lugar de 1.° Secretario da Associação Maritima e Colonial pela ausencia do Sr. Joaquim José Gonçalves de Matos Corrêa.

Extracto de uma carta dirigida de Munich ao Sr. 1.° Secretario perpetuo do Instituto pelo socio honorario o Dr. Martius.

« 8 de Março de 1844.—Com o vivo prazer que me inspiram sempre as vossas communicações litterarias tive a honra de receber vossa carta remettida por intermedio da legação brasileira em Hamburgo; e aproveitando-me de uma opportuna occasião que se me depara pela mesma via, devo começar por vos dizer, Sr., que sensivelmente penhorado fiquei

pelas benevolas expressões de vossa amavel carta. Sei perfeitamente apreciar o suffragio de uma corporação litteraria tão esclarecida como o Instituto Historico e Geographico Brazileiro; e posso gloriar-me com bastante razão de que vossa illustre Sociedade se dignasse attribuir algum valor á fraca dissertação, que tive a honra de lhe apresentar, sobre o melhor methodo de se escrever a historia do Brazil; mas penso ao mesmo tempo que a maior parte de nossos distinctos collegas julgou as idéas enunciadas nessa memoria com a benevolencia, que quizeram outorgar, não a meus trabalhos, mas á minha boa vontade, meu enthusiasmo pela felicidade do Brazil, e minha dedicação sincera por todos os seus interesses. Muito me regozijo que vossa illustrada associação julgasse conveniente escrever uma historia do Brazil fundada sobre bases tão amplas como as indicadas em minha dissertação: mas de outro lado, Sr., e respeitavel collega, não ousarei aspirar eu mesmo á gloria de empreza tão ardua. E' bem verdade que em minhas horas de descanso me tenho occupado dos vestigios da historia antiga da America. Supponho que seria tarefa tão gloriosa, quão digna de louvor, levantar o véo que tem coberto até hoje a historia antiga da raça vermelha; mas esse grande mysterio de uma historia em que tudo se tem apagado, em que tudo é abysmo e ruina—esse grande mysterio demanda outras forças que não as minhas, um espirito profundo, caracter firme e laborioso, juizo vasto, imaginação viva, e uma faculdade de combinação rara; e além disto idade madura, mas ainda não decadente, como a minha, que em breve tocará seu decimo lustro. Entretanto, Sr., jamais perderei de vista tudo quanto tiver relação com essa historia enigmatica do Brazil, e muita honra terei em communicar ao Instituto, de tempos a tempos, os fructos de meus estudos, com tanto que os julgue digno de seu acolhimento.

« Tambem muito agradeço a bondade com que me tendes enviado a continuação de vossa Revista Trimensal, e das vossas Memorias. Com grande impaciencia espero os numeros que se forem publicando, e não me olvidarei de dar noticia dessas publicações em nossa folha litteraria—*Gelehrte-Anzeigen.*

« Permitti-me outrosim de vos significar, Sr., em nome de nossa Academia Real das Sciencias, que muito folgaria

ella de ver subsistir não interrompidas relações litterarias entre as duas corporações. Já convidei, de algum tempo, vossa illustre Sociedade para uma troca reciproca de nossas publicações, e havereis recebido em tempo competente o Almanak de 1843, que poderá vos dar uma idéa da extensão de nossos trabalhos e de nossas publicações. Nesta occasião reitero minhas instancias a este respeito, rogando vos digneis remetter tudo o que fôr publicado ahi por esse sabio Instituto, &c. »

Foi, na fórma do costume, encarregado o Sr. 1.º Secretario Perpetuo de responder á carta supra.

O Instituto incumbe ao Socio correspondente o Sr. Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa de dissertar sobre o seguinte programma:

Por que razão, sendo a util arte typographica conhecida na Europa desde o meiado do seculo 15°, tardou tanto a ser introduzida no Brazil? quaes os motivos que retardaram a sua introducção; em que parte do nosso solo trabalhou a primeira imprensa; por quem foi ella mandada vir, e dirigida; e qual a primeira obra dada á luz no Brazil? traçar, finalmente, um resumo da historia da typographia na Terra de Santa Cruz.

126.ª SESSÃO EM 22 DE AGOSTO DE 1844.

PRESIDENCIA DO ILLM. SR. CONEGO J. DA C. BARBOSA.

Aberta a sessão, lê-se e approva-se a acta da antecedente.

Expediente. —Carta do Sr. major Joaquim Candido Guillobel agradecendo ao Instituto a sua nomeação de membro correspondente, cujo diploma recebeu com grande apreço.

O socio correspondente o Sr. coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, escreve da Bahia enviando copia de um officio dirigido ao Exm. Sr. presidente daquella provincia pelo nosso consocio o Sr. conego Benigno José de Carvalho e Cunha, contendo novas noticias e indicios ácerca da antiga cidade abandonada, que se diz existir no interior do sertão da referida provincia. — Remettido á commissão de redacção para ser publicado na Revista.

Carta escripta de S. Petersburgo pelo socio correspondente o Sr. José Maria do Amaral, enviando a certidão da

matricula do poeta Thomaz Antonio Gonzaga na Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra; documento pelo qual se prova haver o mencionado poeta nascido na cidade do Porto, e não no Brazil, como era geralmente acreditado.

De Lisboa escreve ao Instituto o socio correspondente o Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen, participando ser-lhe impossivel satisfazer á commissão que, por proposta do nosso consocio o Sr. Conselheiro Mariz Sarmento, lhe fôra encarregada, por isso que o Conselheiro Costa Sampaio ainda vive, e nada tem escripto a respeito do Brazil; ficando assim sem effeito a ordem que lhe fôra dada de obter os seus escriptos.

« Agora passarei a accusar, expressa-se o nosso illustre consocio, a recepção do N.º 21 da *Revista Trimensal*, em que vem impresso o Juizo que por ordem do Instituto, transmittida por V. S., tomei a resolução de submetter à sua illustrada censura, e pedindo por via de V. S. que o mesmo Instituto fizesse cortar ou alterar todas as opiniões e idéas com que se não conformasse; não com o sentido de tirar de mim a responsabilidade, pois, ainda que ausente para assistir a discussões, a quero toda, e a quererei sempre em tudo quanto eu fizer com tanta convicção: mas nem esta teve nunca em mim a vaidade de se julgar infallivel, nem eu a de deixar de seguir os dictames de uma corporação illustre, e que além do saber, abriga em si a prudencia e o conhecimento do mundo que dá a experiencia delle. Assim, não é sem o maior reconhecimento que eu acabo de ver impresso o meu supracitado juizo, com parecer favoravel da Commissão, e approvação do mesmo Instituto, e sem alteração, salvo n'um e n'outro caso, em que talvez a rapida escripta foi causa de algumas trocas de palavras, e erratas da typographia, que julgo necessario levantar quanto antes, e por isso pedirei a V. S. a sua cooperação, para que se publique na mesma Revista. » (seguem-se varias emendas ao artigo a que allude o Sr. Varnhagen, as quaes o leitor encontrará no fim do corrente anno da Revista.)

O socio correspondente o Sr. Antonio Lopes da Costa Almeida remette de Lisboa o N.º 12 dos Annaes da Associação Maritima e Colonial, e o Tomo 3.º da Parte 6.ª do seu Roteiro Geral.

O socio correspondente o Sr. Gaspar José Lisboa escreve

de Washington offertando ao Instituto um exemplar da obra ultimamente ali publicada sob o titulo de — History of the conquest of Mexico by William H. Prescott: 3 vol. in 8.º— e a continuação dos numeros da—Pictorial History of the United States, by E. H. Butler.

Foi o Sr. 1.º Secretario Perpetuo incumbido de agradecer as offertas acima referidas.

Fizeram-se varias propostas para membros correspondentes da secção geographica: á respectiva Commissão.

Pedindo a palavra o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, communica que constando haver fallecido o nosso infatigavel consocio o Sr. José Silvestre Rebello, fôra uma deputação do Instituto, em observancia dos Estatutos, assistir ao seu funeral; e que na occasião de baixar o corpo á sepultura, elle, como orador do Instituto, e presidente da referida deputação, pronunciara o seguinte discurso:—

« Ha uma época fatal para as nações e para os homens pensadores, que é aquella em que a fouce da Morte, começa a separar a vida da geração que assistiu, que promoveu algum facto brilhante de sua historia.

« E' doloroso para a geração que a succede ver todos os dias cahirem esses monumentos vivos de sua gloria, esses homens que deveriam ser immortaes por suas nobres qualidades.

« Todos os protogonistas da scena de nossa Independencia, que ainda restam, devem ver com profunda magoa seus nobres e esforçados camaradas irem uns após outros esconder na terra o laurel conquistado em uma lucta tão nobre, que deu ao mundo mais uma nação livre, e accendeu um cyrio nesse grande throno da civilisação, cujo futuro espanta a uma abalisada intelligencia.

« Este cadaver que se vai depositar debaixo de nossa mãi commum, estes restos de um viajor incansavel, que ainda hontem eram animados por uma intelligencia, e que caminhava entre os homens com o nome de José Silvestre Rebello, nos dá hoje uma dessas importantes e sublimes lições do desengano, e nos mostra que aquelle que viveu na carreira da honra é o que vive além do tumulo.

« Aos restos inanimados de um cidadão benemerito, de um litterato tão caro ás sciencias, de um philantropo tão precioso para a nação, e de um homem firme, tão chorado por

seus amigos, venho, com meus collegas em nome do Instituto Historico e Geographico do Brazil, dizer o ultimo adeos.

« O nosso consocio José Silvestre Rebello baixa ao tumulo circulado da saudade e da gratidão dos Brasileiros: a sua vida não é uma dessas telas ornadas de quadros voluptuosos; nella não se divisam essas scenas rasteiras e prosaicas de tantos entes que parecem nascer e preencher a funcção de um numero entre os homens: elle escreveu seu nome na lista dos membros da propaganda da civilisação, e deixou após de si uma esteira luminosa de factos e de beneficios, que hão-de ser saboreados por muitos vindouros.

« A sua memoria não passará como um meteoro que se levanta da terra, e some-se sem deixar vestigios de sua passagem: a orbita que descreveu do berço á sepultura foi traçada por monumentos duraveis, e por uma modestia digna do verdadeiro sabio.

« Elle foi mandado como enviado secreto aos Estados-Unidos para tratar da nossa Independencia, e devemos a seus esforços e zelo o prompto reconhecimento daquelle facto, e a realisação de uma missão tão importante.

« Dado ás lettras por genio, cultivou as sciencias historicas e geographicas no ponto de um subido merito, e muitos outros conhecimentos adornavam sua intelligencia no que toca ás sciencias naturaes e á archeologia.

« Na Sociedade Promotora da Industria Nacional fez elle relevantissimos serviços a este Imperio; a elle se deve muito o augmento de muitas plantas uteis, e sua propagação. Como membro do Instituto Historico, escreveu muitas Memorias, e foi um dos seus mais zelosos membros.

« A reunião dos sabios e litteratos tinha todos os attrativos possiveis para sua alma, e jámais deixou de comparecer, podendo, a nossas reuniões, onde sempre o encontramos sincero enthusiasta pelos progressos da patria.

« Se em um vasto quadro se desenrolasse os immensos beneficios que um tão benemerito cidadão fez a este paiz, aqui neste lugar, neste acto o mais grave, e talvez no painel o mais sublime, seria uma quasi sombra de profanação, seria desdobrar uma pompa mundana, que contrasta sensivelmente com o que vemos, com o que sentimos em nossos corações.

« Roguemos a Deos por elle, e seja-lhe a terra leve. »

Silencioso, e com profunda dôr ouvio o Instituto a leitura do discurso supra. — MANOEL FERREIRA LAGOS, *Segundo Secretario Perpetuo.*

VIAGEM.

Feita pelo Capitão-Tenente da Armada Nacional Imperial, José Maria Nogueira, commandante do Vapor de guerra Guapiassú, primeiro que subio o Amazonas.

(Dedicado ao meu presadissimo amigo o Illm. Sr. coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.)

	Horas.	Minutos.	Total.	
Do Pará á ilha do Paquetá.	13	35		
Da ilha do Paquetá aos Breves. . . .	11	30		
—— Pará aos Breves.			25	5
Dos Breves á ilha Encantada.	17	10		
Da ilha Encantada a Gurupá.	7	20		
—— Breves a Gurupá.			24	30
Do Gurupá á ilha Grande.	16	30		
Da ilha Grande á Prainha.	16	15		
—— Gurupâ a Prainha			32	45
—— Prainha a Santarém			23	50
—— Santarém a Obidos			22	55
De Obidos ao Sitio do Padre Antonio.	14	30		
Do Sitio do Padre Antonio á Villa Nova.	9	50		
—— Obidos a Villa Nova.			24	20
De Villa Nova á serra do Paurá. . . .	14	35		
Do Paurà a Urucurituba	8	45		
De Urucurituba á Serpa.			36	15
—— Villa Nova á Serpa.			28	17
Serpa á Barra do rio Negro. . . .			217	57

Viagem do Pará à barra de S. José do rio Negro, 9 dia, 1 hora e 57 minutos.

	Horas.	Minutos.	Total.	
Do rio Negro á Serpa.			12	40
De Serpa a Urucurituba.	6	45		
« Urucurituba á serra do Paurá. . .	3	25		
Do Paurá á primeira Correnteza. . . .	1			
Da primeira Correnteza á Villa Nova. .	4	57		
—— Serpa á Villa Nova.			16	7

	Horas	Minutos	Total	
De Villa Nova à serra do Parentim.	2	11		
Da serra do Parentim ao Sitio do padre Antonio.	2	3		
Do Sitio do padre Antonio á serra do Balaio. .		36		
Da serra do Balaio á boca do rio Maracauassú.	1			
« boca do Maracauassú á Obidos	4	2		
—— Villa Nova a Obidos.			9	52
De Obidos á boca do Lago Grande	4	11		
Do Lago Grande ao Ypiranga.		18		
« Ypiranga ao Guajarâ.		13		
« Guajará á ponta da Paricatuba		33		
Da Paricatuba ao Igarapeassú	2	12		
De Igarapeassú á ponta Negra		34		
—— Obidos á Santarém			8	1
De Santarém á ponta do Urubuquacá.	1			
« Urubuquacá á ponta de E da I. do Japará. .		29		
Do Jarapá ás Barreiras do Curuhá	3	34		
« Curuhá á ponta de Mont'Alegre.	1	49		
De Mont'Alegre á Prainha.	4	33		
—— Santarém á Prainha.			11	25
Da Prainha á serra do Paranaquara.	1	10		
Do Paranaquara á serra de Jutahy.	2	58		
Da serra do Jutahy á Velha Pobre.	1	27		
« Velha Pobre á boca do Almeirim	1	38		
Do Almerim a Gurupá.	7	26		
—— Prainha à Gurupá.			14	39
Do Gurupá à Ilha Encantada.	4	44		
Da ilha Encantada à boca do Rio Limão. . . .	1	20		
« Boca do rio Limão á boca do rio Waturiatuba	5	6		
De Waturiatuba ao rio dos Breves.		32		
Do rio dos Breves aos Breves.	2	29		
—— Gurupá aos Breves.			14	11
Dos Breves à primeira ilha das Araras	3	47		
Da ilha das Araras ao Curralinho.	2	33		
Do Curralinho à Muruarú		16		
Do Muruarú à ponta mais do S. de Najatuba. .		22		
De Najatuba à fazenda Suarana		31		
Da fazenda Suarana à ilha do Paquetà. . . .		36		
Do Paquetà à boca do Atuà	7	21		
Da boca do Atuà á Carnapijo	4	53		
Do Carnapijo à Urapiranga.	2	33		
Da Urapiranga ao Parà.		55		
—— Breves ao Pará.			23	47
			110	42

Viagem da Barra de S. José do Rio Negro ao Pará, 4 dias, 14 horas, e 42 minutos.

Sahida do Pará em 28 de Julho, e entrada no mesmo a 24 de Setembro de 1843.

OBSERVAÇÕES.

1. Eu tive que lutar com uma correnteza media de tres milhas e dous decimos por hora.

2. A machina dando de 24 a 26 voltas em um minuto, com a lenha (alguma bem ordinaria) alimentada com uma quantidade muito pequena de carvão, só me dava de 12 a 16 voltas, resultando d'aqui uma dimiuuição de quasi um terço de sua velocidade.

3. A lenha denominada—procuimba—(lenha de côr parda, e cujo aspecto é ridiculo) desenvolve uma força igual a do carvão. Desta só me foi fornecida em Obidos na minha volta.

4. O Amazonas é navegavel por uma esquadra de naus, quanto ao seu fundo; tendo a notar que nos lugares estreitos até sahir ao Amazonas, indo do Pará pelos Breves, a mesma correnteza leva o navio.

5. E' navegavel a toda a hora sem receio; e é ir até onde a prudencia do prumo aconselhar.

6. Ha alguns lugares mais baixos; mas esses mesmos é de tujucó, que nenhum mal causam.

7. Eu só embiquei na volta duas vezes, mas foi por ser noite de escuro, e com a mesma facilidade com que embiquei retrocedi.

8. Os lugares onde ha pedras são poucos; e esses muito conhecidos dos naturaes.

9. Os lugares onde deve haver deposito de lenha, são, (sahindo do Pará) Breves, Gurupá, Prainha, Santarém, Obidos, Villa Nova e Serpa; na volta, Obidos, Santarém, Gurupá, e Breves.

10. Os vapores que tiverem de subir ao Amazonas com lenha por combustivel; será util levar um quinto da sua capacidade para carvão, afim de alimentarem o fogo da lenha.

11. A navegação é feita pelas margens, ora esquerda, óra direita, na distancia de um tiro de pistola, e as vezes de pimparote, e se dá fundo muito perto dellas, quer com o ferro. quer com o ancorote.

12 Foi construida esta barca em North Wales em 1841, por Rigby's, Hawarden, e tem 108 pés de quilha, 20 1|2 de boca, 11 1|2 de pontal, e 115 de roda a roda, e demanda 7 1|2 de agua: é de dous engenhos; cada um da força de 35 cavallos: porém tem capacidade para uma machina de mais força.

13. As fornalhas são para carvão, e não para lenha; porque se tivessem sido construidas para ella, qualquer lenha (supponde que toda no Amazonas é boa) desenvolveria um gaz igual ao do carvão.

14. De Santarém até a barra do Rio Negro, ella levou sempre a reboque duas canôas: uma das quaes, além de grande, ia carregada de bagagem e utensis bastantemente pesados e volumosos, de tres engenheiros que ella conduzia para a exploração da demarcação de limites, nas cabeceiras do rio Branco, com os nossos visinhos.

15. A lenha de mangue, ajudada com o carvão, notei que desenvolve mais gaz que o proprio carvão de persi só; mas seu vicio deve arruinar muito as caldeiras. Deixemos á chimica essa analyse para procurar uma composição tal no ferro, capaz de lhe resistir.

N. B. Esta viagem foi começada em 28 de Julho, e concluida em 24 de Setembre de 1843, por José Maria Nogueira.